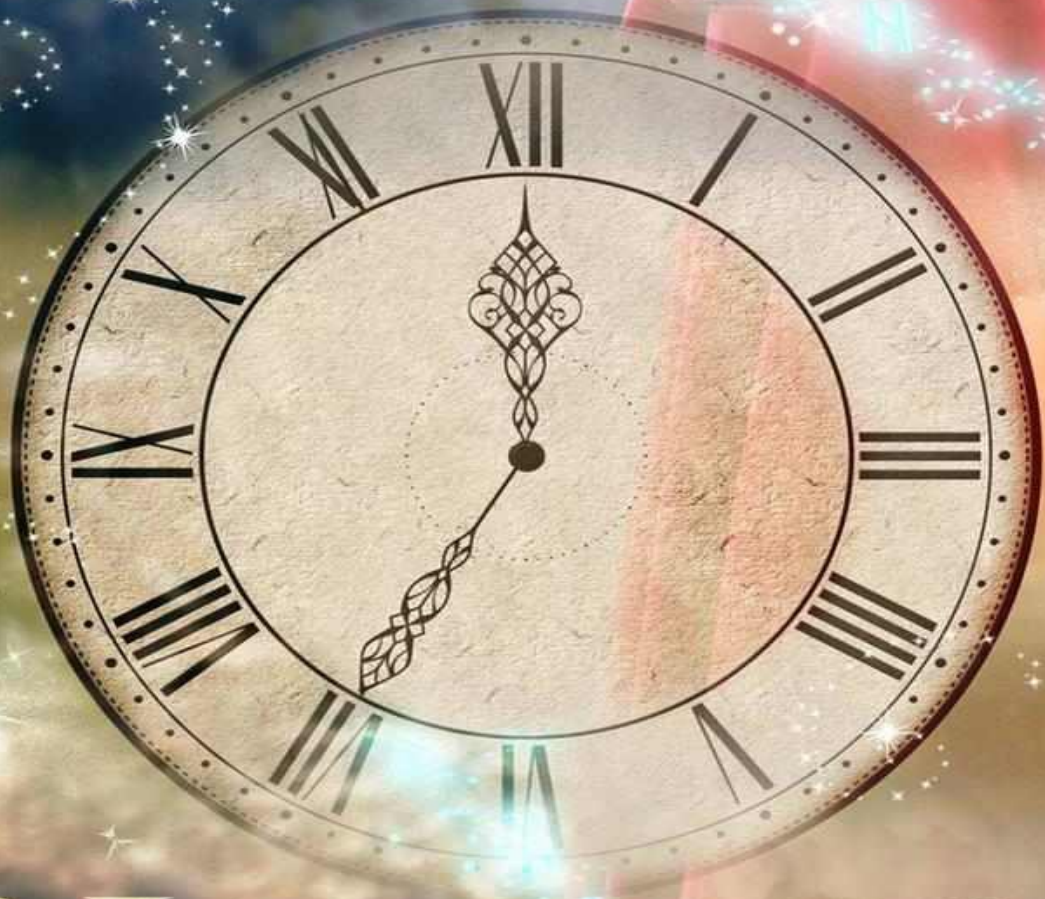


JEN MINKMAN



Noites de
Travessia
Paisagem de Sonhos

Noites de Travessia: Paisagem de Sonhos

Jen Minkman

Traduzido por Miquenia Litz



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

“Noites de Travessia: Paisagem de Sonhos”

Escrito por Jen Minkman

Copyright © 2014 Jen Minkman

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Miqenia Litz

Design da capa © 2014 Jen Minkman

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

**Venha, entre em meu devaneio
vindo de uma terra distante, forasteiro
leve-me pela mão
olhe para mim e conheça minha dor
deixe minha vida criar raízes em sua queda
enfraqueça-me, porém deixe-me firme –
e veja com os olhos de um sonhador
Sejamos um.**

Londres

Assim que saio pela porta principal do templo, o crepúsculo já está chegando.

Quando entrei na sede da Ordem hoje de manhã, o sol nem tinha saído ainda. Só agora percebi o quanto meus músculos estão tensos... um sinal de quanto tempo estive sentada lá dentro. E mais, parece que o tempo voou.

Na beira da calçada na lojinha da esquina em frente ao templo, um senhor está ocupado arrastando cestos de maçãs e bananas de volta para dentro da loja. O dia acabou, e as mercadorias que não foram vendidas precisam ser guardadas em segurança no armazém mais uma vez. O vento faz cócegas em meu rosto quando um ônibus de dois andares passa voando por mim, parando quase cem metros depois na estrada naquela estação de ônibus aonde tenho que chegar também. Rebanhos de pessoas passam correndo por mim para todos os lados, com rostos estressados e o som de seus passos apressados saltando da calçada pela Tottenham Court Road.

Na verdade, eu deveria estar com a mesma pressa... afinal, meu ônibus poderia aparecer a qualquer instante... mas o sentimento de tensão que normalmente me acompanha em meus passeios pela cidade havia desaparecido. Graças ao que aconteceu hoje. É bem estranho como sua perspectiva sobre as coisas do cotidiano pode mudar de forma tão radical em poucas horas.

Eu sabia que provavelmente o kochak me diria mais sobre as técnicas de meditação da Ordem, mas sequer poderia sonhar em conquistar tantas percepções novas tão rapidamente. Nunca pensei que poderia sentir tamanha tranquilidade e paz interior... que aprenderia a ter experiências fora do corpo por horas e, no fim do dia, perceber que este corpo é apenas uma concha. Como eram as famosas palavras que Shakespeare usou certa vez em uma de suas peças... “mortal abraço da vida”?

Para ser franca, nunca me senti assim antes... não em todos os meus vinte e dois anos andando por essa terra. Acho que isso é o que chamam de iluminação. Claro, experimentei drogas algumas vezes para me colocar em um nível superior, mas não parecia real, de certa forma. Isso parecia.

Rindo de mim mesma, agarrei minha mochila e escondi com segurança o livro que o kochak me deu antes de sair. Hora de ir para casa. Minha família me espera para o jantar.

1.

– Anda, seu miserável!

Moira esmurrou o volante irritada, dando uma longa tragada no cigarro e quase se sufocando com a fumaça. Mara-merda-vilha... era tudo o que ela precisava depois de um dia longo e infernal.

Com um gemido sufocado, ela girou a chave na ignição mais uma vez, e acabou no mesmo som engasgado do motor de seu Vauxhall se debatendo para ligar... sem sucesso.

– Dane-se. – Tirou a chave e virou-se para arrancar o celular da bolsa carteiro. Patrick ainda estava no trabalho, ele não poderia vir buscá-la. Seu irmão estaria à altura da tarefa, então, ela decidiu ligar para ele.

De canto de olho, Moira viu seu chefe espreitando no estacionamento. John Pritchard era um homem incrivelmente alto e magro, com pernas tão compridas que ela o apelidava de “O Garça” sempre que falava dele com os amigos.

Logo, John espreitou em direção a ela com suas pernas de garça e inclinou-se para espiar pela janela lateral, parcialmente abaixado para que Moira pudesse soltar a fumaça.

– Você está bem? – Perguntou.

– Uhm... não muito. – Não estava cruelmente evidente?

Ela tentou colocar um sorriso no rosto. Enfurecer-se com o chefe não era a melhor ideia... não depois de ter conseguido arruinar três pudins hoje na cozinha do hotel onde trabalhava várias noites por semana. Ela provavelmente não deveria irritar John outra vez, mas Moira teve que morder a língua para se segurar e não perder a paciência. O que esse gênio achou... que ela estava sentada ali estacionada em um carro com o radiador desligado a temperaturas congelantes por diversão?

– Acho que há algo errado com seu alternador. – John deu um toque no capô do carro. – Você não estava com problemas na bateria semana passada? Acho que a bateria não está carregando corretamente.

– Uhm. Ok. – Reconheceu – John tinha dicas úteis de vez em quando. Moira deu um sorriso mais autêntico dessa vez. – Tudo bem se eu deixar o carro no estacionamento durante o fim de semana? Vou pedir para Patrick dar uma olhada nele.

Seu namorado trabalhava em uma garagem. Ela contaria o que John falou sobre o alternador. Se ela fingisse que era uma percepção própria, Pat acharia que ela tinha um perfeito dom para a mecânica. Moira segurou o riso.

– Claro, querida. Não se preocupe. Não temos tantos hóspedes assim.

O pequeno hotel em Penmaenmawr, Gales do Norte, ficava praticamente deserto nessa época do ano, embora recentemente tivesse havido finais de semana em que Moira teve que se desdobrar para manter os hóspedes satisfeitos. Porém, ela não se importava... estava feliz com o emprego. Era perto de casa, o chefe era um sujeito decente e ela tinha tempo livre suficiente para suas aulas de Arte de meio-período na Universidade de Bangor.

– Valeu, John. Acho que vou ligar para Dai. Pode voltar para dentro, vou ficar bem. – Disse.

Enquanto o telefone tocava do outro lado da linha, Moira, distraída, observava John marchando de volta para a porta da cozinha com suas pernas de pau. Quando a chamada caiu no correio de voz, ela xingou. Por que seu irmão tinha um celular se nunca atendia? Ele seria o

assistente de médico menos confiável da cidade depois da formatura, ela refletiu com amargura. Melhor tentar com Tabitha... provavelmente já estaria em casa. Além disso, ela normalmente checava o celular com mais frequência.

Bastaram dois toques para sua irmã atender.

– *Helô?* – Ela ouviu em galês.

– Hiya, Tabby. – Respondeu com um suspiro de alívio. – *Ti'n iawn?* E aí, tudo certo com você? Olha, acho que o trambolho do carro quebrou outra vez... estou no The Gladstone.

– Ah não. Outra vez? Pegue esse bandido e reboque para o ferro velho.

– Ferro velho? Acho que não. Vou pedir para Patrick dar uma olhada. Então, Dai já está em casa? Adoraria que alguém me buscasse. Se eu tiver que ir a pé para casa nesse clima congelante, nunca mais serei feliz novamente. Nunca.

Tabby riu.

– Você é dramática, isso sim. Claro, Dai está em casa. Na verdade, ele está correndo para encontrar as chaves do carro enquanto estamos conversando. Já vamos chegar para te pegar em um minuto.

– Amo muito vocês. Nos vemos em instantes!

Moira desligou, olhando para a escuridão lá fora. Para passar o tempo, ela acendeu outro cigarro. O maço estava quase vazio... ela havia ficado estressada hoje.

Na realidade, o plano era parar de fumar meses atrás, mas não era fácil... Patrick fumava como uma chaminé, mesmo sendo *ele* quem tinha sugerido que ela parasse. Pois seria “muito melhor para ela”, segundo ele. A melhor coisa, na verdade, seria Patrick parar de criticá-la e, em vez disso, olhar fundo e firmemente para si mesmo. Aquele punheteiro.

Moira soltava o ar com força, massageando a testa, tentando afastar uma dor de cabeça incômoda. Ela estava sendo ranzinza e irracional. Seu namorado era um doce e sempre tentava cuidar bem dela. Ele conhecia suas fraquezas e tudo o que ele queria era ajudá-la... mesmo não sendo um exemplo muito bom para si mesmo. No dia seguinte, ela tentaria outra vez. Ela não compraria mais cigarros depois que aquele maço acabasse. Assumidamente, ela não fazia ideia de como lidar com isso, o que ela faria com a constante onda de adrenalina incontrolável que passava por seu corpo, mas a Ritalina que estava tomando há algumas semanas deve ajudar nisso. Ela não precisará mais de nicotina para conseguir relaxar.

Uma pontadinha de inveja incomodou seu coração quando ela pensou em Dai e Tabby, o irmão e a irmã. Os gêmeos não carregavam nenhum gene do TDAH... aparentemente foram todos para Moira. Embora estivesse com vinte e um anos agora, ela nunca havia se sentido exatamente como uma adulta responsável. Tudo ao redor a agarrava pelo pescoço, fazendo com que ela agisse rápido e pensasse pouco nas coisas, tarde demais.

Sem sua imprudência imbecil, ela nunca teria caído do telhado no ano passado... certeza absoluta. Uma cicatriz horrorosa ainda desfigurava seu joelho, porém sua perna quebrada havia sido curada sem complicações, felizmente. Entretanto, aquelas oito semanas com a perna engessada vieram com um bônus inesperado... ela teve um tempão para trabalhar em seu portfólio. Quando dezembro se aproximou, ela tinha muitos desenhos e quadros novos para mostrar aos colegas, ainda que eles parecessem estar com um pouco de inveja do acidente. Além disso, os tutores ficaram bem impressionados.

Moira deu um pulo no banco quando o telefone tocou fazendo-a acordar para a vida.

Apertou o botão para atender a chamada de seu irmão.

– Hiya, Dai. Você já está a caminho? – Ela perguntou impaciente.

– Estou entrando no carro agora. Você precisa que eu leve uma corda para rebocar?

– Não, não se preocupe. O Garça disse que eu poderia deixar o carro aqui durante o fim de semana. Vou pedir para Pat dar uma olhada nele hoje à noite.

– Você acha mesmo que ele vai se preocupar em consertar seu carro depois do trabalho? É sábado à noite. A única coisa que Pat vai querer fazer é ir ao pub e tomar umas cervejas, pense nisso. Vamos rebocar seu adorável Vauxhall para casa e estacionar na frente.

– Não diga isso. Claro que ele vai dar uma olhada nele hoje à noite.

Dai soltou um suspiro longo e sofrido do outro lado.

– Vou levar a corda para rebocar caso precise. Até mais.

Moira desligou, arremessando o telefone para dentro da bolsa com um mau humor terrível. Ela estava com um humor sombrio hoje, e com certeza isso não estava ajudando.

Após mais uns dez minutos, seus irmãos entraram no estacionamento com o Nissan de sua mãe. A essa altura, o sol já havia se posto completamente, então essa carona era uma dádiva dos céus.

– Senhorita Llewellyn? Você pediu assistência na estrada?

Dai colocou a cabeça para dentro depois de abrir a porta, com um sorriso largo em seu rosto pálido e o cabelo ruivo tão bagunçado que parecia ter passado por uma explosão. Dai, Tabitha e Moira herdaram o cabelo ruivo do lado paterno da família, que chamavam de “A Praga dos Llewellyn”.

Moira não pôde deixar de rir.

– Que porcaria é essa, o que você fez com seu cabelo? Parece que você passou por um furacão.

– Hum, nada. Esse é o problema. Tabby me arrastou do banho e me enfiou no carro antes que tivesse tempo de me olhar no espelho. Ela disse que não precisava de gel.

Tabitha o cutucou de lado.

– Gel deveria ser a última coisa a passar pela sua cabeça quando sua irmã está quase morrendo congelada esperando você nessa velharia. Seu diva. – Ela deu um sorriso arreganhado para Moira.

– Vamos, me ajude a engatar aquela corda para podermos rebocar o carro até em casa.

Moira saiu e seguiu as instruções de Tabby. Logo, eles tinham prendido o cabo com segurança, deslocando um carro atrás do outro com muito cuidado. Moira e Tabby estavam dirigindo o Nissan enquanto Dai controlava o volante do carro que estava quebrado. Ele se sentia mais confiante do que Moira naquele momento. Os dois carros lentamente rasgaram o caminho pela cidadezinha do País de Gales, em direção à casa dos Llewellyns na Paradise Road.

– Meu Deus, que dia! – Moira jogou a bolsa na espreguiçadeira ao lado da lareira em sua aconchegante sala de estar, pois estavam finalmente seguros em casa. Ela estendeu as mãos por um instante para aquecê-las na chama.

– O que temos para o jantar?

Sua mãe emergiu da cozinha.

– Pizza. – Respondeu. – Não estava disposta a fazer uma refeição daquelas, então peguei uma comida prática na Co-Op. A propósito, vamos jantar fora amanhã, porque Tad está vindo para casa.

O pai de Moira trabalhava como gerente no Lloyds TSB, pendulando entre a casa, a sede do banco em Londres e a filial em Bangor. Ultimamente, ele havia ficado muito tempo em Londres, onde precisavam dele vários dias por semana, assim, quando chegava em casa depois desses períodos de ausência, a mãe parecia estar dando uma festa.

Marc Llewellyn era tão impulsivo e irritadiço quanto Moira. No ano passado, voltou para casa correndo, em um piscar de olhos, quando soube da notícia da pequena façanha dela no telhado da estação de trem local. Trabalho e Londres eram as últimas coisas em mente na ocasião.

Distraída, Moira esfregava a mão na cicatriz do joelho enquanto Dai colocava alguns copos e garrafas de refrigerante na mesa de centro. O acidente virou sua vida de ponta cabeça, além disso, ela estava tão derrotada na noite em questão que a razão de sua ascensão-e-queda induzida por álcool foi enxugada de sua memória... e, da mesma forma, as lembranças daquela noite nunca foram retomadas. Na verdade não. Às vezes, ela sentia como se estivesse quase tocando uma lembrança do que sucedeu naquela noite, as palavras que ela disse para o namorado, mas que em seguida desaparecia. Patrick teve que contar a ela o que aconteceu.

Segundo ele, ela teve um daqueles lapsos de espontaneidade outra vez, pensando que seria divertido subir no telhado da estação de trem do povoado e roubar a bandeira galesa do mastro logo acima da entrada como um tipo de troféu patriótico. Infelizmente, o telhado inclinado estava mais escorregadio do que ela esperava, com consequências desastrosas. Devido ao musgo viscoso embaixo dos pés, misturado com a neve que havia caído, e a confusão de seu cérebro embriagado, ela havia conseguido desabar para a plataforma mais de quatro metros abaixo e quebrar a perna no processo.

Quando ela acordou no hospital, a última coisa que se lembrava de ter feito era jogar dardos com Patrick no Bron, o pub local. Ela não se recordava de nada sobre o acidente, ou da razão de estar na estação a princípio.

Não era de admirar que Patrick quisesse protegê-la de si mesma sempre desde o incidente. Ele nunca entendeu a razão de ela ser sempre tão efervescente e impetuosa... ele chamava isso de imaturidade... e insistiu para que ela marcasse uma consulta com o clínico geral para que ele fizesse alguns exames e observasse mais de perto o “comportamento anormal” dela. Então, ela

acabou que ela realmente tinha TDAH. Antes, eles só faziam piadas tontas sobre isso.

Meia hora depois, a família toda, menos o pai, estava sentada em frente à TV, pizzas grandes nos pratos em seus colos. O toque de piano da novela *Eastenders* fluía dos alto-falantes da TV.

– Então, o que temos planejado para amanhã? – Dai balbuciou em meio a um pedaço de pizza, erguendo a cabeça em direção a sua gêmea Tabitha. – Bem, imagino que você vá nos surpreender com alguma atividade fabulosa de Halloween?

Tabby deu um sorriso vaidoso.

– Imaginou certo.

– Não vou me vestir de bruxa outra vez, ok? – Moira avisou a irmã. – Aquela maquiagem verde idiota que você passou em mim para a festa do ano passado não saiu completamente. Ficou no meu rosto por três dias. Pat disse que eu parecia uma vampira. Para não mencionar o fato de que era bem inviável ser uma bruxa com a perna engessada.

Fazer algo para o Halloween era uma tradição dos irmãos. Tabby vinha com os planos, e Moira e Dai obedientes aceitavam tudo o que ela sugeria. Ela era a única a bancar a Wiccana nessa região do País de Gales, portanto, se *eles* não quisessem comemorar o Halloween com Tabby, ela faria tudo sozinha.

Tabitha não pôde deixar de rir.

– Não, prometo que não passarei maquiagem em você este ano. Quero fazer um... tipo um pequeno ritual desta vez. No Meini Hirion.

Dai olhou de lado com uma cara feia.

– O que, você está falando do círculo de pedras?

– À noite? – Moira gritou, parecendo ainda mais preocupada.

O círculo de pedras construído pelo povo da Idade do Bronze... depois batizado pelos druidas devido à lenda local falha... ficava no alto das colinas à beira dos penhascos de Penmaenmawr, onde o vento uivava implacavelmente dia e noite e o ar nunca ficou realmente quente, nem mesmo no verão. Nada poderia arrastá-la para aquele lugar depois do anoitecer, fosse Halloween ou não.

– Não, claro que não podemos ir à noite. – Tabby respondeu, sacudindo a cabeça. – Vamos ao restaurante, lembra? Meu plano é ir às três. E, de qualquer forma, não vai escurecer muito. Amanhã tem lua cheia.

– Não sei, Tabs. – Dai resmungou. – Que tipo de ritual?

Tabby encolheu os ombros.

– Só... um jeito de contatar os espíritos de nossos antepassados. Para eu levantar o véu e olhar o outro mundo apenas por alguns instantes. Se nos sentarmos dentro do círculo, meu feitiço terá mais efeito, eu acho. E precisamos de três pessoas, claro.

– O poder do três, innit? – Moira riu, citando a gíria de família usada no programa de TV *Charmed*.

– E isso é o que você chama de “só um pequeno ritual”? – Dai riu, estendendo a mão para despentear o cabelo da irmã fazendo um emaranhado. – Lá vai você, bruxinha. Agora seu cabelo está tão ridículo quanto o meu.

Sian Llewellyn pigarreou.

– Hum, queridos? Vocês estão falando junto com o Alfie. – Apontou para a TV.

– Desculpe, mama. – Murmuraram em uníssono. A mãe não assistia TV demais, porém, ninguém deveria interferir na hora de *Eastenders*.

Eles comeram o resto das pizzas em relativo silêncio. Depois do jantar, Moira foi para o quarto trabalhar nos esboços que tinha que mostrar para a professora na próxima segunda-feira. Deveriam ser esboços de natureza morta, mas ela ainda não havia conseguido nada interessante.

Todos os outros esboços espalhados na escrivaninha não faziam parte da tarefa de segunda-feira. Na noite passada, ela estava ao telefone com Holly, distraída, rabiscando na folha de papel perto do laptop. Para sua surpresa, ela havia conseguido desenhar um lindo olho sem fazer tentativas. Olhos eram sua maior pedra de tropeço... sempre que ela tentava fazer retratos, nunca conseguia capturar a luz nos olhos das pessoas de forma convincente, como os artistas realmente habilidosos que conseguiam uma boa semelhança no papel. Assim, do rabisco da noite passada havia ficado um esboço de um belo olho cor de avelã matizado com pontos mais claros dourados... como se houvesse suplicado para ser pintado. Incentivada por sua aptidão repentina para desenhar olhos, ela tentou mais alguns, e aquelas tentativas também foram bem sucedidas. Infelizmente, a professora não se interessaria por desenhos de olhos nem um pouco, então ela teria que inventar algo mais antes que o final de semana acabasse.

Assim que ela colocou o lápis no papel o celular tocou.

– Hey, Pat. – Atendeu em inglês. – Terminou de comer?

– Quase. – Patrick murmurou, obviamente ainda mastigando alguma coisa. – Você vem para o pub? Já estou aqui. A mama não estava em casa e eu não estava disposto a cozinhar, então estou comendo um hambúrguer com batatas.

– Ah, hum, é... Moira se atrapalhou. – Na verdade, eu esperava que você pudesse me buscar. Meu carro quebrou novamente. Há algo errado com o alternador.

Patrick resmungou.

– Então preciso ir até sua casa agora, antes de beber outra lager. Mas, você terá que passar a noite comigo. Não posso te levar de volta para sua casa hoje à noite.

Moira olhou seus desenhos de lado. Ela realmente gostaria de trabalhar neles depois que o pub fechasse às onze.

– Bem, eu poderia pedir para Dai me buscar depois.

– Passe a noite comigo, querida. – Disse Patrick. – Já faz tempo, você sabe do que estou falando?

– Yeah, sei. É que... ainda tenho uma tarefa para fazer.

– Você pode terminar no domingo. Então, te vejo daqui a pouco, certo?

Moira suspirou em silêncio.

– Yeah, ok, até já. – Respondeu resumindo.

Com uma careta, ela olhou os esboços para os quais ela *não* teria tempo no domingo, ao contrário das reivindicações de Patrick. Amanhã, depois do café da manhã na casa de Pat, ela estaria plantada no círculo de pedras, em alguma trilha esquecida por Deus, com Dai e Tabby. E depois que Tabby tivesse terminado sua pajelança pagã, eles teriam que se apressar para chegar a tempo do jantar com o pai. Depois, ela provavelmente estaria cansada demais para trabalhar em seus desenhos.

Com um profundo suspiro de frustração, ela se levantou e deslizou os desenhos para dentro da grande pasta que ela guardava no canto, perto da escrivaninha. Perdida em seus pensamentos,

Moira parou diante de seu cavalete, onde uma obra de arte completamente inacabada olhava para ela. Ela havia pintado uma paisagem completamente escura com uma glória-da-manhã laranja-avermelhada amanhecendo no horizonte, mas ela não tivera tempo para inserir mais detalhes. Era como se a tela estivesse prendendo a respiração, convidando-a a considerar cuidadosamente o que deveria ser a peça central do cenário, temendo que ela tomasse a decisão errada. Pensamentos melancólicos como aqueles estavam fluindo nela com muita frequência ultimamente. Eles a atormentavam... principalmente a ideia de que ela estava estragando tudo. Uma sensação de insatisfação, pois seus novos remédios estavam diminuindo sua intuição. Temia que nunca mais ter sensibilidade suficiente para criar verdadeiras obras de arte.

Com um mau humor inflamado, ela se sacudiu e se olhou no espelho para passar um pouco de maquiagem. Os efeitos colaterais desapareceriam gradualmente... foi o que o médico disse. Ela estaria feliz se encontrasse mais equilíbrio em sua vida.

Quando a campainha tocou lá embaixo, Moira pegou a bolsa na cama e fechou a porta do quarto, deixando a tela semipreenchida para trás como uma pergunta sem resposta.

2.

Estridente, o bipe agudo arrancou-a do sonho.

– Desliga o bendito despertador. – Moira lamentou, abrindo um olho, bem apertado.

A dor de cabeça persistente e a boca seca com que ela acordou fez com que se lembrasse da noite passada. Ela havia bebido demais, por pura frustração. Patrick havia dito a ela com todas as letras que só poderia olhar o carro dela na segunda-feira à noite, porque ele não queria trabalhar no domingo. Na verdade, não era uma grande novidade... de fato, era bem justo. Ela estava aborrecida pelo fato de que Dai, mais uma vez, estava certo sobre o namorado dela. Tudo bem. Só porque Patrick não estava disposto a arrumar o carro da namorada em um domingo não significava que ele era um imprestável que ficava sempre coçando. Patrick só precisava de um dia livre sem ninguém o incomodando, só isso.

Resmungando, ela refletiu sobre muitas coisas que passaram pela cabeça, virando um litro de lager sozinha depois que Patrick foi para a esquina jogar dardos com os amigos. Além disso, eles também começaram uma grande discussão quando Moira disse a ele que iria sair para fumar.

– De qualquer forma, fumei meio maço no trabalho hoje. – Rosnou. – Você acha mesmo que esse único cigarro vai fazer toda a diferença? Assim que acabar esse maço, vou parar. Além disso, por que você não cuida da sua vida?

Mais tarde, no quarto dele, ele a beijou e a acariciou em todas as partes até a raiva sair dela completamente. Ele até riu quando ela acendeu último cigarro depois do sexo.

– Isso significa que foi bom, certo? – Brincou.

O despertador escandaloso não parava, então Moira abriu os dois olhos dessa vez, olhando todo o quarto para localizar o despertador de Patrick. Que estranho... a coisa nem estava ligada na tomada. E o namorado não estava em lugar algum que ela pudesse encontrá-lo.

– Pat! – Gritou. – Que bendito barulho é esse?

Passos se arrastaram escada acima e corredor adentro. Então, Patrick enfiou a cabeça na porta.

– É o detector de fumaça. – Respondeu agitado. – Estou pegando a escada para poder arrancar essa coisa irritante do teto. Fique calma.

Moira o ouviu saindo, esmurrando o armário do corredor para tirar a escada e levá-la para baixo. Um minuto depois, um silêncio abençoado tomou conta da casa. Quando Patrick entrou novamente no quarto, estava equilibrando dois pratos nas mãos.

– Café da manhã na cama. – Sorriu. – Incluindo um serviço de despertador especial para ruias fofas com ressaca.

Moira sentou-se direito.

– Ô, isso é tão lindo! O que você preparou?

Patrick deslizou para baixo das cobertas e ficou perto dela.

– Bem, primeiro fiz ovos mexidos e torradas, depois, incinerei algumas tiras de bacon. – Explicou. – Por isso o alarme de incêndio. Tive que atender uma ligação do meu chefe, então, não estava cuidando da panela. – Ele mostrou os pratos. – Felizmente, tínhamos mais bacon, e a tentativa número dois ficou bem melhor.

Moira sorriu, passando os dedos pelo cabelo loiro platinado encaracolado dele.

– Obrigada. Parece tudo delicioso. E você tem razão, estou bem acordada agora.

A luz do sol estava começando a aparecer em uma fresta da cortina. O que era uma boa notícia... pelo menos o ritual de Halloween no Meini Hirion não seria acompanhado de chuva caindo sobre eles. Parecia que seria um belo dia.

– Algum plano para hoje? – Moira perguntou, mordiscando um pedaço de torrada com geleia.

– Nada especial. Bem, vamos jantar fora hoje à noite, innit? E você?

– Dai e eu vamos com Tabitha para uma celebração de Halloween.

Uma expressão sombria atravessou o rosto de Patrick.

– Cara, vocês ainda fazem isso? Quantos anos tua irmã tem agora?

– Vinte. E o que isso tem a ver com idade? Ela acredita nessa coisa, é sua religião. Ela não chama *você* de imaturo porque vai à igreja no Natal.

– Não. Simplesmente não consigo entender porque você cede aos caprichos dela assim.

Moira mordeu a língua para se segurar e não repreendê-lo. Ela não iria por esse caminho outra vez. Eles discutiram sobre isso antes, e ela prometeu para si mesma que simplesmente aceitaria o fato de que Patrick era muito mais pobre de espírito que ela. Ele nunca iria mudar, e ela não precisava que ele concordasse com ela. Pelo menos ele não se juntou aos populares da escola como antigamente... as crianças que maltratavam Tabby por causa de suas crenças. Ele tinha até batido no menino que pintou WRACH DRWG – BRUXA MALVADA no armário de Tabby porque ela ficou muito chateada por sua irmã ser chamada de nomes sórdidos. Patrick cuidou dela desde que eles começaram a namorar no Nono Ano. Honestamente, parte do motivo de ele ter nocauteado o valentão da Tabby foi porque ele temia que ela fizesse isso sozinha. O ensino médio foi uma época difícil para ela, pois ainda não conseguia controlar muito bem a si mesma nem seu temperamento.

– Então, uhm, vou me sentar ao lado de uma bruxa à mesa do jantar essa noite? – Patrick rompeu o silêncio, com um brilho brincalhão em seus olhos acinzentados. – Devo usar uma fantasia verde combinando?

Moira explodiu em risadas.

– Não, não haverá trajes dessa vez. Vamos ao círculo de pedras para um ritual Wiccano. Eu disse à Tabby que não daria as caras se envolvesse qualquer maquiagem dessa vez.

– Um ritual? Algo com um tabuleiro Ouija?

– Não, seu paspalho. Algo mais.

Na verdade, ela não fazia ideia do que exatamente Tabby estava preparando, mas ela conhecia a irmã bem o suficiente para desconsiderar qualquer invocação de espíritos perigosa. Distraída, Moira esfregou a testa.

– Sua cabeça ainda está te incomodando? – Patrick perguntou gentilmente, entregando-lhe uma xícara de café forte. – Talvez isso te fará sentir melhor.

Ela aceitou o café, gratamente.

– Valeu. Isso normalmente engana, sim.

– Você tomou seus comprimidos?

Moira sacudiu a cabeça.

– Não, esqueci.

– Não se esqueça de tomá-los quando chegar em casa, tá? – Ele lançou um olhar de falsa aspereza.

– Sim, doutor. – Murmurou obsequiosamente.

Na verdade, ela não se importaria em pular os comprimidos por hoje. Porque isso também significava pular a náusea e as palpitações cardíacas... os efeitos colaterais comuns. Na noite anterior, ela não tomou nenhum comprimido também, de propósito. Os remédios de TDAH e a bebida não combinavam muito bem.

Finalmente, Patrick a deixou em casa por volta do meio-dia. Dai e sua mãe haviam ido à igreja, e Tabby havia monopolizado o sofá na sala de estar, montanhas de velas pretas e livros de magia sobre as almofadas ao redor dela.

– *S'mae*. E aí, se divertiram essa noite? – Perguntou com um sorriso.

– Foi tudo bem. – Moira respondeu. – Fiquei um tanto bêbada demais.

Tabby soltou o ar bruscamente.

– Pff. Tá.

Moira franziu a testa.

– O que você quis dizer com “tá”?

– Ah, nada.

– Não, não faça isso. O que é?

Tabby colocou uma das velas pretas, que ela estava decorando, sobre a mesa com força.

– Você sempre bebe demais quando você sai com Patrick. Por que você faz isso?

Moira piscou perplexa com sua irmã.

– Não é sempre que bebo demais quando estou com ele! – Contestou.

– É sim.

– Não é não.

– É *sim*. – Tabby insistiu. – Sempre que vamos para o pub só nós três, você toma algumas cervejas e pronto. Você só bebe como um marujo quando está com *ele*.

Moira abriu a boca, depois fechou novamente. Legal... ela fez um bico de peixe. As rugas na testa ficaram mais fundas quando ela olhou para Tabby.

– Você está falando sério? – Perguntou pausadamente.

Tabby encolheu os ombros.

– Tenho certeza absoluta de que estou certa. – Murmurou.

– Ah. – O olhar fixo de Moira flutuou para o chão. – Não sei por quê. Olha, vou terminar umas coisas lá em cima, tá? – Abruptamente, virou-se e correu escada acima.

Seu quarto ainda estava tomado pela escuridão, pois ninguém havia se preocupado em abrir as cortinas. Talvez ela devesse deixá-las fechadas por enquanto... a luz branda da lâmpada de mesa seria mais agradável para os olhos.

Moira acendeu a luz da mesa e virou-se para o cavalete. Indecisa, ela vasculhou o jarro na mesa, cheio de pinceis. Estendeu a mão para ligar o velho som, inundando o quarto com o ressoar de baterias psicóticas dos Slipknot. Apertando a língua nas bochechas profundamente concentrada, Moira pintou uma única estrela brilhante sobre o horizonte em seu quadro.

– A estrela da manhã. – Disse suavemente. Ela ainda não sabia o que mais deveria estar no quadro, mas a estrela parecia perfeita.

Como que ela ficou tão irritada ontem? Tabby estava certa... ela não deveria ter bebido tanto. Com pinceladas violentas, Moira aplicou uma segunda camada de tinta azul escuro e preto no topo da paisagem envolta pela escuridão.

Ela estava limpando os dedos com um pouco de solvente quando a porta da frente se abriu lá embaixo. Dai e a mãe voltaram tarde. Provavelmente eles tiveram ensaio do coral porque os dias do Advento logo começariam. Dai era um sucesso com o pessoal do coral por sua voz de barítono forte e melodiosa. No passado, ele havia conseguido pegar muitas garotas com seus talentos musicais... além de ter uma linda voz cantando ele também tocava piano muito bem. Holly não resistiu quando ele gravou uma música especial de dia dos namorados para ela. Ela se desmanchou por ele. Moira e Holly sempre foram melhores amigas, mas as coisas entre Holly e o irmão de Moira só começaram a esquentar recentemente. Fazia pouco mais de seis meses que eles haviam se tornado um casal.

– Holly vai ao jantar conosco? – Moira perguntou depois de descer as escadas voando quase se chocando com Dai na entrada.

Dai sacudiu a cabeça.

– Ela não pode. Na verdade, eu também não, mas venho de qualquer jeito. Tem ensaio da banda essa noite. Holly precisa muito ir... eles não podem fazer muita coisa sem a baterista, obviamente.

– Ah bem, vocês chegam depois do jantar. Normalmente vocês ficam tocando até as dez pelo menos?

– Yeah, eu posso. Ele colocou a mão em seu ombro. – Por falar em ensaio da banda, quando nós dois vamos escrever uma música para a The Grotto?

Ela encolheu os ombros.

– Quando eu estiver inspirada. – Ela costumava escrever muitas letras para as músicas que Dai compunha para a banda, mas havia mais de um ano que ela não escrevia nada. – Eu chego lá.

O irmão sorriu.

– Claro. Quem sabe poderíamos sentar para uma sessão de composição no intervalo do Natal.

Moira se encolheu um pouco. Natal? Com certeza... por que não adiar até rolar o Ano Novo enquanto ela se dedicava a isso? A esperança era que ela terminasse o quadro também na hora que a torre do relógio em Westminster fizesse a contagem regressiva dos últimos segundos para a meia noite.

Moira fatigada esfregou a testa assim que Tabitha chegou à porta.

– Prontos para o estrondo? – Perguntou, arreganhando um sorriso entusiasmado para eles.

– Parece que *você está*. – Moira inclinou a cabeça em direção à mochila de Tabby, abarrotada com a parafernália pagã. Uma vela preta e um livro de magia estavam saltando pela borda.

– Meu estômago é a única coisa estrondosa. – Dai brincou. – Então vamos embrulhar o almoço.

– Fechado. – Tabby riu. – Vamos rápido. A senhora Parri vai dar uma carona para subirmos a Mountain Lane e não precisarmos caminhar até o estacionamento em Snowdonia.

Às duas em ponto, os três saíram da casa em direção à senhora Parri, a velha professora do primário, que foi buscá-los depois do serviço na igreja. O dia ainda estava lindo.

A velha senhora buzinou para algumas ovelhas saíssem do caminho na subida, acenando para se despedir dos Llewellyns quando desceram do carro no início da trilha em direção ao Parque Nacional Snowdonia.

Subir pelo atalho público do estacionamento até o círculo de pedras era uma tarefa árdua. Moira tirou seu casaco de inverno no meio da subida para se refrescar.

À sua frente, Dai e Tabby seguiam em direção ao planalto que ladeava o litoral e as montanhas de Gales do Norte. A luz brilhante do sol transformou o cabelo deles em auréolas avermelhadas. O ar estava pungente com o aroma herbal das folhas caídas e da terra molhada, e os pássaros cantarolantes estavam nas árvores desfolhadas e nos arbustos ao longo do caminho.

Quando saíram da floresta escassa que contornava a baía, eles não estavam mais protegidos do vento. Sentindo um calafrio, Moira vestiu seu casaco. Na encosta, ela podia ouvir o trem intermunicipal em direção a Holyhead assoviando nos trilhos ao longo da costa. Ou talvez ela estivesse apenas imaginando que o som vinha do trem... também poderia ser o vento implacável batendo nas falésias. Afinal de contas, o trem não era tão rápido. Ela mesma havia estado nele muitas vezes.

– Que tal dar um tempo? – Tabby perguntou, olhando sobre o ombro e observando Moira paralisada.

– Pensei que você nunca perguntaria. – Dai respondeu, arrancando um pacote de bolinhos galeses de sua mochila de alpinista. – Estou com fome.

– Qual a outra novidade? – Moira sorriu ironicamente. – Fico pensando onde você coloca tudo isso, sua vareta gigante.

Os três se sentaram em um pedregulho rachado à beira do caminho. O vento ainda estava fresco e enérgico, mas o sol estava tão forte que não fazia diferença. Na parte baixa do vale, eles podiam ver Penmaenmawr se estendendo sob um céu azul claro. O Mar da Irlanda se abria ao longe, o azul infinito apenas interrompido pela mancha verde e marrom da Ilha de Puffin fora da costa. Moira podia distinguir o contorno indefinido da península de Anglesey mais distante. Atrás deles, as montanhas de Carneddau se levantavam, seus topos irregulares se projetavam no horizonte nebuloso.

Eles estavam seguindo a rota turística que levava ao círculo de pedras. No verão, muitos trilheiros pegam esse caminho, saindo e chegando em Penmaenmawr, atravessando o círculo de pedras aproximadamente na metade do caminho. De acordo com o folheto do Centro de Informações Turísticas, o percurso inteiro leva mais de três horas para ser concluído, mas eles nunca levaram tanto tempo. Moira, Dai e Tabitha eram trilheiros experientes, graças aos pais. O senhor e a senhora Llewellyn insistiam em levar as crianças a longas caminhadas para explorar a natureza todos os finais de semana, na época em que o senhor Llewellyn estava menos

ocupado.

Entretanto, nessa hora, o atalho estava praticamente vazio. Eles só esbarraram em um andarilho solitário na subida para as charneças selvagens acima da cidade deles. A estrada estava vazia, íngreme e se arrastava caminho acima como uma cobra rochosa e cinzenta.

– Então, por que exatamente estamos indo para o Meini Hirion? – Moira, curiosa, perguntou à irmã, quando Tabby começou a remexer em sua “bolsa de bruxa”.

Tabitha sorriu timidamente.

– Bem – eu esperava que Nain e Taid entrassem em contato conosco hoje. Se o véu entre nosso mundo e o deles estiver levantado, eles podem falar comigo mais uma vez. Ou, sabe, talvez eu possa simplesmente dizer oi. Dizer que não os esqueci.

Moira colocou um dos braços no ombro de Tabby. Então era isso... sua irmã realmente ainda sentia saudades dos avós. Fazia dois anos que ambos faleceram com poucos meses de diferença um do outro.

– Eles sabem que você ainda se lembra deles. – Dai disse, ao ouvir as palavras dela. – Aposto que eles nos observam do céu todos os dias. Ou de Summerland, ou de Annwn, ou seja lá como você queira chamar.

Moira sorriu se divertindo enquanto Tabby e Dai discutiam sobre a outra vida animados. Seus irmãos provavelmente eram as únicas pessoas na terra que nunca brigavam por religião. Os gêmeos eram polos separados quando o assunto era sua fé, mas de certa forma, suas diferenças de credo nunca acabavam em conflito. Quanto a ela... não sabia bem em que acreditar.

Havia vida após a morte? Provavelmente.

Como deveria ser? Ela não fazia ideia.

Ela tinha curiosidade em descobrir se o ritual de Tabitha funcionaria realmente. Vovô e vovó Anwell eram os únicos avós que ela havia conhecido... os pais de seu pai já haviam falecido quando ela nasceu.

– Vamos, mexam-se. – Moira sugeriu. No momento que ela estava sentada, o suor em suas costas, causado pelo esforço anterior, fez com que ela arrepiasse. Tabby e Dai concordaram, e ambos ficaram de pé novamente. Eles ainda tinham uma subida dura pela frente até chegar ao velho círculo de pedras.

Ao longo do caminho, que agora não era mais uma única trilha pela grama alta, arbustos pequenos de mirtilos e urzes que se esticando para cumprimentar o sol com suas folhinhas. Moira observou sua irmã se curvando para pegar alguns ramos das plantas de urze que ainda desabrochavam. Talvez ela precisasse deles para o ritual. Afinal, como ela pretendia manter as velas acesas com o vento batendo na planície?

Moira estava tão mergulhada nos pensamentos que nem notou que haviam chegado ao topo da colina onde estava o círculo de pedras até que Dai a cutucou.

– Chegamos. – Disse, apontando para as pedras cinzentas que quebravam a monotonia da charneca verde e marrom mais acima.

Mesmo que as pedras não fossem altas nem pairassem sobre eles como o famoso monumento Stonehenge, o círculo druida ainda passava uma impressão marcante a Moira toda vez que eles iam lá.

– Você pode sentir os espíritos. – Patrick disse a ela uma vez com um sorriso de

provocação quando ele foi a uma das caminhadas da família.

Para ela, era bem óbvio o motivo pelo qual o Meini Hirion atraía fanáticos da Nova Era... as pedras de certa forma exalavam o poder dos antigos. Elas tiveram que ser transportadas para o topo das falésias uma a uma há milhares de anos, carregadas pelos trabalhadores de tribos primitivas que desapareceram há muito tempo. Isso tinha algo mágico.

– Dai, você pode desembulhar o mini forno? – Ouviu Tabby pedir.

Só agora ela viu o que Dai arrastava em sua enorme mochila... era o lampião abastecido com bioetanol que ele sempre usava no quintal quando as noites ficavam frias.

– Vamos acender uma fogueira? – Riu.

Tabby concordou com a cabeça.

– Sim. É uma parte importante do ritual Samhain acender um fogo e fortalecer o sol para darmos energia a ele para sobreviver ao inverno. Mas não acho muito inteligente acender uma fogueira aqui, e todo esse vento e aqueles arbustos de urze secos por toda parte.

– Onde você quer colocar isso? – Dai disse, puxando o lampião e uma garrafa de etanol de sua bolsa.

– No meio do círculo. – Tabby respondeu. – Bem, não precisa ser tão exato. Você não precisa usar a fita métrica.

Ela se ocupou com as velas pretas que havia trazido, colocando todas as cinco em castiçais de vidro altos e acendendo-as uma a uma. As pequenas chamas tremiam e dançavam agitadas, mas as velas continuavam acesas. Os suportes as protegiam do vento forte.

– Estou fazendo um pentagrama imaginário. – Explicou para Moira. – Uma vela para cada elemento – terra, ar, água, fogo e éter. Depois, vou desenhar um círculo onde temos que sentar enquanto invoco as quatro direções.

Moira lançou um olhar de admiração para a irmã.

– Uau. Onde você aprendeu tudo isso?

– On-line. – Tabby respondeu secamente. – Não há convenções perto de nossa cidade, então...

– Bem, fico feliz que sejamos úteis.

Tabitha sorriu.

– Yeah, eu também.

Elas fora em direção a Dai, que havia conseguido um fogo bom e quente no mini forno enquanto isso. Moira sentou-se no chão ao lado do irmão enquanto Tabby andava em volta deles e fazia seu círculo.

– O que ela está espalhando em volta de nós? – Moira sussurrou.

– Sal. Acho que ela pegou o pote de sal da cozinha. – Dai deu um sorriso.

Dai estava certo... Moira lembrou-se que Holly havia dito uma vez que o sal afasta os espíritos maus, de acordo com a sabedoria antiga. Holly estudava Religião e Sociologia e sabia tudo de misticismo, sistemas de crenças, magia e mitologia.

Tabby sentou-se diante deles para o fogo ficar no centro do triângulo que eles estavam formando.

– Prontos? – Perguntou-lhes.

Dai e Moira concordaram, olhando curiosos para Tabby. Ela pegou outras três velas na bolsa e colocou-as nos suportes de vidro em frente de cada um deles sem acendê-las. Então, ela

se esticou para segurar nas mãos deles.

– Vamos nos dar as mãos e formar nosso próprio círculo durante todo o ritual. – Determinou.

Moira, obediente, deu a mão para Dai e Tabby enquanto a irmã suavemente começava um encantamento.

– Da Donzela à Progenitora à Idosa. – Entoou. – Deusa da morte e do renascimento, ouça e observe sua filha. Eu reverencio a Vós e a Vosso domínio. Coloco-me humildemente diante de Vós, pedindo Vosso favor e bênção. Peço-te, levante o Véu entre os mundos, e permita-me conversar com meus ancestrais em Annwm, a Summerland, neste tempo fora do tempo.

Um estranho silêncio atravessou a charneca. Moira sentiu calafrios, não porque o vento estava frio, mas porque ele de repente e inexplicavelmente parou. Ela olhou para a irmã, mas Tabby estava fitando a chama do lampião. Os olhos de Moira se arregalaram quando a vela diante de Tabby espontaneamente irrompeu em chamas.

– Ai meu Deus! – Sibilou. – Dai! Você viu isso?

O irmão olhou ainda mais pálido que o normal, seus olhos cravaram na vela a seus pés... que logo começou a pegar fogo, também.

– Alg... alguma coisa está realmente acontecendo. – Gaguejou. – Não devíamos... – Sua voz sumiu.

Moira não respondeu. Ela souou quando a última vela, a *dela*, também incendiou no silêncio sobrenatural que os cercava.

– Porcaria. – Ela sussurrou, fechando os olhos bem apertados.

No mesmo instante, um barulho ensurdecedor encheu os ouvidos dela e o mundo inteiro ficou mais escuro que a noite.

A Terra Fora do Tempo

Moira abriu os olhos, mas a escuridão não diminuiria. Ela estava parada em uma paisagem obscura, completamente escura, a única fonte de claridade era um pequeno fio de luz no horizonte. Virou noite de repente... ou manhã?

Dai e Tabby estavam ao lado dela, olhando ao redor deles boquiabertos.

– Uhm... onde estamos? – Moira perguntou ansiosa. Sua voz estava estranha... como se ela estivesse abafada em uma caixa de algodão que enfraquecesse todo o som.

– Não faço a menor ideia. – Tabitha admitiu com sinceridade. Ela deu um passo à frente e caiu de joelhos. – Não na charneca, com certeza. Isso é areia.

Eles estavam no meio de um deserto?

– Você acha que *aqui* é a Summerland? – Dai perguntou, desorientado. – Não estou tão empolgado com a luminosidade do sol, para ser honesto.

Moira deu risadas nervosas.

– Então isso não é apenas um sonho?

– Um sonho que nós três estamos tendo ao mesmo tempo? – Tabby retrucou um tanto irritada.

– Bom, como eu poderia saber? Talvez vocês nem estejam aqui e eu esteja inventando tudo isso.

Do nada, Dai beliscou o braço dela.

– Ai. – Moira resmungou. – Por que você está fazendo isso?

– Ah, só para ver se é você de verdade.

Moira cravou um soco vingativo no ombro de Dai, fazendo-o resmungar.

– Sou eu mesma. – Respondeu.

– Uhm, vocês estão vendo isso? – Tabby olhou para frente. – Parece estar um pouco mais iluminado lá. Por que não vamos lá dar uma olhada? – Ela apontou na direção de um lugar além do monte de areia ao lado do qual eles estariam logo.

Ela estava certa... um brilho fraco parecia vir de trás do monte.

Moira seguiu Tabby e Dai. Acima do horizonte, ela podia decifrar uma única estrela brilhante. Ou talvez era Vênus.

Com um suspiro, ela desacelerou quando percebeu algo importante. Ela *conhecia* aquela paisagem. O céu escuro, a luz no horizonte e a estrela da manhã acima da linha do horizonte. Ela havia pintado exatamente essa paisagem horas atrás. Essa era sua obra atual em andamento.

Moira inadvertidamente trombou com Dai quando ele parou de repente na frente dela. Ela xingou em silêncio, esfregando o ombro dolorido e afastando-se. Definitivamente, isso não parecia um sonho de jeito nenhum, mas tinha que ser. De que forma ela tinha acabado na paisagem de seu subconsciente? Era tudo muito enigmático, para falar o mínimo.

– Por que você parou? – Murmurou para o irmão.

Dai não respondeu. Ele apontou para um círculo de luz misterioso, visível ao pé da próxima duna de areia. Era um anel que parecia ser feito do ouro mais puro e luminoso, projetando sua luz radiante sobre os grãos de areia ao redor.

– Mas que...? – Moira começou, mas calou-se quando olhos mais de perto.

No meio do círculo estava um homem, vestido com um casaco preto longo. Ou melhor, não era um homem de verdade. Ainda não. Era um cara jovem da idade dela, Moira reconheceu

depois de dar alguns passos cuidadosos à frente acompanhando a vigília dos irmãos. O jovem estava com os olhos fechados, o capuz do casaco obscurecia sua face e moldava uma sombra estranha sobre as agudas maçãs do rosto.

– Ok, qual é a dessa esquisitice toda? – Dai resmungou desnorreado. – Tabitha, é aqui que você entra e explica o abracadabra.

Tabby levantou as mãos se desculpando.

– Quem me dera. – Exclamou frustrada. – Eu sei tanto quanto vocês. Digo, não pensei nem por um segundo que minha magia realmente nos levaria a algum outro lugar! Não era minha intenção. Só queria falar com nossos avós. Como eu poderia saber quem é esse sujeito?

Com um nó na garganta, Moira foi impelida a puxar a irmã para dar um abraço consolador.

– Vamos resolver isso. – Ela a acalmava. – Logo vamos acordar. Não há nada errado. Vamos, não é possível que *realmente* estejamos em algum outro lugar, é? Isso é impossível. Deve ser um... um sonho coletivo de algum tipo. Você está melhor nessa história do que imagina. Você lançou um feitiço em nós, e agora estamos tendo alucinações.

Dai deu mais um passo à frente, observando cuidadosamente o cara encapuzado.

– Parece que ele está dormindo. – Disse suavemente. – Ou meditando.

Moira esgueirou-se em direção ao irmão, depois se agachou para tentar olhar o cara de perto. Sem pensar muito, ela empurrou o capuz para trás.

Para sua total surpresa, o jovem no círculo tinha dois piercings na sobrancelha esquerda. Uma parte da pele tatuada aparecia na gola da camiseta. Tinha a barba por fazer há dois dias, e o cabelo preto brilhava com a luz fraca do círculo ao redor dele. Ele parecia bem mais moderno que ela esperava a princípio, por estar vestindo uma espécie de manto de mago. Parecia que ela havia esbarrado nele em algum clube de rock moderno em Bangor... exceto pelo traje medieval, obviamente. Moira não podia deixar de olhar para ele fascinada.

– O que você está *fazendo*? – Tabby chiou em pânico. – Você não podia tocar nele! Ele poderia ser um espírito mau.

– Sério? Parece que ele saiu de um show com sua banda punk. – Dai comentou secamente. – Você acha mesmo que esse cara é do mal?

Moira ouvia distraída a briga dos irmãos sobre o jovem estranho que estava diante deles. Era como se as vozes deles viessem de longe e fossem afastadas por uma bolha imaginária à prova de som que rodeava o cara misterioso e ela. O ar ao redor deles se difundia com uma energia dos antigos, fazendo com que uma sensação de calor fluísse por todo seu corpo. Essa garoto não parecia perigoso de jeito nenhum.

Inesperadamente, os olhos dela se encheram de lágrimas. Moira segurou um soluço pesaroso que borbulhava em seu peito. Era estranho... era como se ela pudesse sentir o que *ele* estava sentindo. Se realmente era uma alucinação, então era o sonho mais bizarro que ela já havia tido, isso estava claro. Ela olhou a mão, repousando fora do círculo de luz. Estava estranhamente quente. Talvez o calor estivesse emanando do anel de luz. Na verdade, o círculo não parecia muito simpático, de certa forma.

Ela tocou a areia cuidadosamente ao lado do círculo de luz. Prendeu a respiração quando um novo pensamento lhe veio à mente de forma abrupta. Muito claro e sem erro, como se houvesse brotado ali naquele instante.

Ele caiu em uma armadilha. O círculo o fez prisioneiro e não o libertaria.

– Temos que quebrar o círculo. – Moira murmurou. Quando ela percebeu que Tabby e Dai não haviam escutado, ela repetiu as palavras, levantando a voz:

– O círculo precisa ser destruído. Para podermos libertá-lo.

Tabby olhou para Moira como se a irmã tivesse perdido o juízo.

– Você nunca pode simplesmente destruir um círculo mágico. – Disse, com uma indignação contida em sua voz. – Suponha que ele *precise* estar neste círculo. Talvez essa seja a única coisa que nos protege dele. O que você acha que aconteceria se o libertássemos?

– Ele não é perigoso. – Moira resmungou inflexível. Sua mão parecia mover-se por conta própria, tocando a areia reluzente do anel luminoso.

Tabby correu em direção a ela e agarrou-a pelo punho.

– Não seja teimosa. – Implorou. – Vamos embora logo.

– Claro, yeah, vamos continuar vagando por um deserto totalmente escuro, desamparados por Deus como um bando de idiotas. – Moira respondeu com sarcasmo. – É a melhor ideia nessa circunstância, sério. Sabe, na minha opinião, é bem mais promissor acordar esse roqueiro-punk-com-a-cabeça-no-mundo-da-lua e perguntar em que fim de mundo estamos.

Dai interveio.

– Ei, não briguem. Isso é inútil. – Ele lançou um olhar curioso para Moira. – Por que você acha que ele não é perigoso?

– Eu posso ver. – Indiscutivelmente, ela tinha certos defeitos, mas sua intuição era sempre certa, e o irmão sabia disso muito bem.

Dai virou-se para Tabitha.

– Por que não seguir a sugestão de Moira? – Perguntou suavemente. – Quem sabe, o sujeito pode realmente nos ajudar. Você não sabe um jeito melhor do que o nosso para sair dessa bagunça, sabe? Se precisar, você desenha uma segunda linha em volta da primeira para que ele não consiga nos atacar ainda que ele seja perigoso no fim das contas. Tenho certeza que você pode fazer isso.

Tabitha concordou sacudindo a cabeça lentamente.

– Ok. – Ela disse, ainda meio relutante. Dando um passo à frente, começou a invocar as direções.

Moira olhou para o céu, que estava salpicado de estrelas e ela nem havia notado isso antes. Ela tinha certeza de que elas não estavam brilhantes daquele jeito, e parecia que a intensidade aumentava à medida que Tabby invocava a cada direção. Um vento suave voltou. A brisa tinha cheiro de lugares distantes, de temperos exóticos e de um tipo de amor que só havia em contos de fadas.

Com um suspiro profundo, Moira olhou para trás no círculo e seu coração quase parou. O jovem havia aberto os olhos.

Ele a olhou com surpresa, mas sem medo. Seus olhos eram cor de avelã, com manchinhas douradas pontilhando as íris em volta das pupilas. Olhos de uma beleza sublime. Olhos que ela conhecia muito bem, na verdade. Ela mesma havia desenhado aqueles olhos, desperdiçando folhas e mais folhas de papel com algo em que ela nem precisava trabalhar.

– Dai. – Chiou. – Ele está nos olhando. – Ela cutucou o irmão de lado.

Dai virou-se, chiando entre os dentes.

– A magia de Tab deve estar funcionando. – Concluiu. – Ei, é impressão minha ou está

ficando mais claro por aqui?

Ela concordou. Os olhos castanhos do rapaz estavam atentamente fixos nela. Ela ficou sem ar. Quem era ele? E por que ela havia desenhado seus olhos antes de encontrá-lo em um sonho?

– O círculo está traçado. – Tabitha interrompeu a linha de pensamento da irmã. Ela recuou e olhou para Moira. – Agora é com você.

Moira engoliu seco, tentando acalmar o coração que estava saindo pela boca.

– Vai. – Dai encorajou-a gentilmente. – Siga sua intuição.

Parecia que Dai falava essas coisas para ela desde que ele começou a falar. E ela sabia que ele tinha razão. Ela podia sentir que esse jovem não era mau, não podia? Ela só precisava ajudá-lo.

Quando ela ultrapassou a linha invisível do círculo de proteção de Tabby, ela sentiu um calafrio. Ela engasgou, agachou-se diante do cara encoberto, colocando as mãos na areia iluminada pelo anel de luz. Os olhos dela estavam fixos em seus dedos cobertos de areia. Se ela olhasse nos olhos dele novamente, ficaria ansiosa demais para terminar o que havia começado. Droga, por que esse cara veio até ela desse jeito? Por que garotos bonitos nunca haviam ficado de boca aberta diante dela antes.

– Você está livre. – Disse suavemente, com um tom de voz semelhante ao que Tabby sempre usava durante seus rituais e magias. Com um gesto resolutivo, colocou a mão em cima do círculo luminoso e arrancou um pouco dos grãos brilhantes, rompendo o círculo de vez.

O resultado foi espantoso. O anel de luz incendiou completamente na escuridão, queimando de modo tão vivo que Moira teve que fechar os olhos. Atrás dela, Dai e Tabby gritavam surpresos. Então, um grande estrondo ressoou no ar quando a luz desapareceu.

Cuidadosamente, ela abriu um pouco os olhos. O manto do jovem havia mudado de cor... o tecido era muito preto, mas havia se transformado em um vermelho intenso e abundante. As bordas douradas luminosas, dando ainda mais destaque às manchinhas cor-de-mel dos olhos dele. A luz dentro do círculo havia praticamente se dissipado, mas dessa vez uma auréola de luz rodeava o jovem.

Moira cambaleou para trás.

– Você está livre. – Cochichou novamente.

Ele se firmou sobre os pés, tirando a areia das roupas antes de olhar para ela com um sorriso enfraquecido.

– Obrigado. – Disse. Sua voz era sagaz e melódica. amigável.

Moira se afastou mais um pouco quando o rapaz colocou um pé fora do círculo, prendendo a respiração por um instante como se tivesse medo que seus dedos queimassem. Como nada aconteceu, ele saiu completamente e concordou.

– Esse é o começo. – Murmurou. Ele não estava falando com ela... parecia que estava se dirigindo a si mesmo, lembrando-se de algo que havia esquecido, desenterrando um conhecimento que havia aninhado no profundo de sua mente.

Depois disso, o mundo ao redor deles escureceu.

3.

Uma rajada de ar frio fez com que ela voltasse a si.

Moira sentiu calafrios com o vento que uivava nas planícies do Meini Hirion. Ela estava no chão, com uma vela preta queimada aos seus pés. Dai e Tabby estavam vigilantes e olhavam ao redor com o semblante perplexo. Suas velas também haviam queimado completamente.

Moira olhou para o céu ensolarado. Parecia que o sol não havia se movido nem um pouco. Além disso, eles haviam passado um bom tempo naquele outro lugar. E as velas estavam queimadas. Como foi possível?

– Amado Deus. – Dai irrompeu. – O que *foi* aquilo? – Piscou para Tabby.

Não parecia que ela daria uma explicação lógica para o que havia acabado de acontecer.

– Então... vocês também viram aquilo? – Murmurou suavemente. – Eu... eu pensei que estava sonhando.

– Foi o que pensei. – Dai e Moira disseram em uníssono.

– Um sonho coletivo. – Tabitha disse lentamente. – Não foi isso que você disse, Moira? Deve ter sido isso que aconteceu.

– Engatilhado por sua magia. – Dai acrescentou. – Entretanto, que mundo dos sonhos era aquele onde fomos parar?

– Honestamente, eu não faço a menor ideia. – Tabby respondeu.

– Talvez eu tenha influenciado nosso sonho. – Moira sussurrou. – Aquela paisagem... bem, eu estava trabalhando em uma pintura retratando exatamente a mesma coisa. Isso não pode ser uma coincidência, pode?

Ela sentiu uma angústia de remorso repentino quando percebeu algo. Se eles realmente tivessem experimentado um sonho coletivo, significaria que o cara de cabelo escuro no círculo não existia. Ela nunca descobriria o motivo de ele estar preso lá, pois ele seria apenas um produto de sua imaginação.

– Que horas são? – Dai perguntou naquele instante, com uma voz confusa. Aparentemente, ele também havia notado a inércia do sol no céu. Parecia que o tempo não havia passado desde que eles caíram no sono juntos.

Moira arrancou o celular do bolso da calça.

– Três e meia. – Disse, olhando para a tela. – É como se o tempo não tivesse passado mesmo.

– Tempo fora do tempo. – Tabby disse lentamente. – Isso é o Halloween. É passar por um portal para chegar a um mundo diferente onde o tempo não existe.

Eles se sentaram ali em silêncio, pensando no que havia acontecido, até que Dai se levantou deu alguns pulos para se aquecer novamente.

– Podemos limpar esses castiçais? – Sugeriu, sem comentar sobre a estranha realidade de eles haverem queimado sem o tempo passar no mundo real. Uma ruga de preocupação se formou em sua testa.

– E aí? – Moira indagou suavemente quando começou a ajudar o irmão entregando-lhe os castiçais vazios. A irmã estava ocupada desfazendo o círculo de bruxa que havia traçado antes.

– Não me sinto muito bem com isso. – Dai admitiu. – Acho que invocamos algo que não pudemos controlar. – Ou melhor... – Lançou um olhar oblíquo para Moira. – Que *eu* não pude controlar.

Moira levantou uma sobrancelha.

– Ah, e eu pude?

Ela se mexeu desconfortável quando Dai ficou quieto.

– Yeah. Tive a nítida impressão de que você conseguia perceber aquele mundo, por algum motivo estranho. – Disse finalmente. – E aquele cara punk também conseguia, a propósito. Ele sabia o que precisava ser feito, e você também.

– Bom, posso garantir que não entendi o que estava acontecendo de jeito nenhum. E aquele cara sequer existe. Inventamos ele entre nós, ok? – Ela não percebia o sarcasmo irritado na própria voz.

Dai prudentemente decidiu não comentar.

– Vamos logo para casa. – Tabby disse, juntando-se a eles com uma cara de tacho. – Não estou disposta a tentar mais nada. Foi agitado demais.

Moira e Dai colocaram os braços nos ombros dela.

– Talvez o que você esperava não aconteceu. – Dai respondeu. – Mas pelo menos você não precisa mais duvidar de seus poderes.

– É verdade. Você é ainda mais bruxa do que pensava. – Moira acrescentou com um sorriso largo.

Tabby deu uma risada.

– *Cau dy ben*. – Mandou a irmã calar-se, indignada.

– Ei, não precisa ficar chateada. Isso foi um elogio, minha Irmã Malvada do Oeste.

– Ra. Mas não foi isso que pareceu.

Continuando naquela onda de conversa fiada, eles atravessaram as charnecas para voltar ao caminho para a encosta. O clima estava mudando... nuvens escuras vinham do mar, e a temperatura baixou. Felizmente, eles voltaram para casa sem serem pegos por uma tempestade.

– Olha, Tad já está em casa! – Moira exclamou animada quando subiu a estrada e notou o carro do pai na frente da garagem. – Ele chegou primeiro.

Parecia que Marc Llewellyn havia montado guarda na janela da cozinha esperando os filhos. Ele saiu e veio dar um abraço caloroso em cada um.

– Como foi o outono confuso? – Perguntou. – A mamãe disse que vocês estavam fazendo um tipo de ritual de Halloween? – Ele os examinou com expectativa, como se tivesse esperança de que eles tirassem um monte de abóboras gigantes da mochila de Dai.

– Yeah, bem... – Tabitha gesticulou indecisa. – Subimos no círculo de pedras. Nada especial. Não vamos nos fantasiar esse ano, então você não precisará ficar envergonhado quando formos ao Bunker's Bistro essa noite.

O senhor Llewellyn sorriu.

– Vocês nunca me envergonham, querida. Não me importo, podemos todos voar para o Bunkers em um cabo de vassoura. Economizaremos com o estacionamento, pense nisso.

Tabby fez uma careta meio ofendida e sumiu para dentro.

Moira agarrou no braço do pai.

– Como foi em Londres, Tad?

– Correria. – Disse suspirando. – Como sempre. Não me importaria de trabalhar na agência de Bangor com mais frequência, desde que ficasse mais em casa com vocês. Mas a sede de Londres está muito satisfeita com meu trabalho, eles vivem dizendo isso.

– A praga dos talentosos. – Moira concordou, compreensiva. – John faz a mesma coisa comigo. Ele sempre me coloca nos horários mais corridos do dia porque consigo gerenciar a pressão muito bem, pelo menos é o que ele diz.

Marc virou-se para falar com o filho.

– A Holly estará conosco essa noite?

– Não, ela não pode. Tenho que deixá-la para o ensaio da banda logo antes do jantar também. Vou tocar um pouco antes da galera sair para a noite.

– Mande lembranças a ela. Por que você não a convida para jantar esta semana? Posso preparar algum prato indiano se estiver disposto.

Dai deu um sorriso pateta. O senhor Llewellyn era famoso por preparar o melhor curry de toda a Penmaenmawr, e Holly era sua maior fã. Mesmo antes de começar a namorar Dai, ela sempre dava um jeito de estar por perto depois de fazer a tarefa com Moira quando Marc fica ocupado na cozinha, esperando um convite para o jantar.

– Mas Patrick estará conosco esta noite. – Moira disse. – Só vou subir para me trocar e ligar para ele.

Ela subiu as escadas correndo e abriu a porta do quarto, evitando intencionalmente olhar a pintura no cavalete. Em vez disso, Moira fixou o olhar no closet, no canto esquerdo, mas quando ela andou em direção ao cesto para jogar as roupas sujas lá, ela não conseguiu se conter e acabou olhando de lado para sua obra de arte. Uma paisagem escura, a luz do amanhecer no horizonte... e a estrela brilhante acima. Parecia claramente semelhante ao mundo misterioso onde os três foram parar.

Pensativa, ela ficou de pé diante da pintura e, distraída, pegou um pincel fino que estava na escrivaninha. Sem colocar tinta na ponta, ela tocou a tela e desenhou um círculo imaginário no chão no meio do cenário. Talvez ela pudesse...

Naquele instante, o celular vibrou no bolso. Moira piscou confusa, soltando o pincel antes de atender ao telefone.

– Hiya, Pat. Eu ia te ligar. Tad já está em casa. Quando você chega?

– Que tal agora? – Riu. – Estou aqui embaixo. Você queria que eu desse uma olhada no seu carro, innit? Por que você não dá um pulo na garage e traz as chaves?

– Ah, sério? Seria brilhante! Obrigada, amor. – Moira desligou, com um sorriso largo no rosto. Que fofo da parte dele... ele iria olhar o carro dela depois de tudo. Ela não deveria ter feito aquele rebuliço na noite passada.

– Droga, está chovendo. – Comentou assim que pôs os pés na porta da frente e viu Patrick em pé na porta da garagem. – Começou agora?

Ele fez uma careta.

– Yeah, por isso eu adoraria terminar de consertar seu carro antes do jantar. Eu vim a pé, então...

Moira abriu a porta e acendeu a luz. Patrick carregou sua mala de ferramentas para dentro e abriu o capô para ver qual era o problema.

– O alternador pode estar oscilando. – Moira disse prestativa, lembrando de repente as considerações do chefe.

Patrick murmurou evasivo, arrancando uma lanterna do bolso de seu casaco.

– A correia está muito frouxa. – Concluiu após alguns instantes de inspeção. – É por isso

que o alternador não está carregando a bateria. Vou apertar.

– Obrigada. – Ela deu um beijo alegre na bochecha dele. – Vou poder dirigir para irmos ao Bunkers mais tarde.

– Deixe que eu dirijo. – Patrick respondeu indeciso. – Está caindo um pé d'água. Além disso, você não enxerga bem à noite. Vamos para casa em segurança esta noite.

– Não tenho que te deixar no centro da cidade? – Moira perguntou hesitante, enquanto tentava entender a razão de Pat achar que ela enxergava mal à noite. Será que é porque ela havia trombado acidentalmente em uma cerca de piquete no escuro, poucos dias depois de passar no exame de direção?

Patrick puxou-a para seus braços, com um sorriso no rosto.

– Não precisa. Vou voltar para sua casa.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não tenho tempo esta noite. Ainda preciso fazer muito trabalho para a Facul. Não consegui trabalhar nisso o dia todo.

– Bom, não vou te incomodar. – Patrick alegou, se soltando dela com um passo atrás.

Moira franziu a testa.

– Mas você vai. Pat, você sabe disso. Sempre que estou fazendo arte, preciso ficar sozinha, senão me distraio. É uma tarefa difícil por si só, ainda mais agora, tomando aqueles comprimidos. Te expliquei isso, certo?

O namorado olhou ofendido.

– Uau. Cuidado para não me afogar na sua torrente de amor. – Fez uma careta – Só quero ficar. Qual o maldito problema se eu ficar na sua cama assistindo TV enquanto você se enrola com suas tintas e pinceis?

– Tem. Tem *sim*. – A voz dela tremeu. – Não estou dizendo que você está fazendo algo errado. É que, francamente, não consigo me concentrar com gente por perto.

Patrick virou-se para olhar o carro novamente.

– Acho que tenho que dar o meu melhor nisso ou terei que voltar andando para casa esta noite. Disse mal-humorado, com a cara fechada.

Moira ficou ao lado do Vauxhall, gesticulando meio prestativa. Quando Patrick ficou quieto e com os olhos na correia que estava tentando apertar, ela virou-se e saiu da garagem pisando alto, se segurando para não perder as estribeiras com ele e piorar as coisas. Por que ele não entendia que ela precisava de um espaço para ela às vezes? Há quanto tempo ele a conhecia? Qual era o maldito problema dele?!

– E aí, Pele-vermelha Nuvem-trovoada. – Dai brincou quando ela esbarrou nele no corredor. – Sua cara está a completa expressão da ruína. Patrick declarou a morte do seu carro ou algo assim?

– Não. – Resmungou. – Pat está apertando a correia agora. Meu carro vai ficar bem.

– Por isso o seu humor radiante. – Dai a segurou quando ela quis passar por ele. – Sério, o que houve?

Moira olhou para o chão.

– Sou estranha, e ninguém me entende. – Murmurou carrancuda. – Nem mesmo as pessoas mais próximas.

Dai colocou a mão no ombro dela.

– Querida irmã. Posso não entender cada passo que você dá e cada atitude sua, mas aceito você do seu jeito. Isso basta para você?

Subitamente, brotaram lágrimas nos olhos dela.

– Sim. – Suspirou. – É mais que suficiente. – Ela aceitou um abraço de urso de Dai, se perguntando o tempo todo por que aquelas palavras a haviam tocado tão fundo. Talvez ela estivesse um pouco estressada... qual outra razão para ela se desmanchar assim no meio de uma conversa?

Naquela noite, os Llewellyns foram recebidos com entusiasmo pelo dono do restaurante, que conhecia todos eles há anos. Ele imediatamente perguntou onde estava Holly, pois era a única que estava faltando na comitiva habitual.

– Por que você não leva comida para sua namorada? – Disse, fazendo um floreio ao colocar uma embalagem na mesa para Dai. – Cortesia para você.

– Ela vai gostar. Oba. – Dai sorriu para o dono antes de se virar para Moira. – Você vai deixar Pat na cidade esta noite, certo? Posso pegar uma carona com você também? Vou me tornar eternamente amado entregando um taco mexicano com queijo extra para a baterista da The Grotto.

– Claro. – Moira havia se oferecido para ser a motorista nomeada após o jantar – Dai e Patrick estavam bebendo cerveja.

– De volta à escola amanhã. – Tabby lamentou. – Não quero levantar cedo. Esses horários estão me matando.

– Pare de resmungar. – Moira disse. – Você só tem que ficar sentada no ônibus cinco minutos. Eu preciso viajar até Bangor de trem e nunca consigo nem sentar porque sempre pego a hora de pico.

– Mas pelo menos Holly está lá te acompanhando. – Tabby assinalou.

O pai interveio.

– Por que não pedir o sundae de creme gigante para a filha que tem a vida mais desventurada? – Brincou.

– Yeah! – Moira e Tabby gritaram, agitando os cílios, ambas brincando de “garotinha do papai”.

– Bem, vejamos. – Marc Llewellyn coçou o queixo, simulando um homem afundado em pensamentos. – Moira – você precisa viajar *até* Bangor de trem amanhã, mas depois de chegar lá você poderá relaxar. Se enrolar com suas pinturas a dedo, pinceis e enfeitiños.

Moira engasgou indignada.

– Me enrolar?

– E Tabitha. – O pai continuou impassível. – Você só precisa viajar por cinco minutos, porém, temo que aquelas crianças do jardim de infância em sua escola de estágio vão enrolar *você*. Provavelmente com pinturas a dedo.

Dai começou a rir.

– Bem, e eu? Sempre tenho que ouvi-las reclamar.

Marc concordou.

– Na mosca. Você pode ser o mais lastimável de todos.

Moira se recostou na cadeira e observou alegre toda sua família reunida ali à mesa. Deveria ser sempre assim. A família era muito unida, então tornava-se ainda mais difícil o fato de o pai não aparecer muito ultimamente. Seu olhar virou-se para Patrick, que ainda estava um

pouco aborrecido após a discussão na garagem. Enfim, que pena. Ela não iria se submeter a ele. Ela tinha que trabalhar nos esboços esta noite ou ela estaria bem encrocada amanhã.

– Diga oi à Holly por mim? – Gritou para Dai depois de deixá-lo na rua principal. – Diga a ela que nos encontramos na estação às oito amanhã de manhã.

– Eu digo. – Prometeu. – *Nos da.* – Desejou boa noite.

– Para você também.

Quando Moira seguiu pela rua, Patrick abaixou o volume do rádio.

– Ei, querida. – Começou, deslizando a mão por cima da mão dela no volante. – Estou com saudades. Me perdoe por reagir daquele jeito.

Moira relaxou os ombros um pouco. Só agora ela percebeu que eles estavam tensos.

– Está tudo bem. – Murmurou.

– É que, você tem estado tão ocupada ultimamente. – Continuou. – Todas essas tarefas que você tem que fazer para a Facul... você também sente saudades de mim, não é?

Ela olhou de lado.

– Claro. Tudo vai se acalmar em breve. – Era difícil para ele ser sempre paciente com ela e suas coisas estressantes... ele trabalhava em tempo integral e frequentava as aulas duas vezes por semana à noite. Ele tinha uma vida completamente diferente.

– Então, o que aconteceu hoje à tarde? – Patrick continuou.

Moira franziu a testa.

– Por que você acha que aconteceu alguma coisa?

Ele deu de ombros.

– Sei lá. Posso ver nos seus olhos... de certa forma você parece tão perdida.

Ela hesitou por um instante.

– Na verdade, você tem razão. Algo aconteceu. Tabitha traçou um círculo para acessarmos o mundo dos espíritos, e então nós caímos no sono e tivemos o sonho mais estranho de todos. Os três ao mesmo tempo.

– O que? Em plena luz do dia? Que bizarro. – Ele olhou para ela abismado. – Para não dizer assustador.

Moira ficou quieta. Patrick tinha razão... deveria parecer estranho, porém, não era. Não para ela. De alguma forma, o sonho tinha desencadeado algum tipo de energia interior que ela não sentia há muito tempo.

– Yeah, tipo isso. – Respondeu vagamente. – Ah, chegamos. – Ela estacionou na frente a casa dele.

Patrick envolveu o rosto dela com as mãos.

– Moira, me prometa que você não vai se meter mais nas magias de Tabby. – Disse insistente. – Não gosto nada disso. – A preocupação no rosto dele a fez lembrar da angústia de Dai naquela tarde. Talvez ele estivesse certo.

Ela concordou sacudindo a cabeça gentilmente.

– Não vou. – Disse solenemente. – Chega de magias.

Ele beijou-a gentilmente.

– Até mais, ok?

– Yeah, até mais. Bons sonhos.

Ela acenou para ele e esperou até que ele entrasse e fechasse a porta. Então, ela saiu da

vaga do estacionamento e foi embora da casa de Pat. Na escuridão, os contornos das árvores que cobriam a estrada formavam um só borrão. A chuva atacava o para-brisa do Vauxhall. Por um instante, era como se ela estivesse completamente sozinha no mundo, rodeada por sombras das quais ela nunca escaparia.

Por que ela estava tendo esses pensamentos estranhos?

Moira esfregou a testa cansada. Ela estava mesmo perdendo o fio da meada, como à tarde. Ela trabalharia em seus esboços por uma horinha e depois iria para a cama. Ela precisava descansar.

O quarto estava frio e escuro. Moira acendeu a luz de mesa e fechou a janela. Estava entreaberta. Tremendo, ela se enfiou em um suéter quente e procurou sua pasta de rascunhos para sentar-se na escrivaninha com alguns deles.

Moira ligou o velho CD player, cantarolando junto com as guitarras psicóticas do Slipknot enquanto olhava indecisa para a pilha de rascunhos semiacabados que ela espalhou sobre a escrivaninha.

O jarro de pinceis no canto da escrivaninha parecia gritar por ela. Ela estendeu a mão para pegar o pincel mais fino do jarro... o que ela estava prestes a usar à tarde antes de Patrick ligar para ela.

As pernas da cadeira chiaram no chão quando ela empurrou-a para trás com força.

– Você estava aqui. – Murmurou, virando-se para o cavalete.

Ela apertou os olhos concentrada, mergulhou o pincel em um recipiente de tinta amarelo-brilhante que havia arrancado de sua coleção. Lentamente e com cuidado, pintou um círculo luminoso em sua paisagem. E então, ela foi em direção ao armário para pegar mais cores. Azul escuro, preto, marrom, branco. Suas mãos se moveram sobre a tela como se essa ideia tivesse ficado na cabeça por dias, implorando para ser libertada, não aceitando mais um não como resposta.

Quando Moira ouviu o relógio bater onze lá embaixo, ela se afastou de sua pintura e soltou os pinceis e a paleta. O CD havia parado.

Em silêncio, observou seu trabalho com atenção. Um círculo de luz e um jovem preso dentro dele. Seu rosto estava parcialmente obscurecido pelo capuz do seu manto, mas ela sabia como ele era... cabelos bem pretos, piercings, e os mais belos olhos castanhos que ela já havia visto.

– Estarei ferrada na aula amanhã. – Disse, em parte para si mesma e em parte se referindo à pintura. – E a culpa é *sua*. – Ela apontou um dedo acusador para o cara na tela. Por causa dele, ela havia negligenciado o dever de casa, o que significava que ela não poderia mostrar à professora nada além do que ela havia levado para a aula na semana passada.

Nesse momento, a porta do quarto começou a abrir e Tabby enfiou a cabeça no canto.

– Você ainda está acordada? – Tabitha declarou surpresa. – Pensei que você havia dito que tinha que acordar cedo amanhã. – Os olhos dela piscaram para a pintura. – Ah, *uau*, Moira! Está bem lindo. Você estava trabalhando nisso agora?

– Yeah. Infelizmente. Tinha que trabalhar em outra coisa completamente diferente.

– Ah bem, arte é arte, innit? Quer dizer, está lindo. Você não pode levá-la para a Facul amanhã e mostrá-la na aula?

Moira mordeu o lábio.

– Não. – Decidiu depois de uma longa pausa. – Não, é uma coisa só para mim. Para nós. – Acrescentou rapidamente quando percebeu o olhar ligeiramente ofendido de Tabby. – Você pode

vê-la, Tabs. E Dai, claro.

Tabby passou o braço em volta dos ombros da irmã e estremeceu um pouco.

– Bem, digamos que estou feliz por que vocês dois decidiram ir junto. Se tudo tivesse acontecido comigo sozinha, eu estaria aterrorizada. Foi bom vocês estarem lá.

Moira concordou sacudindo a cabeça lentamente.

– Mas nesse caso, nada poderia ter acontecido. Acho que todo o evento estava ligado à energia de nós três juntos.

– E especialmente a sua. – Tabby murmurou. – Quer dizer, era como se você estivesse criando aquela paisagem de sonho toda dentro da sua cabeça. Realmente mágico. – Ela fitou a pintura com um olhar vítreo.

– Yeah. Ou talvez aquele mundo já existisse antes de eu entrar nele, e de alguma forma eu sabia disso. – Moira disse baixinho.

– Não sei. Por que você saberia de uma coisa daquelas? Não faz sentido.

Moira deu de ombros e sorriu com o comentário da irmã.

– Não faço ideia, mas acho que faz sentido ir para a cama. – Disse, abafando um bocejo. – Boa noite.

– Yeah, pra você também. – Tabby saiu do quarto depois de abraçar a irmã.

Cinco minutos depois, Moira estava pronta para deitar-se depois de lavar as mãos, escovar os dentes e vestir o pijama mais confortável. Ela se aconchegou na manta de lã e lançou um último olhar para a tela no cavalete antes de apagar a luz.

Quando o cheiro do solvente nos dedos flutuou em seu nariz, ela caiu em um sono profundo, melancólico. Lá fora, a chuva tinha parado e tudo estava calmo.

Então, pouco antes de ela atravessar o limite entre estar acordada e dormir, houve uma voz estranha sussurrando perto de sua orelha. Baixinho, mas claramente.

– O portal está aberto.

Londres

– Sua pausa para o café não acabou há dez minutos?

Fui puxada do meu transe pela voz de Harry. Ele é o assistente chefe do Museu. Com os olhos embaçados, olhei por cima do livro de hinos no meu colo. Desde que o peguei emprestado com o kochak, não consegui fechá-lo. Passo todo o tempo livre que eu tenho com este volume.

– São dez e meia. – Os olhos de Harry desviaram-se para o relógio pendurado na parede da sala de descanso onde todos os funcionários da Galeria Nacional se sentam para o café, chá e almoço. Ele levantou a mão e indicou o relógio para mim, como se estivesse prestes a me ensinar a falar as horas.

– Yeah, yeah. – Resmunguei impaciente. – Já fui.

Levantei-me da cadeira e guardei cuidadosamente o livro na minha bolsa carteiro antes de colocá-la em meu armário. Claro, Harry tem razão, mas nada me chateia mais do que ser perturbada quando estou afundada em um livro. Ou concentrada fazendo arte, claro.

Bem. Realmente não posso reclamar. Com um sorriso fraco nos lábios, entrei na ala onde tenho que ficar de vigia esta tarde. Provavelmente a Sainsbury Wing é meu lugar favorito na terra. Imagens centenárias que outrora adornavam as paredes de igrejas e palácios estão em exposição aqui. E graças a este trabalho de meio período, posso admirá-las gratuitamente três dias por semana. Não há melhor maneira de encontrar inspiração para meu trabalho do que estar rodeada de obras-primas antigas.

Ainda me lembro vigorosamente do rosto de meu pai quando disse a ele que queria estudar na Royal Academy of Arts. “Por que você não quer estudar algo de verdade?” – Ele me perguntava, com um tom de voz desesperado. “Não se consegue dinheiro com arte. Como você vai ganhar o pão de cada dia?”

“Eu nem gosto de pão.” Resmungava com desdém, o que fazia ele rir um pouco.

Então, de volta ao trabalho. Quando chegar em casa esta noite, poderei ler tudo sobre os anjos dos quais o kochak me falou. Declaradamente, posso convocá-los se eu quiser viajar pra algum lugar só em meu corpo astral. Na verdade, se não estou enganada, eles têm a chave para minhas experiências fora do corpo... e o poder que há nelas.

Venha, entre em meu devaneio

– O quê?

Moira abriu os olhos desorientada. O que aquela voz tinha dito? E, em todo caso, a que diabos ela pertencia?

Seu coração começou a bater freneticamente quando ela olhou ao redor e se deparou com o mesmo deserto de antes. Ainda estava escuro, e o sol ainda estava tentando sair no horizonte, mas estava ficando mais claro no oriente. Acima das dunas de areia, a estrela da manhã cintilava no céu preto e roxo... e diante dela estava o cara do sonho que ela havia compartilhado com Tabby e Dai.

– Você voltou. – Disse. Os olhos cor de avelã, pontilhado de dourado, olhavam para ela agitados.

– Ah, yeah. – Respondeu cautelosa. – Eu acho. – Ela sorriu ultrajando-se. Então eles se encontraram novamente – mas por que ela ainda estava presa no mesmo sonho?

Bem, não exatamente o mesmo. Minuciosamente, ela deu um giro completo para sondar o que a rodeava. – Ei, aquele anel de luz desapareceu, não é?

Ele riu.

– Não, *eu* desapareci. – Disse. – Quer dizer, eu saí. Afastei-me do círculo porque achei que fazia sentido caminhar em direção ao nascer do sol. Sabe, em direção à luz. E então você apareceu outra vez.

– E o sol ainda não nasceu. – Moira concluiu.

O jovem encolheu os ombros.

– Não. Parece que não importa o quão rápido ou devagar eu caminhe em direção ao sol. É como se o tempo parasse nesse lugar.

– Uma terra fora do tempo. – Moira murmurou. Notando o olhar perplexo dele, ela continuou: – Esquece. É só uma coisa que minha irmã disse.

– Aqueles dois eram seus irmãos? Aqueles que estavam com você antes? – Perguntou.

Ela concordou com a cabeça.

– A propósito, meu nome é Moira. – Disse, estendendo a mão.

Ele a segurou e olhou para ela em silêncio.

– Não sei quem eu sou. – Deixou escapar.

– Você não lembra seu nome?

– Não. Não lembro. Tudo o que sei é que eu tenho que chegar ao sol. Uma vez que tocar os primeiros raios de sol, vou ficar bem. – Ele apertou a boca, obstinado. – E não vou desistir. Não vou parar de andar até chegar lá.

Moira sacudiu a cabeça.

– Não acho que o sol vai nascer neste lugar. – Disse. – Pode parecer estranho, mas toda esta paisagem é igual uma paisagem que pintei essa semana. E nessa pintura, o sol está ainda abaixo do horizonte também.

Ele ergueu a cabeça interessado.

– Uma pintura? Então, você é uma artista?

– Bem, artista – é exagero. Eu tento.

Um olhar ausente surgiu nos olhos dele.

– Você disse que estava pintando? – Murmurou.

– Yeah? – Olhou para ele com expectativa.

– Acho... – Ele franziu a testa. – Acredito que também faço isso. Ou posso ter feito.

– Sério? – Moira sorriu. – Mas isso é ótimo! Você se lembra de alguma coisa. Tudo voltará à memória no seu devido tempo.

Ele não respondeu. Em vez disso, ele levantou uma mão para o ar e traçou linhas imaginárias em uma tela, como se estivesse brincando de adivinha tentando fazer mimica com a palavra “artista”. Ele manteve a outra mão como se segurasse uma paleta.

– Sim. – Disse naquele instante, parecendo mais confiante. – Eu costumava pintar também. Ainda me lembro de criar coisas. E de olhar para elas. Eu costumava ir muito a museus.

– Você lembra que tipo de pinturas viu lá? – Moira perguntou fazendo uma tentativa.

– Ah, de todos os tipos. – Passou o dedo nos piercings em sua sobrancelha esquerda, distraído. – Arte moderna, mas um monte de antigos mestres, também. Acho que eu era... eu... – Calou-se.

– Suas lembranças virão à tona. – Ela disse isso quando ele pareceu estar sem palavras, antes de colocar uma mão confortante no ombro dele.

– Espero que sim. – Ele concordou, depois concentrou-se nela outra vez. – Talvez devesse me contar algo mais sobre você. Quem sabe, isso pode engatilhar as lembranças de mim mesmo.

Moira limpou a garganta de propósito.

– Bem, não há muito que contar, na verdade. – Embarçou-se.

O jovem fez um gesto no deserto escuro como que varrendo com a mão.

– Bem, não há muito que fazer por aqui, então eu esperava uma história muito boa. – Disse sorrindo.

Ela encolheu os ombros.

– Bom. Moro em Penmaenmawr, com meus pais e meus irmãos.

– Pen – o quê?

– Penmaenmawr. É no País de Gales. Daí o nome complicado.

Ele riu.

– Poderia ter sido pior. Você podia ter morado naquela vila com o nome mais longo do mundo. Que é no País de Gales também, não é?

Moira sorriu.

– Yeah, isso mesmo.

– E você cresceu em Pen-etecetera?

– Sim. Morei no País de Gales a vida toda. Meus avós de ambos os lados só falavam galês, então toda a minha família é bilíngue. Geralmente falo galês com Dai e Tabby... meus irmãos. E você?

O cara moreno olhou para ela, com uma ruga na testa.

– Acho que tenho um irmão. Mas...

Naquele instante, um galo cantou lá longe. Estremecido, ele levantou a cabeça.

– Temos que seguir o cantar do galo. – Disse decidido, como se não fosse aceitar nenhum argumento sobre o assunto. – Se fizermos isso, o sol vai aparecer.

Sem esperar a resposta dela, ele decolou em direção ao som.

Moira suspirou irritada.

– Aí! Uhm, você! Espera! – Ela correu atrás dele, com os passos fatigantes se arrastando

na vasta areia. O manto cor de vinho do jovem tremulava levemente com o vento suave que soprava no deserto.

– Sei que o galo canta logo antes do nascer do sol, mas não o vejo em lugar algum. – Disse ofegante, alcançando-o. – Não podemos esperar até que fique um pouco mais claro?

– Não, não podemos. – O cara respondeu. – Você mesma disse – o sol não vai nascer. Pelo menos, não naquela pintura sua.

– Eu disse a primeira coisa que me veio à mente! – Gritou frustrada. – Nem existe galo na minha pintura também, para seu conhecimento.

Ele olhou de soslaio e deu um sorriso torto.

– A primeira coisa que vem à mente geralmente é bem certa. – Disse sério, apesar do sorriso no rosto. Por um instante ele a fez lembrar-se de Dai sempre que ele elogiava sua intuição impecável.

Moira desacelerou quando um pensamento veio à mente... era por isso que ela se sentia tão sem inspiração ultimamente. Ela nunca mais fez a primeira coisa que lhe vinha à mente. Sua espontaneidade anterior fora sufocada pelos remédios. E sempre que ela sentia a necessidade de dizer ou fazer algo espontaneamente, o bom conselho de Patrick a impedia de agir. Desde o acidente no telhado da estação de trem, ele dizia a ela, repetidamente... “pense antes de agir”.

Será que ela havia perdido uma parte de si mesma tentando fazer isso?

– Moira! – Ouvia o jovem exclamar de repente, com uma admiração evidente na voz. – Olha isso!

Ele apontou para o horizonte, onde uma figura de luz estava claramente visível diante do pano de fundo do céu escuro. Seus contornos brilhavam e cintilavam como uma miragem no calor do deserto, mas quando chegaram mais perto, eles puderam ver que realmente havia alguém ali. Um ser feito de luz, vestido com um manto marrom semelhante ao traje do jovem. E ao lado da criatura deslumbrante estava um galo. Ele não estava mais cantando quando Moira e o cara pararam diante da figura radiante. Em vez disso, o animal olhou tranquilo e curioso para eles, com olhos escuros e redondos.

Moira virou-se para o ser luminoso e queria se dirigir a ele dizendo algo... o nome, uma saudação simples... mas não foi necessário. Ela olhou para ele e soube tudo o que precisava saber, como se uma luz tivesse acendido em sua mente. Ele era Nurael. Uma indescritível sensação de liberdade e felicidade inundou-a da cabeça aos pés.

– Ela quebrou o círculo? – Nurael perguntou ao cara naquele instante.

– Sim. – Ele respondeu. Na luz que saía do semblante de Nurael, o rosto do jovem parecia mais jovem e inocente... o queixo forte parecia mais suave, a expressão em seus olhos cor de avelã parecia menos obscura e mais perceptiva.

O anjo... porque ele era um, Moira não duvidou disso nem por um segundo... pousou a mão no peito do cara, os dedos se espalharam diretamente sobre o coração dele.

– *Destê min dermanê hemû dila.* – Disse em uma língua estrangeira que Moira não conseguiu entender. – Agora eu devolvo sua liberdade.

Por alguns segundos, tudo ficou completamente silencioso. Depois, o galo cantou mais uma vez.

Moira engasgou espantada quando o primeiro raio de sol daquele dia se estendeu no horizonte, banhando os dois com o brilho do sol. Ela fechou os olhos e só abriu novamente

quando ela sentiu o jovem segurar sua mão. O anjo e o galo haviam desaparecido. Eles ficaram juntos, de mãos dadas, no mais lindo nascer do sol que Moira já havia visto.

– Quem *era* aquele? – Ela, por fim, gaguejou sem fôlego, virando em direção a ele.

– Nurael. – Disse o companheiro inexpressivo. – Ele não te falou?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Você está brincando comigo?

Ele sorriu, brincalhão, puxando-a pela mão e arrastando-a um pouco mais perto.

– Pode ser. Você está zangada agora?

Ela soltou um riso nervoso. O mistério não tinha que chegar nesse ponto. Um cara que só existia em seus sonhos estava zombando dela, mas de alguma forma, isso provocou algo nela. A expressão nos olhos dele, de quem está meio paquerando, de repente deixou-a um pouco tímida.

– Uhm, não, não estou zangada, sério. – Gaguejou. – Só surpresa, eu acho. Enfim, o que ele te disse?

Ele olhou para ela, pensativo.

– Minha mão é um remédio para todos os corações. – Disse lentamente. – Foi o que ele disse. – Depois, os olhos dele se arregalaram e ele apertou a mão dela. – Eu lembro!

– Lembra do quê?

Ele sorriu para ela, com os olhos radiantes.

– Meu nome.

– Como é? – Moira sussurrou.

– Hayko. – suspirou nervoso. – Meu nome é Hayko.

4.

Com um sorriso fraco nos lábios, Moira acordou. Ela deu um salto quando o despertador tocou com um som alto. Já era hora de levantar? Ela não se sentia nem um pouco descansada, mesmo tendo um sonho maravilhoso. Tinha sido tão real. E tinha sido novamente com aquele cara... Hayko. Como é que ela tinha inventado um nome tão estranho? E como era o nome daquele anjo? Aparentemente, o subconsciente dela tinha criado alguma história maluca porque ela ter trabalhado na pintura antes de se deitar.

Quando ela estava calçando os chinelos para sair e usar o banheiro, Tabitha invadiu o quarto sem avisar.

– O que *significa* isso? – Ela chiou, com uma expressão confusa no rosto.

– O *que* foi? – Moira olhou para a irmã, Ainda meio cambaleante de sono.

– Aquele sonho! Foi o mesmo sonho outra vez, e no mesmo lugar.

– Hã?

– Sonhei com aquele deserto! – Tabby agarrou o braço de Moira e a sacudiu imperativa. – E você estava lá, conversando com aquele cara! Ele disse que o nome dele era Hayko!

Moira ficou de queixo caído e parecia que o chão tinha se aberto sob seus pés. Isso era impossível.

– Você está dizendo – você viu? – Sussurrou. – Você viu meu sonho? Você me viu?

Bem naquele instante, Dai enfiou a cabeça na porta. Seu olhar alternou entre suas duas irmãs, ambas olhando-o estupefatas.

– Deixe-me adivinhar. – Disse. – Não sou o único que sonhou com anjos e galos estranhos.

Os três sentaram-se na cama de Moira para olhar a pintura dela, revezando-se em contar o que tinham visto em seus sonhos. Tudo igual... a caminhada pelo deserto, o canto do galo, o anjo, e o nascer do sol, tudo culminando com o jovem recuperando parte das lembranças.

– A única coisa que não entendo é por que vimos Moira no sonho. – Dai meditou, lançando um olhar de reflexão em sua irmã mais velha. – Era como se nós fôssemos apenas espectadores e ela realmente fizesse parte da história.

– Você disse isso depois de nossa sessão no Meini Hirion também. – Moira comentou. – Eu juro, não tenho nenhuma influência sobre o que acontece no mundo dos sonhos. É um mistério tão grande para mim como é para vocês.

– Mas ainda acho que Dai tem razão. – Tabby disse. – Afinal, você pintou aquele deserto antes de acabarmos nele.

– Ah, sim. E o Hayko? E o anjo luminoso e seu bichinho de estimação Cocoricó? Como estou envolvida *nisso*?

Tabby deu de ombros.

– Isso acaba comigo.

Naquele instante, o relógio lá embaixo bateu meia hora.

– Ah não. – Moira exclamou desanimada. – Já são sete e meia? Tenho que estar na estação em meia hora!

– E eu tenho que estar no ponto de ônibus! – Tabby ganiu.

As duas meninas dispararam em pânico. Dai desceu as escadas, prometendo que faria o café da manhã para as irmãs... ele estava de folga hoje... e Moira saiu para o banheiro para tomar o banho mais rápido do Livro dos Recordes Guinness. Depois de se secar, ela fez uma careta para si mesma no espelho. O cabelo teria que secar com o vento lá fora, porque ela não tinha tempo para secá-lo.

Depois de voltar para o quarto, Moira rapidamente vestiu uma roupa e espreitou a escrivaninha, onde os esboços inacabados estavam esperando por ela. Com uma mão, ela juntou a pilha de folhas de papel para enfiá-la na pasta que estava na outra mão. Inacreditavelmente, ela conseguiu fazer isso de uma só vez. Sem olhar para trás, ela desceu.

Na cozinha, Dai estava esperando por ela com um bule de chá, um jarro de leite e uma pilha de torradas com geleia.

– Dai, você é incrível. – Moira agradeceu-lhe sem fôlego. Ela olhou o telefone... quinze para as oito. Ela tinha dois minutos para tomar o café da manhã antes de ir para a estação. O irmão a havia salvado de morrer de fome na sala de aula.

– Perdeu a hora, não? – Holly disse inexpressiva quando Moira invadiu a plataforma ofegante e suando. Ela deslizou o celular no bolso enquanto passava uma mão nos cachos castanhos escuros. – Eu ia te ligar. O trem está dez minutos atrasado, isso significa que ainda podemos tomar um café na loja.

Moira abafou um palavrão.

– Você está dizendo que quase me matei por nada?

– De jeito nenhum. Você vai me fazer companhia. Isso é importante.

Holly deu um sorriso brincalhão para a amiga e a arrastou em direção à pequena Costa Coffee ao lado da entrada principal. Os cachos castanhos balançavam alegres para cima e para baixo sob o gorro preto que ela estava usando. Holly era da Irlanda, mas sua família havia se mudado para o País de Gales quando ela tinha nove anos. Ela sempre chamava Moira de sua “assistente irlandesa” porque, com os cabelos ruivos e os olhos verdes, Moira parecia mais irlandesa do que Holly. As duas meninas sempre chamavam muito a atenção dos meninos na escola, até Moira começar a namorar Patrick, deixando a nobre tarefa de paquerar todos os colegas para Holly. E agora, Holly tinha entregado o jogo e só tinha olhos para Dai. O irmão de Moira brincalhão chamava a namorada de “onça parda” porque ela era um ano mais velha que ele.

Elas se alinharam no balcão do Costa e saíram da loja pouco depois com dois latte macchiato grandes e quentes.

– Então, como foi o ensaio da banda ontem? – Moira perguntou. – Dai teve tempo de participar, ou vocês estavam ocupados se agarrando?

– Dai tocou algumas músicas com a gente. – Holly inclinou a cabeça e olhou para Moira com curiosidade. – Mas nós também conversamos depois. Ele me contou o que aconteceu no Meini Hirion. – Continuou falando mais baixo. – Ele não esperava que nada acontecesse realmente, você sabe o que quero dizer? O que Tabitha achou?

– Acho que ela ficou tão chocada quanto nós. – Moira respondeu. – E o mais esquisito é que... todos nós sonhamos a mesma coisa *novamente* ontem à noite. E foi naquele mesmo lugar.

– Não acredito! – Os olhos de Holly arregalaram.

– Sim acredite. Sei que parece inacreditável. A história continuou de onde paramos ontem à tarde. Aquele jovem que estava preso no círculo... o nome dele é Hayko...

A voz de Moira se perdeu. De repente, ela se lembrou de ouvir uma voz pouco antes de adormecer. Não tinha sido a voz de Hayko?

– O portal está aberto. – Murmurou quase sussurrando. – Holly, o que você sabe sobre o significado do mundo dos sonhos em diferentes religiões?

Holly franziu a testa.

– Muita coisa.

Ao longe, viram o trem entrando na estação, então pararam de conversar e embarcaram no

vagão de segunda classe, o mais rápido que conseguiram para que pudessem encontrar dois assentos lado a lado. Milagrosamente, elas conseguiram... o trem não estava tão cheio como de costume.

– O que você gostaria de saber? – Holly perguntou, uma vez estavam sentadas confortavelmente e o trem havia saído da estação Penmaenmawr.

– Tudo. – Moira disse com sinceridade.

– Bom, por onde começar? No judaísmo, cristianismo e islamismo, os sonhos são uma importante maneira de receber revelações de Deus. Em outras religiões, são meios de obter a sabedoria esotérica ou de experimentar planos superiores de existência. Como um novo nível de consciência.

– O que os aborígenes diziam sobre os sonhos? Eles são um aspecto importante de seu sistema de crenças, não são?

– Eles acreditam que o mundo foi criado no Tempo do Sonho. Na opinião deles, é outro nível de existência. Segundo eles, o Tempo do Sonho não acabou, a propósito... ele existe paralelamente ao nosso mundo visível, porque coisas novas estão sendo criadas todos os dias.

Moira olhou pela janela.

– Sim. Isso é o que eu sinto quando penso no “nosso” mundo dos sonhos, também. Como se fosse tão real como o nosso mundo normal. De que outra forma poderíamos sonhar a mesma coisa?

– Isso acontece com mais frequência do que você pode perceber. – Holly disse. – Especialmente entre irmãos. Ocorre ainda com mais frequência quando são gêmeos.

– Ouvi uma voz. Antes de acabar naquele sonho. Ela me disse que o portal estava aberto.

O rosto de Holly ficou com um semblante de preocupação.

– Ah. Parece que vocês abriram algo que estaria melhor bem fechado.

– Yeah, foi o que Dai disse. Mas não parece ser assim. Parece até que eu *tinha* que estar lá, para ajudar aquele cara. Eu até sabia como ajudá-lo, embora não tenha a menor ideia do por que.

– Mesmo assim. Acho que é melhor você parar.

– Uhm, yeah. Como sugeres que eu faça isso? Pare de dormir?

Holly riu.

– Não, claro que não. Quero dizer que você deve ignorar o cara do seu sonho da próxima vez que você tiver um sonho estranho assim e ficar esperando até você acordar. Se vocês três realmente abriram uma porta para outra realidade, as criaturas do outro lado podem não necessariamente ser benignas.

Moira calou-se. Se todo mundo estava avisando para se livrar do Abracadabra, ela deveria mesmo? Sua intuição dizia que não havia motivo para se preocupar com Hayko, e geralmente confiava cegamente em sua intuição. Por outro lado, ela deveria “pensar primeiro e agir depois”... e parar de ser tão impulsiva. Sacudindo a cabeça, ela decidiu que estava muito cedo para esquentar os miolos com essa situação.

Quando Moira não tinha mais perguntas sobre o significado dos sonhos, Holly ficou feliz em mudar para um assunto diferente e manter um fluxo constante de conversas sobre o fim de semana. Não demorou muito para o trem deslizar na estação de Bangor. De lá, era uma viagem curta de ônibus até a Universidade de Bangor, que era um pouco longe do centro da cidade, em

uma área arborizada perto do litoral.

Quando Moira mudou do período integral para estudar meio período, ela escolheu o programa de estudos de arte que garantia aulas diurnas. Ela não estava disposta a assistir aulas à noite e nos finais de semana. Caso contrário, ela dificilmente veria Patrick. Além disso, viajar de e para Bangor junto com Holly era muito mais agradável do que fazer a mesma viagem sozinha à noite. Às vezes, Dai e Tabby também viajavam no mesmo trem – todos eles estavam na mesma Universidade, mas eles tinham horários completamente diferentes.

– Vejo você no almoço? – Holly perguntou quando elas caminharam até a entrada da frente, onde elas se separariam.

Moira folheou a agenda.

– Ainda não sei. Vou me encontrar com meu grupo de estudo na biblioteca nesse horário. Sabe, para nossa tarefa sobre os Impressionistas. Se conseguirmos dividir as tarefas rapidamente de uma vez, encontro você mais tarde no refeitório. Mas não conte com isso.

Os dois caras no grupo dela sempre queriam discutir sobre a distribuição de tarefas por horas, então ela não tinha muita esperança.

– Nos vemos! Avise se tiver tempo.

Com um abraço rápido, as duas garotas se despediram.

– Mas *eu* queria analisar os Lírios de Água de Monet sozinha. – A voz chorosa de Julian ficava muito alta na sala grande da biblioteca.

Moira resmungou baixinho. Era meio-dia, ela havia estado na mesma mesa da biblioteca da universidade por meia hora tentando ignorar que o estômago estava roncando, e Julian aparentemente havia escolhido aquele exato dia para acariciar seu ego inflado.

– Mas Sr. Jones disse que a análise deve ser feita pelo menos por duas pessoas. – Tamsyn se opôs, que era claramente apaixonado pelas regras. Em sua mente, Moira a havia apelidado de “O Planejamento Ambulante”.

Julian lançou um olhar venenoso para Tamsyn.

– É verdade, mas você nunca tem tempo entre as aulas quando eu tenho, e Moira trabalha meio-período, então, ela nunca está aqui às quartas-feiras. E Sam disse que queria fazer a obra de Signac.

O celular vibrou no bolso. Moira sutilmente deslizou a coisa da sua saia jeans para olhar o visor, fingindo ainda estar ouvindo a discussão do grupo. Por enquanto, ela poderia se importar menos com os Impressionistas – em seu devaneio atual, ela já estava no refeitório, onde eles estavam servindo seu sanduíche de atum favorito hoje.

“e aí? vc vem almoçar?” no visor.

“não, essa * vai levar horas” digitou mal-humorada.

“veja vc lá” Holly retornou depois de alguns segundos. A boa e velha Holly descobriria um jeito de entrar na biblioteca com um sanduíche de atum para salvá-la da fome iminente.

– Preciso muito ir ao banheiro. – Anunciou depois de perder mais um minuto de sua vida ouvindo Sam, Tamsyn, e Julian discutindo sobre pintores franceses mortos. – Volto logo.

Ela nem esperou por uma resposta e disparou em direção aos banheiros perto da entrada. Quando ela chegou lá, Holly ainda não tinha chegado, então ela decidiu realmente fazer uma visita ao banheiro antes de sua amiga chegar.

Moira lançou um olhar avaliador sobre si mesma no espelho sobre a pia enquanto lavava as mãos. Ela parecia cansada. Aparentemente, as horas de sono na noite passada não fizeram muito bem para ela. Nenhuma novidade, com cenas de caminhadas misteriosas pelo deserto ao lado de um roqueiro punk com piercings desconhecido povoando seus sonhos.

Imersa em pensamentos, ela saiu do banheiro dando voltas. À esquerda estava uma estante dedicada a volumes sobre esoterismo e religião. Como se o olhar dela fosse atraído de forma sobrenatural, o olhar dela caiu em um volume intitulado “Anjos... o livro de Enoque”. Ela parou bruscamente. Nurael estaria lá também?

Moira tirou o livro pesado da prateleira e vasculhou o registro de nomes. Nada. Bem, claro que não. Os três simplesmente haviam sonhado com aquilo tudo. O nome de Nurael brotou do imaginário coletivo deles.

Seu telefone zumbiu novamente. “onde vc tá?” dizia a mensagem do Whatsapp.

Rapidamente, ela colocou o livro de volta ao lugar dele e correu para a entrada, onde Holly estava esperando por ela impaciente.

– Onde você se meteu? – Sussurrou. – Já estou aqui há cinco minutos, e o bibliotecário estava constantemente me olhando desconfiado. Provavelmente porque eu estou aqui só vadiando e, oh, estou cheirando peixe.

Moira deu uma risadinha.

– Cheiro de atum? – Sorriu.

Holly não pode deixar de rir.

– Te conheço muito bem, não? – Juntas, entraram na ala dedicada a obras sobre legislação e direito europeu... notoriamente a seção menos favorita da biblioteca... e Holly arrancou de sua bolsa de ombro dois sanduíches de atum enrolados em guardanapos.

Moira devorou o primeiro em três mordidas e quase engasgou com o segundo, quando Holly pulou na frente dela para evitar que ela fosse vista por um assistente de biblioteca passou no corredor delas. Ela tentou dar um tempo e não aspirar o segundo sanduíche. Afinal, ela não estava com pressa de voltar para seu grupo de estudos.

Quando ela engoliu o almoço e Holly saiu para a próxima aula, Tamsyn e Sam milagrosamente conseguiram bolar um plano viável que Julian realmente aprovasse. Moira estava mais do que ligada nesse momento... a única coisa que ela não queria fazer era trabalhar com Julian. O cara conseguia tirá-la do sério toda vez que ela tinha que lidar com ele.

– Vamos trabalhar juntas na dissertação sobre as origens do Impressionismo. – Tamsyn disse-lhe com um sorriso. – Tudo bem para você? Podemos trocar e-mails.

Moira olhou aliviada para a garota sardenta.

– Yeah, parece maravilhoso. – Respondeu. – Terei tempo para trabalhar nele amanhã à noite. Se você estiver inspirada antes disso, é só mandar um e-mail, ok?

Esta noite, ela teria que trabalhar na cozinha do Gladstone Porque a ajudante de cozinha regular estava de licença por gripe para mais de uma semana. Não era o melhor emprego que se possa imaginar, mas uma boa fonte de renda extra.

Pisando alto, Moira arrastou-se para a última aula do dia – desenho e pintura, do professor Sr. Davies. Normalmente, ela amava as aulas dele, mesmo que o Sr. Davies se amasse um pouco demais. Hoje, no entanto, ela não teria nada para mostrar a ele. Ela não tinha feito nenhum esboço novo para se preparar para a natureza morta que ela deveria terminar dentro de cinco semanas, porque ela simplesmente não tinha tempo para trabalhar em nada. Ele provavelmente ficaria decepcionado, pois ela era uma das melhores alunas. Claro, ela poderia dizer a ele que estava trabalhando em uma pintura de natureza morta em casa, mas a paisagem tinha deixado de ser uma natureza morta no instante em que ela adicionou a figura do Hayko sentada em seu círculo na cena.

Dando um profundo suspiro, ela equilibrou sua pasta cheia de rascunhos velhos no cavalete habitual e lançou um olhar ao redor. Antes do fim de semana, algumas pessoas tinham pegado um resfriado, e parecia que só tinha piorado. A sala de aula estava bem vazia. Mais colegas dela devem ter adoecido.

Moira começou quando o Sr. Davies apareceu ao lado dela e colocou a mão em seu ombro dela.

– Então, senhorita ruiva. – Disse alegre. – Mal posso esperar para ver sua nova obra.

O entusiasmo na voz dele a fez hesitar. Que diabos ela deveria falar para o professor? “Desculpe, senhor, meu namorado se recusou a me dar um tempo para fazer corretamente a minha lição de casa e então desperdicei completamente meu domingo à noite desenhando retratos de um morador de deserto imaginário”?

– Yeah, bem. – Começou evasiva. – Fiz alguns desenhos... – Desesperada, ela começou a puxar os esboços inacabados em sua pasta, espalhando as folhas que havia apanhado da escrivaninha naquela manhã sobre a mesa no meio da sala de aula. Rapidamente, ela escondeu os desenhos dos olhos de Hayko, porque estavam lá também.

Quando ela colocou o último desenho de sua seleção de desculpas no canto superior esquerdo da mesa, um pequeno bilhete tremulou até o chão. Provavelmente estava presa na parte de trás de um dos desenhos.

Parecia ser um papel com linhas do bloco de notas em cima da escrivaninha, e ao que tudo indicava, continha algumas frases curtas.

Distraída, Moira pegou para ver o que era, então congelou quando leu o que estava no papel, escrito com uma caligrafia desconhecida. Seus olhos se arregalaram quando ela se deteve nas palavras:

fique longe dele

Hayko é meu

PIRANHA

5.

– Você está bem? – A enfermeira perguntou ansiosa depois de entregar um copo de água para Moira. – Eu disse para sua amiga que você está esperando por ela aqui.

Os dentes de Moira bateram na borda do copo enquanto ela engolia um pouco de água. A aula de Holly terminaria logo e a amiga dela estaria aqui. Ou ela deve ligar para Tabby? Porcaria, a água tinha um gosto estranho. Em todo caso, por que as pessoas aflitas sempre recebiam um copo de água? Qual era a bendita razão disso?

Mordendo o lábio, ela fechou os olhos, tentando controlar seus pensamentos e impedi-los de se perderem. Só então ela percebeu que ela havia esquecido completamente de tomar a Ritalina esta manhã. Talvez por isso ela estivesse se sentindo tão frágil. Deve ser por isso o bilhete a havia aborrecido tanto.

Um calafrio desceu pelas costas dela quando ela recordou o bilhete misterioso que ela pegou no chão da sala do Sr. Davies. Quando ela ficou tão branca como uma folha e parecia que iria desmaiar, o professor a enviou para a enfermaria imediatamente, pedindo para um dos outros alunos para acompanhá-la. Bem, o lado positivo de toda a situação foi que ela não precisa mais se preocupar com os desenhos inacabados. Se o senhor Davies tinha ao menos se incomodado em vê-los depois que ela saiu da sala, ele provavelmente pensaria que ela não estivesse bem no fim de semana e não tivesse trabalhado neles por esse motivo.

“Hayko é meu.”

Quem na terra poderia ter escrito aquele bilhete? As únicas pessoas que sabiam mesmo que existia um cara chamado Hayko eram seus irmãos. E Holly, claro, porque Moira lhe havia contado sobre ele no trem esta manhã. Mas claro, a ideia de que qualquer um deles escreveria um bilhete daquele era absurda. Eles nunca fariam uma coisa dessas, nem mesmo como uma piada de mau gosto. Além disso, onde eles encontrariam tempo para escrevê-lo e enfiá-lo na pasta de arte? Ou o bilhete estava na escrivadinha esta manhã, e ela havia varrido para a pasta junto com seus desenhos sem ver?

A respiração de Moira se abrandou. Sim, foi isso. Essa era a única explicação. Foi escrito em um papel de seu próprio bloco de notas. Tabitha e ela tinham o mesmo bloco de notas nas escrivadinhas. Então ao menos a mensagem não tinha sido enfiada em sua pasta por um estranho. Embora isso não tornasse a coisa toda menos misteriosa.

– Moira! – Holly apareceu na porta, com uma feição de alerta disfarçada no rosto. – Qual é o problema? Parece que você viu um fantasma!

A respiração de Moira parou de repente. Na cabeça dela, houve um estalo por causa do comentário da Holly. Essa situação a fazia lembrar de filmes de terror em que os mortos não podia deixar os vivos sozinhos. Os fantasmas poderiam fazer coisas assim – eles poderiam deixar bilhetes? Talvez outra coisa tivesse escapado quando abriram o portal para o outro mundo. Ah, dane-se Tabitha e seu estúpido ritual de Halloween!

Sem poder se ajudar, ela teve um colapso de soluços desesperados. Holly olhou para ela totalmente confusa. Era tão raro Moira chorar em público que um desfile de moda espontâneo em biquíni teria sido menos surpreendente.

Holly se afundou na cadeira ao lado da amiga e envolveu seus ombros com um braço confortante.

– Olha, olha. – Disse gentilmente. – Você está se sentindo uma merda, não é? Por que você

não espera aqui enquanto ligo para Dai e peço para nos buscar de carro? Não vou deixar você entrar em um trem desse jeito. E você deve deitar-se cedo esta noite. Parece que você não dorme há dias.

– Mas eu... preciso... trabalhar. – Moira soluçava em protesto, enquanto limpava as lágrimas do rosto.

– Claro que não. – Holly a fez calar. – Isso não importa. Vou ligar para o Garça e dizer que você pegou alguma doença. Se precisar vou no seu lugar.

Enquanto Holly ligava para o namorado pedindo uma carona para casa, Moira se acalmou um pouco. Quando ela chegasse em Penmaenmawr, pediria um conselho para Tabitha e Dai e contaria a eles o que havia acontecido. Ela precisava saber o que causava seus sonhos e qual a sua participação neles. De alguma forma, Hayko também era “dela”.

– Aqui estão suas coisas. – Dai disse, aparecendo na porta traseira com pasta de arte de Moira em uma mão. Uma ruga de preocupação apareceu na testa dele. – Sr. Davies guardou todos os seus rascunhos nela para você. Ele disse para você ficar boa logo. Então, como se sente?

Moira e Holly se sentaram na parte de trás do carro enquanto Dai estava lá dentro pegar coisas de Moira. Em um momento de fraqueza, Moira abordou o primeiro que passou para pedir um cigarro e um isqueiro. Ela estava no banco de trás, dando uma tragada depois da outra enquanto tentava não tremer as mãos. Ela nunca havia sido mais ousada na vida.

– Foda-se. – Moira resmungou. – Esqueci de tomar meus comprimidos esta manhã. Talvez isso explique minha reação exagerada.

– O que, exatamente? – Holly indagou cautelosa. Mesmo que estando juntas no carro durante os últimos dez minutos, Moira estava estranhamente quieta sobre o motivo de ter desmaiado na aula.

– Isso.

Moira arrancou o bilhete misterioso do casaco e segurou-a para Holly e Dai poderem ler. A mensagem deixou ambos chocados e em silêncio por um tempo.

– Que diabos é isso? – Dai então engasgou. – Onde você conseguiu isso? – Ele falou outro palavrão e afundou-se no banco do motorista.

– Estava preso a um dos esboços na minha pasta. – Moira respondeu calmamente.

Holly não disse uma palavra. Ela parecia completamente perplexa.

– Vamos para casa mostrar para Tabby esse bilhete assustador. – Dai sugeriu depois de ter se acalmado um pouco. – Se *alguém* sabe o que está acontecendo aqui, é ela.

– Você não está zangado com ela, está? – Moira perguntou timidamente, lembrando o que Patrick tinha dito na noite anterior – para ficar longe de Tabby e seus rituais paranormais.

– Não, claro que não. – Dai ligou o motor. – Tudo o que ela queria era falar com nossos antepassados. Mas quem sabe... talvez aquela magia de alguma forma a fez levantar o véu um pouco demais. Vamos descobrir.

Depois de um jantar tardio, todos se reuniram no quarto de Moira. Holly e Dai ocuparam o sofá no canto ocupou a namorada no canto, Moira estava esticada na cama, e Tabby andava pelo quarto.

– Tracei um círculo. – Murmurou, falando sozinha e com mais ninguém. – Como deveria. Estávamos protegidos. Tudo o que fiz foi usar uma magia para que pudéssemos dar uma espiada do outro lado, e então podermos nos comunicar com espíritos benevolentes. Nenhum espírito maligno deveria ter conseguido atravessar. – Ela se virou para Moira. – Se Hayko realmente existe... e eu acho que sim... isso significa que ele é um espírito benevolente. E aparentemente, você está ligada a ele de alguma forma.

– Eu? Por quê? – Moira piscou para a irmã como uma coruja.

– Porque você continua sonhando e realmente tendo experiências com ele no mundo dos sonhos. Tudo que Dai e eu fazemos é assistir

Moira franziu a testa.

– É por isso também que o mundo dos sonhos parece com algo que criei?

– Parece provável.

– Mas isso não significa que tudo no mundo dos sonhos é uma invenção da imaginação de Moira? – Dai perguntou.

Tabitha deu de ombros.

– Provavelmente. Mas isso não explica por que nós dois também podemos vê-lo. E também não explica este bilhete.

Ela apontou para a mensagem, que Moira tinha colocado na escrivaninha.

Silêncio pairou no quarto. Lá em baixo, o telefone tocou estridente.

– Talvez essa mensagem não seja só para mim? – Moira perguntou esperançosa.

– Acho que é. – Dai disse. – Estava na sua escrivaninha. E é sobre um cara que você ajudou no seu sonho. Além disso, não acho que nenhum espírito malévolo *me* chamaria de piranha.

As meninas dispararam em risos nervosos. Naquele instante, eles ouviram alguém subindo as escadas. Marc Llewellyn enfiou a cabeça na porta.

– Desculpe por perturbar vocês, mas tem um John Pritchard estressado no telefone querendo saber quem vai lavar a louça esta noite? Ele perguntou, com um grande ponto de interrogação no rosto. Supostamente, alguém havia ligado mais cedo, dizendo-lhe que Moira não estaria lá, mas que outra pessoa iria.

– Que droga. – Holly murmurou. – Era eu. Uhm... – Ela olhou em volta impotente, procurando a bolsa.

Dai a interrompeu.

– Você fica aqui. Tabby e você são bem mais qualificadas para ajudar Moira com essa coisa de feitiçaria. Sou um simples assistente de clínico geral em formação. Eu vou.

Os protestos de Holly entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Dai saiu em um piscar de olhos.

– Obrigada! – Moira disse para ele. – Você é um amor!

– Contanto que eu não tenha que usar aquelas luvas de borracha medonhas. – Dai gritou alegre. – Você vai me pagar se eu tiver que usar! Até mais.

Tabby expirou com força.

– Que legal, maravilha, Dai me sobrecarregando com a responsabilidade de te ajudar, mas receio estar no meu limite. Francamente, não sei o que fazer.

Holly levantou-se e caminhou até a escrivaninha de Moira.

– Onde estava o bilhete?

– Não faço ideia. Eu o recolhi juntamente com os meus desenhos e coloquei a pilha na minha pasta. Eles estavam no meio da escrivaninha.

Tabby concordou com a cabeça pensativa.

– Alguém quer mantê-la longe de Hayko. Dai tem razão – foi você que o ajudou. E parece que este fantasma escritor de cartas não está feliz com isso.

A boca de Moira definiu-se em uma linha teimosa.

– Bem, não me assusto assim tão facilmente. – Disse desafiadora. – Pude sentir que Hayko precisava da minha ajuda no primeiro sonho. E foi bom ajudá-lo, mesmo que você não tenha certeza, Tabs.

– Com o que você acha que precisa ajudá-lo? – Holly perguntou curiosa.

Todas ficaram em silêncio. Finalmente, Tabitha limpou a garganta.

– Para ser franca. – Disse, com o rosto sério. – Acho que você precisa ajudá-lo a atravessar para o outro lado.

Moira deixou a respiração escapar.

– Você acha que ele está morto?

Que pensamento trágico – um cara da idade dela, que estava preso em uma existência sombria entre a vida e a morte, entre o despertar e o sono eterno.

Sua irmã concordou com a cabeça.

– Suspeito que a alma dele tenha estado vagando por um tempo, possivelmente porque ele não percebeu que está morto. É por isso que ele esqueceu o próprio nome. É por isso que ele precisa ter a alma liberta gradualmente... subir para o outro mundo, por assim dizer.

– E sobre o espírito enviar essa mensagem de aviso para Moira? – Holly disse sem fôlego.

– Ele pode não querer que Hayko vá. Quer mantê-lo na terra sombria. Fantasmas podem ficar solitários se vagarem por aí durante muito tempo, então eles tentam agarram-se aos vivos ou a outro fantasma.

Moira mordeu o lábio, pegando outro cigarro do velho pacote que ela tinha desenterrado do fundo da gaveta da escrivaninha para acender. Quando ela aspirou a fumaça, ela sentiu-se um pouco relaxada.

Se Tabitha estivesse certa, Hayko tinha que deixar esta terra. Tinha acabado para ele, mas ele ainda não sabia. E ela tinha que ajudá-lo de alguma forma.

– Por que *eu*? – Ela se perguntava em voz alta. – O que ele tem a ver comigo?

Tabby levantou as mãos em um gesto impotente.

– Se ao menos eu soubesse.

– E se tudo for verdade e eu precisar ajudá-lo, quanta influência tenho em um mundo que sequer existe? Feito de elementos criados na minha mente?

– Não tenho a menor ideia.

– Brilhante.

Tabby lançou-lhe um olhar apologético.

– Conheço histórias de pessoas que viram membros da família mortos em sonhos ou visões porque eles querem transmitir uma mensagem ou algo assim. Mas você sequer conhece Hayko, nem nós, então não há nenhuma ligação aqui. E esse deserto poderia estar em qualquer lugar do mundo, realmente.

Holly despencou na cama e colocou a mão no ombro de Moira.

– Podemos tratar isso de forma diferente, também. Como você disse que era o nome daquele anjo no seu sonho? Nurael?

Moira concordou com a cabeça.

– Já procurei. Ele não existe.

– Onde você procurou?

– Em um livro que encontrei na biblioteca. O Livro de Enoque? Acende alguma luz?

Holly concordou com a cabeça.

– Conheço. Mas confie em mim, não é a única fonte sobre a ciência dos anjos. Nem de longe. Me dê algum tempo para rastrear as origens do seu anjo.

Moira soltou um bocejo alto.

– Meu Deus, estou caindo de sono, mas para ser franca, estou com um pouco de medo de adormecer novamente. Quem sabe o que vai acontecer nos meus sonhos quando eu dormir? Tudo parece tão real. Nunca sei que estou sonhando até acordar.

Tabby sorriu.

– Tenho uma solução para esse problema, pelo menos. Espere aqui.

Ela se levantou e voltou poucos minutos depois, segurando o relógio de bolso antigo que a avó tinha deixado para ela. Era um relógio redondo de prata em uma corrente, e Tabby sempre brincava com a avó chamando-a de “Vovó Nain Punk a Vapor” sempre que ela colocava no pescoço. A coisa era antiga, obviamente, mas nos últimos anos virou moda de repente outra vez.

Ela o pendurou no pescoço de Moira com um gesto solene.

– Esta será a sua ligação com o mundo real. Uma maneira de te ajudar a lembrar que o tempo passa no nosso lado do portal. Quando você estiver naquela terra fora do tempo, você pode perder o controle das horas facilmente. – Ela sorriu. – Além disso, este relógio pertencia à Nain. Ela vai te proteger.

– Devo usá-lo em meu sono?

– Sim, deve. Então este relógio vai ficar com você, até no mundo dos sonhos.

Tabitha cobriu a frente do relógio com a mão e, em silêncio, murmurou um feitiço que a Moira não conseguia entender, mas as palavras promoveram uma sensação de paz e tranquilidade nela.

Ela bocejou outra vez, tão profundamente dessa vez que saíram lágrimas dos olhos.

– Ok. Vamos ver. Talvez eu esteja tão cansada que nem sonhe com nada.

– Espero que sim. – Holly disse. – Saberei amanhã. Dai não vai estar em casa até as onze, então vou passar a noite aqui. Ele vai precisar de uma animação depois da tarefa de lavar louça.

Conselho do Café da Manhã amanhã?

– Parece bom. Agora me deem um *cwtch*. – Moira alternou os abraços em Holly e Tabby. – Vocês são demais. Não sei o que faria sem você.

Tabby ficou de queixo caído.

– Sem mim, você não estaria com este tipo de problema.

– Tabby, não se sinta culpada. Se você estiver certa, estou ajudando uma alma errante. Mesmo sem seu ritual, Hayko poderia ter estendido a mão para mim de um jeito diferente.

Tabby concordou com a cabeça.

– Acho que nunca saberemos, mas tudo bem. Vou parar de me fazer de coitada. Suponho que isso tudo esteja acontecendo por um bom motivo.

Moira ficou olhando as duas garotas saindo e a porta se fechando. Mesmo se sentindo completamente cansada, ela ainda não conseguia relaxar o suficiente para deitar-se imediatamente. Os olhos dela pairaram pelo quarto, pousando sobre a pintura no cavalete no canto. Sem hesitar, ela atravessou o quarto e destampou os tubos de tinta a óleo para reabastecer a paleta. Lentamente e com cuidado, ela acrescentou a glória da manhã que ela havia visto no horizonte escuro... agora, o sol nascente lançava um feixe de luz solitário e lento através das planícies escuras e arenosas. Como havia acontecido no sonho. Dando um passo para trás, avaliou o trabalho e sorriu satisfeita.

Só depois de se arrastar para a cama, mandar uma mensagem para Patrick e desligar o abajur que ela percebeu que não havia tomado nenhuma Ritalina hoje, nem mesmo depois de voltar para casa. Essa era a razão de ela ter se sentido tão estranha? Ela não sabia. Antes que ela pudesse refletir mais sobre o assunto, ela sentiu-se fora do ar prestes a cair no sono.

Forasteiro vindo de uma terra distante

Toda a floresta banhada pela calorosa luz do sol. O caminho que passava pela floresta levava às charnecas que Moira conhecia tão bem, em direção às planícies cobertas de urzes e gramíneas e ao Meini Hirion. Ela tinha que ir chegar ao velho círculo de pedras.

No pescoço dela estava o antigo relógio de bolso. Moira deslizou seus dedos na prata fria do pingente. Os ponteiros marcavam onze horas. Foi quando ela havia adormecido?

Sim. Agora ela se lembrou. Ela estava sonhando, mas ela não havia caído no lugar que esperava. O deserto havia acabado, substituído pela visão familiar da charneca perto de sua cidade. Era um dia ensolarado e radiante, e o vento estava muito mais frio do que no deserto. Na verdade, Ela estava usando um casaco de inverno grosso, acabou de perceber. As estações pareciam não existir neste mundo dos sonhos – ou se existiam, estavam desreguladas.

Quando Moira avistou o círculo de pedras ao longe, ela viu Hayko também. Ele estava sentado em uma das pedras antigas, fumando um cigarro. Sem querer, ela começou a rir. Ok, Isso foi realmente bizarro... de certa forma, não combinava com o ambiente ao redor dele. Ah bom... Hayko provavelmente não se incomodava. Ele estava morto mesmo, então, neste caso, fumar, não mataria.

Moira desacelerou quando lhe veio um pensamento. Ele sabia que estava morto, agora que ele havia lembrado o próprio nome? E se não, ela deveria contar para ele, ou ele deveria descobrir sozinho?

Ele virou a cabeça e o rosto dele iluminou quando seu olhar pousou nela.

– Ei! Eu estava com medo que você não viesse. – Disse, como se eles tivessem combinado de se encontrarem ali, e ela quase tivesse dado um bolo no primeiro encontro. – Que bom te ver de novo.

Ele apagou o cigarro, ficou de pé e a abraçou brevemente. Foi um abraço tão suave e quente, que encheu de lágrimas os olhos de Moira. Ou aquelas eram as emoções *dele* inundando-a? Ele tinha se sentido sozinho em uma existência sem tocar o mundo dos vivos, nem o além. Ela era sua única linha tangente para a realidade.

– Estou feliz por você ainda me reconhecer. – Respondeu, com um sorriso brincalhão nos lábios. – Pelo que sei, você perdeu a memória novamente. Da última vez que te vi, nem sabia o próprio nome.

Ele sorriu, olhando para ela em silêncio.

– Não acho que iria te esquecer tão rapidamente. – Disse depois de algum tempo.

Moira sentiu-se corar ligeiramente. Suas palavras foram como uma cantada barata, mas vindo dele de certa forma parecia genuína, e a deixou tímida.

– Bem, provavelmente isso significa que sua memória está melhorando. – Rebateu rapidamente o embaraço. – Vamos sentar? – Ela o puxou até a pedra que ele estava usando como um banco quando ela chegou ali.

– Claro. Sobre o que você quer falar? – Perguntou curioso.

– Tempo para uma rodada de Vinte Perguntas. Descobriu algo mais sobre você nesse tempo?

Os olhos dela se voltaram para a roupa dele. Ele parecia bem trivial hoje... sem capas estranhas ou outro traje à moda antiga. Ele usava calça jeans preta, uma camiseta vermelha e uma pulseira de couro em um dos braços. Na verdade, Dai tinha sido feito seu comentário sobre

banda punk... parecia que Hayko estava prestes a pular no palco segurando uma guitarra-baixo. O que era meio estranho, porque estava muito frio no mundo dos sonhos de hoje, e ela estava usando um casaco de inverno grosso.

Hayko concordou com a cabeça.

– Eu vi meu pai e minha mãe. Lembro-me como era o rosto deles. E eu não os chamava de mamãe e papai. Eu costumava me dirigir a eles como hayr e mayr na minha própria língua.

– Que língua é essa?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Ainda não. Vou descobrir, acho, mas vai levar tempo.

Moira, colocar a mão no ombro dele.

– Tudo bem. Não se apresse. Quando você se lembrar de tudo, poderá estar pronto para, uhm, ver além. Vamos.

Hayko lançou-lhe um olhar zombador.

– Parece que você sabe algo que eu não sei.

Moira hesitou. Era muito cedo para discutir isso, além do mais, ela não tinha certeza se sabia exatamente o que estava acontecendo com ele. Ela sacudiu a cabeça.

– Não, na verdade, não sei. Estou tão confuso quanto você. Tudo o que sei é que continuo encontrando você em meus sonhos.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa.

– Você quer dizer – você está sonhando?

– Sim. – Moira agarrou o relógio pendurado no pescoço e segurou-o para ele ver. – Esta é minha ligação com o mundo real. Acho que este relógio está mostrando a hora em que adormeci.

Ele concordou com a cabeça, pensativo.

– É o que parece para mim. Como se eu estivesse dormindo. Mas foi muito pior antes, quando eu estava preso no círculo.

– Por que você estava preso lá? – Moira perguntou – Quem fez aquele círculo?

– Não faço ideia. Só sei que me mantinha prisioneiro. E então você me libertou.

Moira franziu a testa. Talvez fosse por isso que aquele dito fantasma estava tão zangado com ela... ela havia libertado Hayko do círculo. Entretanto, libertá-lo do anel de luz não fora suficiente para fazê-lo atravessar a fronteira entre a vida e a morte. Precisava fazer algo mais.

Enquanto isso, Hayko estava olhando para um lado e para o outro assimilando o que os rodeava.

– Vejo que acabamos em outro círculo. – Disse. – Mas este está aberto. Que lugar é esse?

– É um famoso círculo de pedra perto de onde moro. – Moira respondeu. – Eu estava aqui com meus irmãos quando fiz contato com você pela primeira vez.

– Também tenho um irmão. – Hayko disse pensativo. – Mais velho que eu. Ele conseguiu um bom emprego. Meu pai não gostou nem um pouco quando anunciei que ia matricular-se na academia de artes. Ele teria ficado muito mais feliz se eu tivesse escolhido faculdade de direito, como Tevan. – De repente, ele fechou a boca surpreso, deixando Moira no vácuo.

– Uau. – Continuou depois de uma longa pausa. – Não sei de onde isso veio de repente.

– Quer dizer que você acabou de lembrar isso pela primeira vez? – Moira agarrou sua mão. – Mas isso é ótimo! Você disse que era um aluno de artes? Você sabe qual academia você frequentou?

Hayko olhou ao longe.

– Não me lembro. Só relembro certas coisas relacionadas a isso. As conversas que costumava ter com meu pai sobre minha escolha de carreira. Também relembro nitidamente de brigar com alguns dos professores lá. – Ele sorriu maliciosamente, sacudindo a cabeça. – Acho que não era um escravo das regras do programa de estudos.

Moira riu.

– Eu também. Não suporto o modo como certos professores querem limitar nossa criatividade. Estudo arte e história da arte. Então acredite, sei do que você está falando.

Ela soltou a mão dele lentamente, Porque de repente percebeu que ainda estava segurando-a.

– Você é aluna de artes também? – Perguntou com um sorriso.

Ela concordou com a cabeça.

– Sim, na Universidade de Bangor. Embora só meio período. Também trabalho vários dias por semana. Mas esses dias na Facul são bem legais. Agora consigo fazer coisas divertidas e obter pontos de crédito para elas e não só como um hobby. Francamente não sei o que vou fazer com meu certificado depois que me formar, mas saberei quando chegar a hora. Desenho e pintura são minhas válvulas de escape e nunca vou deixar de ser criativo. Não importa o que as outras pessoas digam.

Uma sombra pairou no rosto dela e nublou seu entusiasmo por um momento quando ela recordou o começo difícil. Seus colegas, que não a consideraram descolada e artística o suficiente para ser uma deles. Patrick preferiria que ela encontrasse um emprego estável, para que pudessem morar juntos. As terríveis lições da senhora Johnson e as opiniões contundentes dela sobre as tentativas de Moira, inúmeras vezes. A mulher quase destruiu sua autoconfiança e a fez desistir completamente. Felizmente, Dai tinha visto sua luta e interferiu oferecendo sua ajuda. Ele era bom com as palavras. E Tabby a havia confortado dizendo que nunca deveria desistir, porque ela era incrivelmente talentosa e havia feito a arte mais bonita e atrativa de todo o País de Gales. Ela sorriu.

– Uau, você estava a milhas de distância de repente. – Hayko comentou quando ela finalmente voltou a olhar para ele. Ele segurou sua mão. – Boas lembranças?

– Não todas. O primeiro passo é sempre o mais difícil.

Ele concordou com a cabeça.

– É verdade. Mas você não desistiu.

– Não. Eu não desisto tão facilmente. Claro, minha família apoiou-me ao longo do caminho... e meu namorado.

Ela de alguma forma se sentiu obrigada a mencionar Patrick também, mesmo que ele não a tivesse apoiado. Não de verdade. No início, ele a deixava por noites inteiras quando ela precisava fazer lição de casa, mas aquelas noites sempre o deixavam azedo. Cada vez mais, como recentemente. Ela deu um suspiro profundo. Talvez ela não estivesse tendo uma visão mais ampla... talvez equilibrar atividade escolar e vida particular fosse um desafio para todo mundo no lugar dela... mas então porque Holly e Dai nunca pareceram ter problemas lidar com isso? Por que estavam ambos no mesmo nível acadêmico? Certamente isso não deveria importar tanto?

Hayko acenou com a mão na direção em que ela estava olhando.

– E ela se foi outra vez. – Ele brincou. – Se você continuar viajando assim, acho que vou começar a te chamar de Bela Adormecida em vez de Moira. Cuidado.

Moira deu um soco de brincadeira no ombro dele.

– Para de me amolar, seu pentelho. Talvez eu estivesse meditando. As pessoas de vez em quando precisam parar um pouco e olhar para dentro de si, sabe.

– Meditando? – Ficou com as sobrancelhas em pé e uma expressão pensativa no rosto. – Espera... acho que eu costumava fazer isso também, às vezes.

Aparentemente, outra lembrança estava vindo à tona. – Verdade? – Moira ficou entusiasmada. – Onde você meditava? Em casa? No clube de ioga, talvez? – Ela não pode deixar de imaginar Hayko sentado num tapete de ioga colorido rodeado de senhoras idosas, e, nervosa, ela mordeu o lábio para conter uma risadinha.

– Não. Era... em um templo. – Respondeu devagar. – A Ordem dos... alguma coisa. Tinha um nome.

Moira ficou sem ar. Ele estava começando a lembrar mais e mais coisas sobre sua vida passada. Em pouco tempo, ele estaria pronto para lembrar onde ele morreu. Talvez sim – pode ser o templo que ele mencionou. Se for, ele poderia se libertar do passado.

O silêncio pairou sobre eles.

– Não sei. – Hayko finalmente murmurou frustrado. – Mas sei que é importante.

– O que é a última lembrança que você tem? – Moira perguntou baixinho.

Eles se entreolharam. As manchinhas douradas nas íris dele pareceram escurecer quando ele olhou para ela em silêncio absoluto. E naquele silêncio, Moira sentiu seu coração acelerar até um suspiro que não sentia há muito tempo. Merda... ele estava deixando-a nervosa mesmo. Ela se sentiu confusa porque ele estava sendo tão intenso perto dela. Fazia algum tempo que ninguém olhava para ela tão atentamente. E certamente nenhum cara bonito como ele. Um cara *mortinho-da-silva* lindo e inexpressivo, ela repreendeu-se interiormente.

Ela piscou confusa quando ele abriu um ligeiro sorriso penetrou lentamente em seu rosto.

– O quê foi? – Surtou, sem saber mais como reagir.

– Nada. – Murmurou, ainda com aquele sorriso vago. – Suas bochechas – de repente você estava corando tão graciosamente. E eu estava pensando...

– Em quê? – Questionou, ainda mais descontrolada desta vez.

Ele segurou a mão calorosamente outra vez.

– Bem, estava pensando – aqui está uma garota que não tem medo de seguir seu coração. – Continuou. – Porque é isso que parece. Desculpe se me enganei. Sei que você queria que eu desenterrasse minha última lembrança, mas tudo que consegui ver foi você. – Agora foi a vez dele ficar um pouco tímido.

– Ah – ok. – Gaguejou... – Eu, uhm, yeah, eu sigo mesmo o meu coração. Na maioria das vezes... se a Ritalina não estiver no caminho.

– Faça isso sempre. – Aconselhou-a.

Moira concordou com a cabeça, decisivamente, como se pudesse compensar as palavras com um simples movimento.

– Tomo comprimidos. – Deixou escapar. – Para limpar minha mente e me concentrar. Tenho TDAH. Para ser franca, esses comprimidos só me fazem sentir sonolenta, mas não consigo por conta própria. Então é isso.

Hayko concordou com a cabeça também, lentamente.

– É coisa da sua cabeça. Você *consegue* por conta própria. Quer apostar? Posso ver o poder escondido dentro de você. Você só precisa deixar sair.

Moira não respondeu. Sem comentários, ela saltou da pedra onde estava e afastou-se mal-humorada, evitando os olhos dele quando ficou alguns passos longe. Era tudo o que ela precisava – um morto que falava como um mestre Zen, tentando ser terapeuta dela. A vida dela não era da conta dele. Quem era ele para criticá-la por buscar ajuda e consultar o médico para tomar remédios para seu transtorno? Se ela não tomasse Ritalina, não conseguiria se controlar. Patrick disse tantas vezes para ela se acalmar, para relaxar e pensar bem. Ele a conhecia muito bem.

Hayko levantou-se e caminhou até ela no meio do círculo, ficando de pé atrás dela.

– Moira, não se afaste de mim. Só estou falando o que vejo. É só. Desculpe se toquei na ferida.

Ele não a virou para que olhasse para ele, e como ela não se mexeu olhar para ele, ele inesperadamente deslizou os braços ao redor dela. Ela não podia vê-lo. Ela só podia sentir o calor do seu corpo que passava pelo tecido do casaco dela, nas costas. Como uma pessoa morta podia estar tão quente?

Nos braços dele, ela se virou e o encarou desafiadora.

– Você está tentando me confundir? – Murmurou, ainda meio ofendida.

Ele pensou na pergunta.

– Não. Talvez eu tenha te chateado por dizer coisas que no fundo você sabe, mas se recusa a ouvir? – Deslizou os braços soltando-a e recuou. No silêncio que se seguiu, Moira pode ver que algum novo entendimento se despertava gradualmente nele.

– A última coisa que me lembro. – Disse lentamente, – Foi ter visto os faróis de um carro. Foi a última luz que vi. – Ele franziu a testa. – O que isso significa?

– Não sei. – Moira respondeu com a voz rouca, porém não era totalmente verdade. Ela poderia dar um palpite sobre o que significava.

Enquanto ela ponderava sobre o que dizer, Hayko Olhei para o céu e cutucou-a de lado.

– Ei, olha aquilo! Você também vê algo voando lá?

Ele apertava os olhos quando olhava para o céu azul brilhante. Moira seguiu seu olhar e viu um grande bando de pássaros vindo em direção a eles. Estranho – eles não estavam voando na formação em V, como de costume. De certa forma, Eles formavam um círculo no céu. Lentamente, os pássaros se aproximaram, pousando em uma árvore que tinha aparecido de repente no meio do círculo de pedras. Era uma árvore sem folhas parecendo a morte.

Um calafrio violento passou por A temperatura caiu ainda mais ela. Hayko também percebeu... ele estava esfregando as mãos nos braços para se aquecer e chegou mais perto dela.

– O que há com esses pássaros? – Disse, batendo o queixo. – Moira... estou com medo.

Instintivamente, Ela envolvia-os nos braços para aquecê-lo e de alguma forma protegê-lo ao mesmo tempo.

– Vem, vamos compartilhar meu casaco. – Ofereceu, abrindo o zíper e tentando envolver os dois. Não estava funcionando. O vento amargamente frio cortava a respiração.

Enquanto isso, todos os pássaros levantaram voo novamente. Eles giravam como um dervixe louco rodopiando em uma dança frenética, cada vez mais perto um do outro. Diante dos

olhos perplexos, a trupe de pássaros se transformou em uma única figura.

Desta vez, a criatura não era radiante com a luz, no entanto, era um anjo. Um anjo sombrio e vultoso, com asas pretas e um manto azul da cor da noite, parecia ameaçador sob a luz deste dia ensolarado e frio.

Moira apertou as mãos de Hayko, tentando tranquilizá-lo por um segundo. Mesmo que esta aparição não parecesse amigável, sem dúvida, era bem intencionado. Afinal, o outro anjo também tinha ajudado Hayko. Anjos faziam coisas generosas, não é?

Ela olhou nos olhos do anjo. Suas íris escuras eram poços de escuridão sem fim.

– Semnael. – Sussurrou, no momento que Hayko pronunciava o nome também. Lentamente, ele soltou a mão dela e veio para frente, aproximando-se o anjo passo a passo.

– Você chamou. – Disse o anjo. – Eu vim com um presente para você.

Sem fôlego, Moira viu quando o anjo tirou uma espada debaixo de seu manto longo. Seria hora de Hayko carregar algum tipo de arma? Talvez ele precisasse vencer o espírito mal que o assombrava.

– Dou-te a morte. – Semnael disse, com voz sombria.

E então ele levantou a espada, apontando-a para o peito de Hayko antes de mergulhar em seu corpo, a lâmina brilhava impiedosa sob a luz brilhante do sol. Sem proferir uma palavra, Hayko despencou no chão.

Moira apertou as mãos sobre a boca quando tudo ao redor dela desacelerou. O coração batia freneticamente. Com as pernas trêmulas, Ela cambaleou para trás e fechou os olhos por um momento para afastar o horror da situação por alguns instantes. Quando ela abriu os olhos novamente, Semnael havia ido embora.

No meio do círculo de pedras, Hayko jazia esparramado na grama alta, com uma mancha escura de sangue sujando a camisa vermelha e um buraco escancarado no peito. Moira tropeçava na própria sombra correndo até ele. O rosto dele estava tomado de uma palidez medonha e os lábios estavam azulados. A única explosão de cor em suas feições era a cor de avelã dos olhos emoldurada por cílios escuros, cegamente olhando para o céu. Vazia.

– Hayko! – Gritou desesperada. – Não! Por favor, não vá! – Ela não entendia. Ele precisava morrer neste mundo para fazer a passagem? Acabou tudo agora?

Delicadamente, ela acariciou a bochecha. Ele já havia ficado frio. Ele jazia imóvel – a única coisa que se mexia era seu cabelo escuro agitado pelo vento. Os piercings brilhavam ao sol.

Quando ela se inclinou ele, com os olhos ardendo pelas lágrimas quando ela segurou-o nos braços, certa de que aquela emoção não era mais dele.

Esta era sua própria tristeza.

6.

Ela acordou com lágrimas no rosto. Que bom que Patrick não havia passado a noite lá. Ele provavelmente teria se assustado se a visse chorando durante o sono.

Com um gemido sentimental, Moira sentou-se. Poderia tornar-se um problema de verdade se ela continuasse tendo pesadelos. Mais cedo ou mais tarde, ele descobriria e pediria uma explicação e então ela teria que contar sobre Tabitha e a bruxaria, ele ficaria chateado e eles discutiriam..

Ok, ela tinha que se acalmar. Seu cérebro estava acelerado demais. Moira se levantou com as pernas instáveis e se debruçou sobre a bolsa para desenterrar a caixa de Ritalina. Indecisa, ela ficou lá, uma cartela de comprimidos pela metade na mão. Ele ela seria capaz se confiasse na força dentro dela. Mas afinal, que diabos Hayko sabia? Ele estava morto... e agora mais morto ainda.

Distraída, engoliu um dos comprimidos e bebeu de uma vez o copo quase cheio de água que estava no criado mudo. Ela precisava ter certeza de que estava calma. Deus todo poderoso, ela estava extremamente cansada. Ela já tinha passado por poucas e boas durante o dia, e o ritmo se manteve durante os sonhos. Parecia que ela não havia pregado o olho. Se isto não parasse, ela enlouqueceria.

Mas talvez tivesse chegado ao fim agora. Hayko havia morrido outra vez no sonho. O que significava que ele estava a caminho para a outra vida e o trabalho dela estava feito.

Isso a fazia sentir-se estranhamente vazia.

– Semnael. – Murmurou. – Ele era mesmo um anjo?

Ele não havia exatamente a combatido como angelical. Por um instante, Ela fechou os olhos e caminhou até seu rádio para colocar um CD. Ouvir Metallica no volume máximo a ajudaria a bloquear as imagens de Hayko sendo perfurado por uma espada afiada e letal.

Moira parou diante da escrivania e congelou. Bem no meio da escrivania estava outro bilhete, escritos com a mesma letra desagradável do primeiro bilhete.

Eu disse para você se danar, sua cadela

SLEBOG

Ela começou a ter tremores nos braços inteiros. Que inferno – Como isso era possível? Com as mãos trêmulas, ela pegou o bilhete e encarou as palavras venenosas. Ela leu algumas vezes, tentando identificar a letra, em seguida, olhou ao redor para encontrar vestígios de que alguém havia invadido o quarto na noite anterior. Nada.

Só então ela percebeu que o fantasma havia usado um palavrão galês para ofendê-la.

Assustada, ela andava em círculos quando Holly, Tabitha e Dai entraram no quarto de uma vez. Dai imediatamente foi em direção ao rádio para abaixar o volume.

– Assim não consigo ouvir nem meus pensamentos. – Disse mal-humorado. – Silêncio no conselho do café da manhã, por favor.

– Ah, não. Você recebeu outro? – Tabitha perguntou, seu rosto ficou pálido quando apontou para o bilhete na mão de Moira.

Holly não disse nada. Ela caminhou até a Moira e agarrou a mão direita.

– Mostre seus dedos, – ela disse, com a voz tensa.

– Hein? – Moira respondeu com estupidez. – Por quê?

Holly levantou a mão de Moira. Manchas azul escuro estavam nos dedos indicador e

médio.

– Onde ela conseguiu isso? – Dai disse com uma careta.

Holly, silenciosamente, se virou e pegou o bloco de notas da escrivadinha de Moira, colocando a esferográfica ao lado dele em cima do papel.

– Coloquei uma armadilha ontem à noite. O bilhete com a mensagem foi tirada deste bloco, eu tinha certeza.

Ela entregou a caneta para Dai.

– Coloquei um pouco de tinta escura na parte de cima dessa caneta enquanto Tabby e Moira conversavam. Dá uma olhada – é a mesma tinta que está nos dedos de Moira agora.

Moira ficou boquiaberta com a amiga, completamente abismada.

– Mas... – ela finalmente protestou. – Mas sou canhota!

– Não, ontem à noite, aparentemente. – Holly respondeu calmamente. – Você mesma escreveu este bilhete. Deve ser seu subconsciente fazendo essas coisas.

– Faz sentido. – Dai interveio. – Quer dizer, veja, a mensagem tem até uma palavra galesa para te chamar de cadela.

– Mas por quê? – Moira olhou em volta para o seu círculo de amigos. – Por que eu faria essas coisas assustadoras?

Tabitha de repente agarrou o braço de Moira.

– Sabe o que eu acho? Você mesma escreveu isso, mas ao mesmo tempo não foi você.

Quando todo mundo lançou olhares vazios para ela, Ela continuou rapidamente:

– Há muitas histórias de pessoas que canalizam entidades e escrevem livros inteiros assim. E eles escrevem coisas que nem conhecem. Às vezes, nem estão cientes de que estarem escrevendo até saírem do transe e lerem o que está diante deles.

– Ah, você quer dizer psicografia? Holly perguntou.

Tabby concordou com a cabeça.

– Algo nesse sentido.

– Então a mão dela foi guiada por uma entidade fora dela? Por isso ela usou a mão direita?

– Hello? Estou aqui. – Moira comentou aborrecida.

Holly deu um sorriso apologético.

– Desculpe. Você tem razão.

Tabby franziu a testa.

– Se minha teoria estiver correta, essa mensagem pode ter sido escrita por uma alma errante. Alguém que quer mantê-la longe de uma alma *boa* que você encontrou nos seus sonhos.

Todos ficaram em silêncio. Moira soltou o bilhete. Ele tremulou até o chão quando ela sentou-se na cama com força.

Dai rompeu o silêncio limpando a garganta.

– Meninas, e aquela mulher sinistra no mundo dos sonhos? Eu não ficaria surpreso se ela estivesse envolvida de alguma.

Moira olhou para ele perplexa.

– Que mulher sinistra?

– Yeah, que mulher? Tabby ecoou.

As duas olhavam Dai com uma ansiedade crescente nos olhos.

Ele sacudiu a cabeça, expirou alto e despencou na cadeira da escrivadinha de Moira.

– Espera. Vocês estão dizendo que sou a única pessoa que pode vê-la? – disse com a voz trêmula.

Como elas não responderam, ele ficou pálido.

– Como ela é? – Tabby perguntou temerosa.

Dai hesitou por um instante.

– Bem, na verdade, ela é incrivelmente linda, mas é um tipo de beleza inquietante, se vocês me entendem. Como se sua boa aparência estivesse encobrir algo aterrorizante. Ela usa um vestido branco e um véu. Não consegui ver o rosto dela muito bem, e tenho certeza que deveria estar feliz por isso. Se olhar nos olhos dela, algo horrível vai acontecer. Posso sentir aqui dentro. – Ele estremeceu. – E ela estava lá, o tempo todo. Durante todo o sonho. Ela estava observando Moira e Hayko, e estava claro que ela odiava Moira. Aquele olhar... eu podia sentir queimar através do fino véu dela. Isso me assustou completamente.

– Então porque não conseguimos vê-la também? – Moira sussurrou.

– Não tenho a mínima ideia. – Dai respondeu. – Mas eu a vi. E tenho certeza que é ela quem manipula Moira a escrever estes bilhetes. Sua aparência inteira grita de terror, não importa o quão bonita ela possa ser.

Holly se levantou da cama e caminhou até o armário de Moira para pegar um lápis e um caderno na prateleira.

– Você pode desenhá-la para nós? – ela pediu para o namorado.

Dai riu.

– Ei, obrigado por achar que sou um rapaz brilhante e por me amar desse tanto, mas nesse caso, o amor é cego. Não sei desenhar. De jeito nenhum. Há limites para minha grandiosidade.

– Bem, está na hora de testar seus limites. – Holly respondeu com desdém. – Você é o único que pode ver aquela bruxa assustadora, então você vai desenhá-la para nós.

– Uhm, ok. – Dai disse, um pouco surpreendido. – Eu vou dar meu melhor. Você tem alguma ideia que tipo de entidade pode ser?

Holly olhou para as mãos dela.

– Não faço ideia. E você, Tabby?

A gêmea de Dai balançou a mão dela.

– Ainda não. Mas acho que ajudaria se eu sabia o que procurar, assim posso vasculhar em minha literatura Wiccana.

Moira manifestou-se.

– Pelo que sabemos, os sonhos acabaram. Quer dizer, Hayko foi esfaqueado até a morte por Semnael. Se isso não fecha a porta, não sei o que fecha.

– Semnael? – Holly repetiu como papagaio.

– Sim. O segundo anjo que apareceu em meu – quer dizer, nosso sonho. Ele matou Hayko com uma espada.

Holly arregalou os olhos.

– As coisas ficam cada vez mais loucas, não é? Ela lançou um olhar apologético para Moira. – Olha, Dai e eu precisamos mesmo ir para chegar a tempo para a, mas vou me esforçar mesmo para obter respostas para você hoje. Ok? Não fique desesperada.

Depois que Dai e Holly saíram do quarto, Moira olhou para Tabby. A irmã sempre com os olhos vidrados no chão.

– Me desculpe por você ter passado por todo esse horror ontem à noite. – murmurou. – Esperava que fosse mais fácil alcançar o cara do próximo nível, por assim dizer.

Moira riu sem forças.

– Bem, como eu disse... talvez esteja tudo acabado agora. Espero que essas notas macabras acabem também.

Tabby sorriu.

– E vão. Embora seja uma pena que você não possa mais falar com Hayko. Parecia que vocês estavam tendo uma conversa interessante, apesar das circunstâncias estranhas.

Moira sentiu um ligeiro rubor surgir em seu rosto. Tabby e Dai haviam percebido o quanto o olhar intenso de Hayko a havia confundido? Ela realmente não conseguia lidar com isso além de todo o resto.

– Estou indo para o The Gladstone. – Disse abruptamente, levantando-se para pegar algumas roupas do armário.

Tabby entendeu o recado e desapareceu rapidamente para o quarto para se preparar para um longo dia na sua escola de.

Moira escolheu algo confortável. Depois de uma breve hesitação, ela enfiou o relógio de bolso da Nain Anwell na bolsa para colocá-lo à noite quando ela fosse passar a noite na casa de Patrick. Ele provavelmente acharia bizarro se ela usasse o colar enquanto dormia, mas ele entenderia... ele tinha a visto fazendo coisas muito mais estranhas. Com a boca fazendo uma linha sinistra, ela mexeu no volume do velho estéreo aumentando novamente e gritava acompanhando *Wherever I May Roam* antes de correr escada abaixo para tomar um rápido café da manhã.

– Mesa três, dois peitos de peru! – John Pritchard gritou pela cozinha. – Moira, por que você ainda não liberou a mesa seis? Todos os pratos de sobremesa ainda estão lá e três pessoas estão esperando para sentar.

Moira acenou com a cabeça e lançou-se da cozinha para fazer o que fora pedido. Ela havia tido um dia incrivelmente corrido hoje, e não parecia que a noite seria melhor. A única coisa boa de toda a pressão do trabalho era que ela havia estado ocupada demais para pensar no sonho horrível. O grande grupo de hóspedes inesperados de Londres e o treinador cheio de dinamarqueses saindo hoje, havia decidido almoçar ali no último minute, exigiu toda atenção dela. Se ao menos ela conseguisse dormir bem esta noite... se não, a bateria interna começaria a ficar seriamente descarregada.

Moira afastou-se a tempo de evitar que duas crianças pequenas trombassem com ela enquanto eles estavam concentrados na brincadeira de pega-pega que aparentemente decidiram começar bem ali no restaurante. A mãe se arrastando atrás dos dois meninos claramente não conseguia controlar os filhos.

A mesa seis estava mesmo uma bagunça. Moira empilhou todos os pratos e as taças de sundae vazias em uma bandeja da melhor forma possível e foi em direção à cozinha. Uma das taças de sundae tombou, pingando o sorvete de chocolate derretido e pegajoso na mão dela. Eca.

– Você pode arrumar a mesa seis em um minuto, também? – o Garça pediu, observando o pessoal da cozinha como um falcão com os braços cruzados e as pernas de pau como sempre.

– Claro, John – Moira disse, certificando-se de que ela parecia amigável o suficiente para não acabar sendo sarcástica. – Já tive minha pausa de qualquer forma, não é?

O celular vibrou no bolso da saia. Provavelmente era Patrick, querendo saber a que horas ela estaria na casa dele. Felizmente, ele havia se oferecido para cozinhar... o prato preferido dela. Macarrão com salmão. Só de pensar o estômago dela roncou.

Quando ela chegou uma pausa de dez minutos depois de tudo porque Cerys gentilmente se ofereceu para substituí-la, ela tomou uma caneca grande de café e se afundou em um sofá no hall de entrada, tirando os sapatos apertados para relaxar um pouco. Distraída, rabiscava no pequeno bloco de notas que ela carregava com ela para anotar os pedidos das pessoas. Quando ela levantou depois de um tempo para voltar à cozinha, percebeu de repente que havia desenhado dois olhos cor de avelã escuros com manchinhas douradas. Os olhos de um garoto que se fora para sempre.

– Querida, você parece abatida – Patrick exclamou quando ela entrou naquela noite. – Parece que você teve um dia horrível.

– Absolutamente pavoroso. – Moira confirmou, rastejando para os braços dele, assim ele poderia abraçá-la. O cheiro maravilhoso de comida flutuava pelo corredor. Ela já podia sentir o gosto do pesto e do salmão grelhado na língua.

– Então, você está livre esta noite? – Patrick indagou, acomodando-a na sala de estar, entusiasmado. A mesa de jantar foi colocada para dois. A senhora Ellis nunca estava ali às terças-feiras.

– Sim. Quer dizer, não. Não completamente. – Moira suspirou frustrada. – Preciso mandar um e-mail para Tamsyn. Prometi a ela que encontraria alguma informação sobre os Impressionistas. Mas não vou demorar. Vamos nos esticar no sofá e assistir um filme enquanto eu uso seu laptop.

Ela devorou o prato de macarrão enquanto Patrick falava com ela sobre seu dia na garagem. Moira não pode evitar o pavor de ir dormir esta noite de repente. E se ela tivesse outro pesadelo horrível? O que ela diria para ele?

Ela olhou subserviente para o namorado por baixo dos cílios. Na verdade, Patrick era muito pé no chão para fazer rebuliço por causa de sonhos ruins. Ela poderia gritar e chorar o quanto quisesse... Ele provavelmente só iria zombar de sua imaginação extremamente fértil e depois acalmá-la.

Ele não entenderia mesmo caso ela tentou explicar os sonhos.

Depois do jantar, Patrick enfiou um DVD no aparelho e eles se aconchegaram no sofá para assistir o suspense que ele havia escolhido. Moira trouxe o laptop de Patrick escada abaixo e equilibrou-o no braço do sofá para procurar algumas coisas no Google, abrindo outra aba para checar a caixa de mensagens ao fundo. Ela adoraria escrever sobre as etapas iniciais do movimento. Como as sombras azuis na neve recém-caída inspiraram os artistas a ressoarem os tons de azul do céu nas sombras traçadas nos rostos das pessoas em retratos. Como Dégas pintou bailarinas em composições assimétricas como se ele estivesse fotografando naquele exato momento, sem sequer fazê-las posar para a foto. Ela ficava fascinada em ver qual havia sido a inspiração comum para estes artistas. Ela enviaria um e-mail para Tamsyn para dizer a ela que estava ansiosa para fazer a primeira parte do ensaio e escrever sobre os primeiros anos do Impressionismo. A colega provavelmente não se importaria.

Imersa em pensamentos, ela olhou a segunda aba do Google que havia aberto. Olhando Patrick de lado, ela digitou o nome “Nurael” com cuidado na caixa de pesquisa. Google não deu uma dica sequer de algo que estivesse remotamente relacionado ao anjo do sonho. A tela foi inundada por cantores árabes e perfis do Twitter de pessoas no Oriente Médio. Holly estava enganada – aquele anjo realmente não existia, nem mesmo no folclore.

O que foi que Hayko disse sobre os pais? Ele os chamava por nomes diferentes, em uma

língua estrangeira... que palavras ele usava? Moira tentou “mair” e “hair”, resmungando aborrecida quando uma longa lista de cabeleireiros e acessórios encheu a tela. Com um suspiro, ela fechou a janela. Era hora de ir.

– Já acabou? – Patrick cutucou-a ansioso. – Agora vai ficar emocionante mesmo. Você quer que eu pause?

– Uhm, não, tá bom. Já enviei o e-mail para Tamsyn, vou pesquisar mais coisas no Google amanhã. Só tenho aulas de manhã e não tenho que trabalhar à tarde.

Moira manifestou-se colocando o laptop no chão. Mesmo assim, Patrick pausou o DVD e virou-se para olhá-la. Moira deu uma risadinha quando ele fez cócegas em seu pescoço, brincando.

– Liam Neeson vai ter que esperar. – Anunciou com um sorriso. – Quero beijar minha garota.

Eles não paravam de se beijar. Uma a uma, as almofadas do sofá caíam no chão, à medida que avançavam apaixonadamente.

Moira ficou vermelha quando a mão de Patrick deslizou embaixo da saia, levantando-a para passar os dedos pelo elástico da calcinha.

– Porque você não tira. – Murmurou baixinho.

– Pat! – Sussurrou perplexa. – Tira a mão da minha calcinha! Estamos na sala de estar. E se sua mãe entra?

– Ela não estará em casa tão cedo. – Murmurou, continuando a puxar a calcinha dela. – Você sabe que não, querida. Ela estará no clube da ponte a noite toda.

Moira tentou esquivar-se para sair debaixo de Patrick.

– Mas as camisinhas ficam lá em cima. – Protestou. – Vem, vamos para o seu quarto.

– Não estou disposto a usar caminha. – Disse sem rodeios, com um olhar tão empolgado que ela ficou um pouco nervosa de repente.

– O que você quer dizer, não está disposto? – A voz ficou presa na garganta. – Não estou tomando pílula. Então, yeah.

– Pode ser sem proteção. – Disse suavemente, passando a mão quente em sua coxa. – Vamos. Como se sempre colocássemos a Durex. Não seja exigente.

– É porque eu olho quando estou ovulando, então eu sei quando é seguro. – Argumentou. – Agora me larga.

– Por quê? – Ele não soltou. Moira não podia acreditar no que estava ouvindo.

“Por quê?! – Repetiu em voz alta. – Porque agora *eu* não estou mais disposta, Pat. Você está me pressionando, e para ser bem sincera, seu comportamento me assusta.

– Meu comportamento? – Ecoou ríspidamente. – Quero fazer sexo com minha namorada. Que diabos há de assustador nisso?

Moira quase explodiu com a raiva contida.

– Você é tão sem noção. – Gritou, empurrando os ombros dele com raiva.

Ele finalmente entendeu, se arremessou para longe dela com uma cara feia, indo para a outra ponta do sofá e olhando furioso para ela, com os braços cruzados, indignado.

Ah, sou sem noção? – Disse. – Por que você não me educa, então?

Moira abriu a boca para responder, então se sentiu perdida. Quando tinha dado tudo errado? O que ele fez para ofendê-la assim?

– Você não está me ouvindo. – Finalmente disse, desesperada.

– Não confunda as coisas, Moira. – Patrick rosnou. – *Você* que não está me ouvindo. E você perdeu o rebolado comigo sem motivo. Simples assim. Você tomou seus comprimidos? Porque, francamente, não entendo porque você está sendo tão venenosa comigo.

Ela apertou as mãos nos punhos e mordeu a língua para se segurar e não berrar. Pálida, arrastou os pés e pisou na cozinha para pegar um copo de água, por fim decidindo pegar uma lata de cerveja na geladeira. Talvez isso a acalmasse.

Quando terminou de beber e jogou a lata no lixo, ela ouviu a porta da frente. Quando entrou na sala de estar, a senhora Ellis tinha acabado de passar pelo corredor. Moira olhou para Patrick que claramente significava “Eu falei!”, então ele levantou do sofá e puxou-a para seus braços.

– Me desculpe. Cochichou no ouvido dela.

Por um segundo, ela resistiu, então se entregou. Ela não queria fazer uma cena na frente da mãe dele.

– Você chegou cedo, não acha? Patrick se dirigiu à mãe. – Virou uma má perdedora?

Ela riu.

– Eles precisam de casa do clube para outra atividade hoje à noite, então paramos um pouco cedo. – Os olhos se voltaram para a TV. – Ah, vocês estavam assistindo um filme? Vocês não se importam se eu ficar, certo? Vou ficar quieta no meu canto.

– Estamos subindo. – Moira disse baixinho. – Tenho que levantar amanhã às seis e meia, então não posso ficar acordada até tarde.”

A senhora Ellis sorriu.

– Como vai a universidade? E o trabalho no The Gladstone?

– Estão ótimos. – Moira se soltou do abraço de Patrick e bateu um papo com a senhora Ellis por mais um tempo para se acalmar um pouco. A mãe de Patrick era viúva e praticamente tinha criado o filho sozinho. Moira e Patrick eram amigos e, depois, os amantes há tanto tempo que a senhora Ellis considerava Moira como filha agora.

Quando eles subiram, a raiva de Moira tinha abrandado um pouco. De qualquer maneira, ela fechou a porta, entrando no quarto atrás de Patrick. Não queria que a mãe dele os ouvisse discutindo.

– Nunca mais faça isso – Disse com firmeza.

Patrick virou-se, com evidente arrependimento nos olhos.

– Você tinha razão. – Simplesmente admitiu. – Realmente pensei que ela ficaria fora até pelo menos onze horas.

Não foi o que ela quis dizer, mas ela estava cansada demais para alimentar outra discussão. Além disso, ele se desculpou, e desarmou sua fúria.

– Ah bom, isso serve para mostrar que você nunca pode ter certeza sobre essas coisas. Eu teria ficado bem envergonhada se ela entrasse e nos visse.

Ele segurou a mão dela e puxou-a lentamente para a cama.

– Tanto melhor que estamos aqui onde ela não pode entrar e nos ver. – Disse dando uma piscadela. – Porque não retomamos de onde paramos.

Ele beijou-a lenta e calorosamente. Por um segundo, ela quis falar que estava com dor de cabeça... ela realmente não estava com muita vontade de se aconchegar com ele... mas, sem

dúvida, estragaria o humor dele pelo resto da noite.

Quando ela estava pronta para ir dormir por volta das onze, Patrick estava tão radiante e satisfeito que ele nem percebeu a corrente com o relógio de bolso no pescoço quando ela chegou na cama ao lado dele.

– Tenha bons sonhos. – Murmurou, colocando a mão no quadril dela formando uma concha. Moira fechou os olhos com a esperança de que o desejo dele se tornasse realidade.

7.

O som do despertador das seis e meia acordou-a bruscamente.

Moira virou-se, desligou o celular e apertou o aparelho nas mãos enquanto rolava sobre as costas e olhava para o teto.

Então a história de Hayko realmente havia acabado. Ela não tinha mesmo sonhado com ele. Nenhum deserto, nenhum círculo de pedras, nenhum cara bonito com comentário irritante sobre a maneira que ela levava a vida. Ela havia dormido profundamente e em paz.

Com um suspiro, saiu da cama. Patrick não precisava levantar até as sete e meia, então ela tentou não acordá-lo. Moira deu um beijo na testa e o ouviu murmurar algo durante sono. Ele tinha o hábito de fazer isso... falar enquanto dorme. Eles descobriram que ele fazia isso quando estavam no último ano do colégio, aos quinze anos, quando os pais deixaram que dormissem juntos pela primeira vez. Uma vez, eles até usaram o celular de Patrick para gravar a voz dele durante a noite. Eles tiveram cólicas de rir quando ouviram o balbucio dele pela manhã.

Andando na ponta dos pés até a porta, Moira saiu do quarto com uma pilha de roupas limpas nos braços. O chuveiro era toda dela, porque a mãe de Patrick também não tinha que levantar tão cedo. Ela levou um tempo, depois voltou calmamente para o quarto para pegar a bolsa e arrancar o pijama.

Ela ainda não estava com muita fome, então decidiu pular o café da manhã e se dirigir para o ponto de ônibus mais próximo. Quando ela desceu na estação, Dai estava esperando por ela na plataforma. Ele precisava começar cedo hoje, como ela.

– Psiu, Dai. – Murmurou. – E aí, *Ti'n iawn*?

– Yeah, tudo bem. – Respondeu, tirando um sanduíche de queijo do saco de papel ele estava segurando... – Tá com fome?

– Um pouco. Obrigada! – Ela sorriu para o irmão quando ele entregou a comida. Dando umas mordidas em silêncio, ela olhava para o horizonte, onde o sol estava iluminando o mar com um brilho cor de bronze. Moira estava contente porque o relógio havia sido adiantado na semana passada, assim tinham mais luz do dia no período da manhã agora.

– Dormiu bem? – Ele perguntou suavemente.

Moira olhou para baixo. O pedaço de sanduíche em sua boca de repente parecia borracha, então ela mastigou-o com mais intensidade. – Yeah. Nenhum sonho incompleto.

– Eu também. – Dai coçou o cavanhaque. – Você acha que acabou?

– Acho. Na opinião de Tabby, Hayko já estava morto, portanto, ser morto por um anjo, ainda por cima, deve ser bastante definitivo.

– O que significa que aquelas mensagens misteriosas vão parar também.

– Uma coisa boa, também.

Ao longe, Ela podia ver o trem se aproximar. Moira colocou o resto do sanduíche no bolso do casaco de inverno, pois perdeu a fome de repente.

– Dai? – Disse, tentando começar uma conversa, quando se sentaram no banco do vagão.

– Sim? – Ergueu as sobrancelhas em sinal de convite.

– Você se importaria... Quer dizer, incomoda você... – Meu Deus, essa seria uma pergunta estranha. Especialmente porque era para o *irmão*. – Quando você dorme com Holly e precisa usar proteção? – Ela então deixou escapar em um fôlego só para acabar com logo com isso.

A boca de Dai ficou meio aberta. Ele deu um longo gole no café com leite antes de

responder:

– Não, claro que não. Por que deveria?

Ela encolheu os ombros, desajeitada.

– Bem...

– Por que você veio com essa? – Olhou para ela com ar de zombaria.

Moira ficou vermelha.

– Ontem, Patrick e eu estávamos nos beijando, sabe, e então ele ficou meio que me pressionando a fazer sexo sem proteção. Mesmo sabendo que não podemos fazer assim toda vez.

Dai desviou o olhar, soltando um ruído desdenhoso.

– Yeah, posso imaginar nitidamente Patrick querendo isso.

Moira ficou quieta por um instante, pensando o que diabos Dai queria dizer com aquela observação.

– Você acha que ele está sendo muito descuidado com os preservativos?

Não era exatamente uma notícia de última hora que Dai achava o namorado dela era um preguiçoso desinteressado às vezes. Pat e Dai nunca se bicaram, apesar de não terem nenhuma grande briga para contar.

Dai sacudiu a cabeça.

– Não, acho que ele está sendo calculista demais. – Respondeu.

– Uhm – calculista? Como assim? Você suspeita que ele tenha planos sinistros? – Ela não o entendia.

Dai cruzou os braços.

– Não seria tremendamente conveniente para Patrick se você engravidasse acidentalmente por ter contado errado os dias ou por não ter se incomodado com a camisinha? Disse com um olhar sério.

– Por que diabos isso seria conveniente? – Ela não acreditava no que estava ouvindo.

O irmão suspirou.

– Porque Patrick pinta um tipo de vida totalmente diferente quando pensa e vocês. Vamos encarar – Ele nunca quis ir para a Facul em primeiro lugar...

– Isso não é verdade. Moira interrompeu. – Ele só disse que seria melhor passar para meio período depois que descobrimos o TDAH no meu segundo ano.

– Claro que ele disse. Nessa altura ele já tinha cedido ao fato de que você era uma estudante porque ele nunca conseguiu te convencer do contrário. Mas me diga... o que *você* pensou, na hora?

Moira ficou em silêncio, olhando para Dai, confusa.

– Eu, uhm. – Murmurou. – Eu estava feliz por estar formada e ter concluído bem. Não me importava de trabalhar meio período, sério... Eu teria me dado mal se tivesse ficado trabalhando em tempo integral. É bem difícil.

– Em outras palavras, toda a ideia de “meio período” nem foi sua. E escute o que vou te falar, ele *nunca* esteve feliz por você ir para a Facul. O sonho mais erótico dele é você parar de estudar agora mesmo, trabalhar em tempo integral no hotel, e começar uma família com ele para brincar de casinha. É o que ele quer. Ele simplesmente não tem as mesmas ambições que você, não importa o quão bom rapaz ele seja. – Dai colocou o copinho com força na mesa embaixo da

janela. – E a coisa toda não seria simplesmente perfeita se você estivesse grávida e dependesse dele? Afinal é fácil cometer um deslize.

Moira piscou totalmente espantada.

– Não acredito que você está jogando isso tudo na minha cara assim. – Gaguejou.

– E *eu* não acredito que você está cedendo a ele avançando tão ridiculamente.

– Que saco, eu disse não, tá bom? – Moira explodiu, encolhendo quando alguns lugares à frente, alguém limpou a garganta propositadamente. – Fiquei louca com ele. – Continuou com a voz mais baixa. – Verdade. Eu nem conseguiria... *explicar* por que ele me irritou tanto. – Ela olhou Dai impotente.

De repente ela deu um sorriso fraco quando segurou a mão dela.

– Então sugiro que você comece a pensar na razão. – Respondeu gentilmente. – Me desculpe por te confundir com minhas perguntas. Só estou dividindo com você o que vejo. E estou vendo há algum tempo.

– Bem, sei que temos nossas diferenças. Brigamos de vez em quando. Mas isso deve acontecer em qualquer relacionamento onde um é mais ocupado que o outro ou tem menos tempo, não é?

Moira olhou pela janela, em direção ao litoral que passava rápido pelo trem. O mar se estendia ao infinito, para além de onde os olhos alcançavam, até as ondas baterem nas margens da Ilha de Man e contarem para a praia lá o que os grãos de areia da costa do País de Gales haviam cochichado para elas antes de partirem. E depois disso, a água fluiria para além da ilha ao oceano infinito. Bem longe daqui.

Ela suspirou.

– Temos que fazer uma viagem de um dia para Dublin de balsa outra vez. – Disse para Dai. – Dirigir para Holyhead e visitar a Irlanda. Ou sentar e escrever músicas o dia todo. Sinto saudade de fazer isso.

Dai concordou com a cabeça.

– Eu também. Desde que você começou a tomar os comprimidos, não tem tido muita inspiração.

– Bem, o que você sugere? Desistir da Ritalina? – Retrucou com certo desprezo.

– Quer que eu seja honesto? – Perguntou com seriedade.

Suas palavras fizeram-na parar.

– Bem, claro que quero. – Disse finalmente. – Confio em você. Afinal, você estudou para saber sobre esse tipo de coisa.

– Isso é um lixo. – Disse sem rodeios. – Há outras maneiras de lidar com essa situação.

– Como assim? – Moira ficou de queixo caído. – Você não podia ter me dito isso antes?

– Você teria me ouvido? – Dai sacudiu a cabeça. – Além disso, não queria se meter com você e o Patrick ao mesmo tempo. Ele levantou a bandeira da Ritalina antes mesmo de você, lembra?

Moira soltou um suspiro trêmulo. O irmão tinha tocado na ferida. Ela achava que a medicação era a resposta, porque o namorado tinha insistido que ela deveria controlar o mau humor, o temperamento e a impulsividade. E ela não conseguiria fazer tudo sozinha. Ou conseguiria?

Dai disse que havia outras maneiras. E Hayko acreditava que ela era forte o suficiente para

viver sem nenhum comprimido.

Quando isso aconteceu... quando ela havia deixado de acreditar em si mesma? Ela não sabia. Na verdade, ela não havia perdido completamente a autoconfiança, mas ela havia desenvolvido o medo de dizer a coisa errada ou agir sem pensar, tudo porque Patrick era inflexível quanto a ela pensar antes de fazer qualquer coisa precipitadamente. Mas isso a fazia sentir-se segura. E protegida. Certo? Era *bom* que ele quisesse ajudá-la e cuidar dela. Ele a mantinha equilibrada.

– Você esteve fora de equilíbrio por um tempo agora. – Dai disse naquele exato instante. – E acho que você deve seriamente se perguntar o porquê. Quer dizer, Por que você insiste em sair deste lugar e visitar a Irlanda? Por que não você compôs nenhuma música comigo nos últimos seis meses? E por que você fica chateada quando Patrick se comporta de um certo jeito?

– Porque me sinto presa. – Moira respondeu sem pensar. Corando, colocou a mão na boca como se puxasse as palavras de volta. – Ou, não... não quis dizer isso.

Dai não disse nada, deixando o silêncio pairar intensamente sobre eles por quase um minuto.

– Acho que está na hora de você começar a respirar de novo. – Disse por fim, quando Moira pensou que ele não fosse dizer mais nada.

Os dois passaram o resto do curto trajeto para Bangor perdidos em pensamentos até o trem entrar na estação.

– Está se sentindo um pouco melhor? O senhor Davies perguntou quando Moira sentou-se na frente da sala de sala de palestras para certificar-se de que ela não perderia nada hoje.

História da Arte era a última aula do dia e ela queria se concentrar ao máximo. Ela havia ignorado os remédios esta manhã, assim, pelo menos ela não se sentiria confusa.

– Yeah, estou bem. – Respondeu com um sorriso. – Prometo que não vou desmaiar na sua frente desta vez.

– Bom saber. – O professor deu um sorriso largo e caminhou até o quadro para escrever seu plano de aula.

Davies lecionava História da Arte com o senhor Jones. O senhor Davies começou de onde o senhor Jones parou na semana passada, então Moira copiou aplicadamente todas as anotações para ter material suficiente para começar sua dissertação sobre os Impressionistas mais tarde.

No fim da palestra, Tamsyn foi em direção a ela.

– Li seu e-mail ontem à noite! E por mim tudo bem quanto a sua proposta. Quer trabalhar nisso sozinha ou comigo?

– Acho que vou sentar na biblioteca hoje à tarde para poder me concentrar completamente no meu trabalho. Moira respondeu. – Então prefiro sozinha, se você não se importa. Mas vamos nos reunir no final da semana?

– Parece bom. – Tamsyn sorriu. – Meu Deus, estou muito feliz por trabalhar com você. Julian e Sam têm uns métodos de trabalho diferentes. Principalmente Julian. Ele é bem desmiolado, não é?

– Ah, você acha? – Moira disse. – Particularmente, acho que ele é tão brilhante. E ativo. E único. E tão *diferente* de todos os outros. Sabe, o tipo de cara que é a personificação do talento das artes e que eu esperava nesse departamento.

Tamsyn começou a rir.

– Cuidado para ele não te ouvir, ou ele pode não entender o sarcasmo e acreditar mesmo que é tudo verdade.

Conversando animadas, elas saíram da sala de palestra. O senhor Davies estava esperando por elas na porta.

– Moira. Ele disse, detendo-a do lado de fora da sala. – Você pode trazer seus esboços para a aula da próxima vez? Não tive uma chance de vê-los na segunda-feira passada devido a todo o tumulto.

– Ah, sim, claro, senhor. – Concordou com a cabeça, anotando imediatamente em sua agenda mental: “terminar os esboços antes de sexta-feira!!”.

Ela não se importaria se precisasse se matar durante toda a madrugada. Hayko não precisava mais dela nos sonhos.

Quando ela entrou no refeitório, encontrou Holly, Tabby, e Dai sentados na mesa perto da janela. Hoje era o único dia de aulas da irmã – os outros dias desse trimestre na creche do estágio em Llanfairfechan.

– Psiu, grande mana. – Tabby gritou animada. – Quer se juntar a nós?

– As aulas realmente fizeram bem para você hoje, não é? – Moira sondou Tabitha com um olhar curioso. – Você parece tão alegre.

Tabby olhou como se Moira estivesse vendo através dela.

– Bem. Digamos que estou profundamente feliz que está tudo acabado agora. – Disse em uma voz suave. – Sabe, todo o drama do pesadelo compartilhado. Você ajudou Hayko a fazer a passagem. Ainda estava me sentindo meio mal por ser a causa de tudo aquilo, mas não há mais necessidade de me sentir culpada agora que acabou.

Moira concordou com a cabeça.

– Yeah, foi bom ter ajudado uma alma que vagueia a encontrar a luz. – Sorriu, mas não era do coração. A vida voltaria ao normal, e ela temia que o normal acabasse com ela. – Ah, a propósito, ainda estou carregando aquele relógio de bolso na minha mochila. – Distraída, deu tapinhas no compartimento da frente da bolsa.

– Fique com ele até chegarmos em casa. – Tabby sugeriu. – Você pode colocá-lo na minha gaveta, certo?

– Vou colocar. – Moira respondeu categoricamente.

Notando que Dai e Holly olhavam para ela curiosos, ela levantou-se antes que começassem a perguntar sobre seu mau humor

– Vou almoçar. Estou faminta.

Quando ela chegou ao balcão onde eles serviam salsichas e purê hoje, ela olhava dissimuladamente para trás, estudando Holly e Dai. Não conseguia conter a sensação de que aqueles dois tinham conversado sobre ela antes de sua chegada. Afinal, Dai parecia um pouco preocupado com ela. Ou era apenas imaginação dela? Estava mesmo óbvio para todos ao redor que ela não estava na fase mais feliz da vida nesse exato momento?

Moira pegou uma bandeja e grudou em volta do porta-talheres ao lado dos pratos. O que ela estaria fazendo daqui a alguns anos? Ela seria uma dona de casa com duas crianças, só desenhando retratos de bebês e animais de estimação porque as outras mães no jardim de infância sabiam que ela era muito boa em desenhar?

Uma vertigem veio sobre ela. Por um instante, Ela estremeceu, como se uma rajada de vento gelado tivesse soprado no refeitório para arruiná-la com uma frieza invernal. Ela olhou ao redor, tentando ver se alguém havia aberto uma janela, mas todas pareciam estar fechadas. Talvez ela estivesse mesmo sendo acometida por alguma coisa. A gripe estava por perto... foi o que o senhor Davies disse. Se ela tivesse ficado doente na quinta-feira, teria perdido muito dinheiro... e causado a ira do Garça com certeza... mas finalmente daria tempo para se

desenrolar e terminar aqueles quadros para a escola. Além disso, ela poderia trabalhar em sua pintura do nascer do sol no deserto. De certa forma, era importante para ela terminá-la.

Quando que ela sentou-se com uma bandeja de comida quente, Holly foi se levantando.

– Desculpem por eu ter que ir tão cedo, mas reservei uma sala de ensaio de meio dia e meia às duas. Por que vocês não passam lá mais tarde?

– É mesmo? Em que sala você está?

– Três.

Holly usava as salas de música da universidade para ensaiar bateria algumas vezes por semana. As salas acústicas ficavam em um prédio ao lado da biblioteca.

Moira ficou ligada na conversa de Dai e Tabby, Quem parecia estar falando sobre as vacinas contra a gripe que chegariam em breve à creche de Tabby. A irmã dela estava nervosa com as injeções e os pequenos se comportando mal, e Dai tranquilizo-a dizendo que as crianças não seriam vacinadas com seringa, mas com sprays nasais. Ela não conseguia se concentrar... a contenda da noite passada com Patrick não saía da cabeça.

– A que horas terminará? – Perguntou quando Tabby e Dai se levantaram para ir para a próxima aula.

– Às três, nós dois. – Tabby respondeu. – Você quer esperar por nós, para pegarmos o mesmo trem?

– Seria bom. Podemos nos encontrar na entrada principal às três e quinze, então?

Depois que os gêmeos saíram do refeitório, Moira foi para a biblioteca. Chegando à sala de estudos, ela se deu conta que a maioria dos computadores já estavam ocupados. Os únicos que restavam eram os da mesa grande no meio, e lá estava muito lotado. Ela iria se distrair. Melhor dizer oi para Holly antes e tentar a sorte um pouco mais tarde.

A porta da Sala de Ensaio Três estava fechada, então ela bateu educadamente para poder entrar. Depois de passados alguns segundos e Holly ainda não ter dado nenhum sinal de vida, Moira empurrou a porta aberta e entrou. O som de baquetas nas superfícies de borracha e plástico do conjunto eletrônico a cumprimentou. Holly claramente estava se dando bem com isso. Em casa, dificilmente ela ensaiava... as paredes do sobrado eram tão finas que mesmo ensaiando no conjunto eletrônico da bateria com fones de ouvido incomodava os vizinhos.

Moira limpou a garganta, mas Holly não a ouviu, claro. Dando uns passos à frente, ela bateu no ombro da amiga.

Como se levasse uma picada de vespa, Holly se virou e deixou cair uma das baquetas.

– Que inferno, Moira! Você me assustou pra caramba! Por que você está me espreitando assim?

Moira riu.

– Consciência pesada? Não estou bisbilhotando. Você está com fones de ouvido, sua iiiidiota. – Bateu o dedo no banquinho reserve ao lado de Holly.

Holly tirou o fone de ouvido e sorriu.

– Eu só estava seguindo o fluxo, sabe. – Respondeu fazendo uma cara arrogante, como se ela estivesse tentando seguir os passos de Ringo Starr. – Como você ousa me incomodar?

– Uhm, porque você me convidou, Vossa Alteza? Moira revirou os olhos.

O rosto de Holly ficou sério.

– Yeah. Dai me contou que os sonhos acabaram?

Moira concordou com a cabeça. Na verdade, ela esperava que Dai tivesse contado a Holly sobre as negociações com Patrick, mas aparentemente não. Ela não teria gostado se ele tivesse contado, para ser honesta.

– Sim. Tabby alega que de certa forma ajudei Hayko a seguir em frente e viajar para o além. Então cumpri meu papel em sua vida após a morte.

– Você deveria se considerar sortuda por isso ter acabado. – Holly disse. – Ainda não tive a chance de te contar, mas fiz algumas pesquisas e desenterrei alguns podres daqueles anjos que você mencionou, Nurael e Semnael.

– Ah? – Moira inclinou-se ansiosa. – Então, qual é a deles?

Holly ficou em silêncio por um instante.

– Meio uma história de terror, receio.

– O quê? Por quê?

– Para começar, eles são reais. Ou tão real quanto você ache que os anjos são, enfim. Afinal de contas, é uma questão de fé. Mas tenho que avisá-la... as únicas páginas da internet que falam sobre eles são todas sobre adoração ao diabo.

Moira sentiu o estômago virar.

– Diabo? – Chiou.

– Sim. Não tive tempo de ler tudo, mas essa informação combinada com a mulher assustadora que envia mensagens do mal disparou todos os meus alarmes. Acho que você deveria estar feliz por ter acabado.

Isso significa que Hayko não era um fantasma camarada mesmo? Por que espíritos do mal e o diabo se intrometeriam nos assuntos dele, se ele foi um cara bom? Moira olhou cabisbaixa para o chão. Sempre que ela estava perto dele, não teve dúvidas de bondade inerente do Hayko, mas talvez ela tivesse se deixado cegar pelos lindos olhos e jeito dele, com sorriso meio atrevido. Pelas palavras dele, e pela forma autêntica com que ele parecia ouvi-la. A intuição falhou com ela desta vez?

Holly aparentemente notou sua desolação, porque ofereceu uma mão para a amiga em um gesto de consolo.

– Ei. Só estou contando que descobri até agora. Poderia investigar mais a fundo, se você quiser.

Moira deu de ombros.

– Para quê? Os sonhos acabaram, e Hayko se foi. Ou acabou no seu ou no inferno.

Holly suspirou.

– Bom, não se incomode demais com isso. Pelo menos você pode dormir tranquilamente de novo. Como foi sua noite com Patrick ontem?

– Pavorosa. – Moira deixou escapar. Ela preferiria contar para Holly, antes que Dai deixá-lo escapar sem querer.

– Ah?

– Yeah. É que... nós brigamos.

– Por quê?

– Sabe. Nada demais, sério.

– Bem, Acho que é demais que vocês dois briguem com tanta frequência. – Holly sacudiu a cabeça.

– Não é tão frequente assim. – Moira resmunguei. – Quer dizer, discutimos um pouco. É porque Pat está mudando. Ele... – Ela respirou fundo. – Na verdade, ultimamente estou ficando cheia com todo o cuidado dele.

Os olhos de Holly se abrandaram.

– Não, querida. Patrick não está mudando. Ele sempre foi assim. É você quem está mudando.

– E? – Moira incitou desafiadora.

– E, nada. Você pode mudar. Na verdade, acho que vai te fazer bem ampliar seus horizontes para ter um pouco mais da vida. Mas sua transformação pode conflitar com alguém que não está interessado em mudar.

Moira lentamente concordou com a cabeça. Dai havia dito algo semelhante. Afinal de contas, Tabby havia comentado sobre o seu comportamento ao beber sempre que ela saía com Pat. E agora ela percebeu que havia um motivo. Ela sentia-se presa. Sufocada. E ao mesmo tempo, completamente, tremendamente sozinha, mesmo estando em um relacionamento com alguém.

– O que devo fazer? – De repente perguntou desesperada. – Por que estou me sentindo assim?

Holly percebeu o olhar de impotência dela.

– Não sei, Moi. Disse brandamente. – Talvez você deva sentar-se com ele e conversar sobre isso?

Moira mordeu o lábio. Ela já se sentiu desanimada. Patrick não era um bom ouvinte. Havia uma possibilidade considerável de ele distorcer as coisas e dizer que era *ela* quem estava causando o problema. Ele estava com o hábito de fazer isso, ultimamente.

– Vou dar o melhor de mim. – Disse, com tom de incerteza. – Bom, tenho que ir mesmo. Aproveite a batucada, ok? Talvez a gente se veja hoje à noite.

Holly sacudiu a cabeça.

– Dai vem à minha casa esta noite. Vamos nos reunir com a banda durante o fim de semana e ele quer dar uma boa olhada na lista de músicas com antecedência. Por que você não dá um pulo no ensaio da banda? Já faz muito tempo.

– Domingo à tarde? – Moira franziu a testa.

– Yeah, acho que posso sim. Vou ficar com Patrick no domingo pela manhã. Que hora vocês começam?

– Cinco.

– Vou marcar na agenda. – Ela inclinou-se para frente e estalou um beijo na testa de Holly. – Divirta-se, minha querida.

– Tchau, vó. – Holly murmurou carinhosamente.

Rindo por dentro, Moira saiu do prédio e voltou para a biblioteca. Avistando um computador disponível em um canto tranquilo da grande sala de estudos, ela se apressou rapidamente antes que outra pessoa pudesse pegá-lo. Era hora de se concentrar em sua dissertação. Quando sentou-se à mesa, Moira afastou os pensamentos sobre “A Conversa” com Patrick. Para todos os efeitos, ela não o veria antes de sexta-feira.

– Então, você teve tempo suficiente para fazer um pouco de trabalho?

Tabitha perguntou quando Moira apareceu na entrada principal exatamente às três e quinze. Dai, o notório retardatário do triunvirato, ainda estava fora do alcance dos olhos.

– Sim! – Moira disse a Tabby irradiando alegria. – Eu consegui reunir todas as informações que preciso para escrever minha parte da dissertação, então posso terminar tudo este fim de semana. Talvez amanhã mesmo. Acho que peguei um resfriado, então posso cancelar o trabalho.

Tabby sorriu.

– Seu chefe pernudo vai adorar.

– Bem, não, mas ele vai ter que superar isso.

Tabby olhou para ela refletindo.

– Não é difícil equilibrar serviço e estudos de meio período? Só de *olhar* sua agenda eu fico cansada às vezes. Antes mesmo de você abri-la.

Moira começou a rir.

– Ah, bem, eu consigo. Eu realmente não posso reduzir os dias de trabalho porque tenho que cumprir um determinado número de horas.

Tabby concordou hesitante.

– Bom. Contanto que você esteja certa.

Moira não disse nada. Para ser franca, ela não estava tão certa assim, mas as opções eram limitadas. Ela não poderia voltar a estudar em tempo integral... não enquanto estivesse tomando remédios e contra a vontade de Patrick. Ou poderia? Todas as perguntas que ela se fazia estavam deixando sua cabeça tonta.

– Meus cumprimentos, irmãs. – Dai anunciou sua presença assim que saiu pela porta. – Vamos para o ponto de ônibus rapidinho, não é? Se nos apressarmos, podemos pegar o trem das três e quarenta e cinco.

– Apressarmos? Isso é interessante vindo de você. – Tabby deu uma risada sarcástica.

Graças à arrancada mútua em direção ao ponto de ônibus, eles conseguiram subir no trem que Dai mencionou antes que ele saísse da estação. Moira ficou feliz por todos conseguirem sentar em algum lugar, porque o vagão estava abarrotado. Com um suspiro, ela soltou a bolsa pesada no chão e afrouxou o cachecol um pouco. O sol estava brilhando lá fora, os raios dourados se derramavam pela janela e aqueciam seu rosto quando ela fechava os olhos e inclinava a cabeça no assento. Ela ainda estava sentindo calafrios.

– O assento está confortável? – Dai perguntou meio azedo.

Ele estava sentado na frente dela e de Tabby, amontoado entre a parede e um executivo corpulento que segurava uma maleta de couro no colo.

– Não poderia estar melhor. – Moira respondeu com uma piscadinha antes de bocejar. – Acho que vou desligar um pouquinho, se vocês não se importam.

– Contanto que você não ronque. – Tabby comentou.

Moira brincalhona deu uma cotovelada nas costelas da irmã quando esticou as pernas para relaxar. Ela não estava realmente pretendendo tirar uma soneca para valer, mas quando fechou os olhos e repousou a cabeça no ombro da irmã, o balanço do trem nos trilhos fez com que ela adormecesse logo e esquecer tudo ao seu redor.

Leve-me pela mão

O mundo ao redor dela estava frio como gelo.

Moira olhou espantada para os pés. Ela ainda estava usando tênis, mas ela estava em pé na neve. Tudo ao seu redor era incrivelmente branco, mas ao longe ela conseguia decifrar as pedras familiares do Meini Hirion projetadas nas planícies cobertas de neve.

Uma segunda rajada de vento quase a fez tombar. Com um grunhido, ela começou a se mexer. Ela tinha que chegar ao círculo de pedras.

Ela colocou a mão no pescoço. Nenhum cachecol. Ela não tinha que usar nada em volta do pescoço? Algo importante?

O relógio de bolso da Nain. Ainda estava na bolsa. Mas não estava ali com ela no mundo dos sonhos.

Ela estava de volta.

Esboçou um sorriso nos lábios quando ela subiu a colina, escorregando por acaso na neve. Então não acabou ainda, ou ela não estaria ali.

No meio do círculo de pedras, ela podia decifrar algum tipo de forma longa. Quando reconheceu o que era, o coração parou por um segundo.

Era Hayko. Ele estava deitado no chão com o corpo coberto de neve. Só a cabeça apontava na brancura, como se morto ele tivesse sido mumificado e embalsamado pelo inverno. Seu rosto estava tão branco quanto a neve ao redor dele, os pelos negros de sua barba surpreendentemente escura crescendo na pele pálida como rabiscos feitos por uma caneta.

Hesitante, Moira abriu caminho nos últimos metros que a separavam de Hayko e lentamente se ajoelhou ao lado dele. Ela tocou a face gelada dele, apesar de a pele dela já estar bem fria.

– Hayko? Sussurrou. O som de sua voz soou abafado, como se fosse silenciada por um cobertor ainda mais espesso que a neve que cobria a paisagem. – Está me ouvindo?

Com as mãos vermelhar de frio, começou a varrer a neve do corpo dele. Ele não estava mais usando camiseta. Que o despiu deixando-o assim?

Só agora ela pode ver o que era a tatuagem no peito e pescoço dele. Era uma pena de pavão, com as cores da beleza, em tinta verde e azul quase luminescente, a plumagem ricamente detalhada em preto. O olho marcante havia sido tatuado logo acima da clavícula, e a envergadura da pena tocava o coração.

O peito parecia ileso. Parecia que não foram só as roupas dele que sumiram, mas também a ferida aberta onde Semnael o havia esfaqueado com a espada. Uma esperança silenciosa brotou em seu coração. Ele acordaria outra vez?

Rapidamente, ela o desenterrou do sarcófago de neve, silenciosamente, agradecendo aos deuses por ele ainda estar ao menos usando calças. Se não, um enorme estaria garantido caso ele decidisse acordar naquele exato momento. Porém, os pés estavam descalços, e tão brancos como o resto do corpo dele. Pálidos como a morte.

Só depois que finalmente parou a escavação, Moira notou o quão silencioso havia ficado tudo ao seu redor. O vento havia acabado. Nada se movia na paisagem de inverno. O único som audível era sua própria respiração afobada, saindo da boca em vapores brancos.

Quando ela se acalmou, um raio de luz dourado e puro bateu na neve perto da pedra mais alta do círculo dos druidas. Um som suave como o tilintar de sinos flutuou na direção dela pelo

vento. Ela esperava, de certa forma, que uma espada mágica aparecesse na rocha perto do feixe de luz, pronta para ser puxada por ela como se fosse um tipo de heroína mitológica. Em vez disso, um cálice de ouro apareceu de repente em cima da pedra.

Moira não se moveu quando o raio de luz lentamente se deslocou e parou sobre a rocha onde estava o cálice. O silêncio pairou quando a melodia dos sinos semelhante à de fadas se dissipou no vento.

Sua respiração ficou pesada quando duas manchas azuis escuras apareceram ao longe, cortando a brancura do horizonte. Quando chegaram mais perto, ela viu que eram dois pavões, avançando solenemente arrastando seus trens de penas multicoloridas pela neve. Moira quase não ousava respirar enquanto assistia os dois pássaros subindo a rocha dos dois lados do cálice.

O pássaro à esquerda virou a cabeça um pouco, olhando para ela com olhos sagazes, escuros e brilhantes. Então, abriu o bico e gritou com um som característico que sempre fazia Moira se lembrar de gatos miando. Ela estremeceu quando o pavão à direita fez o mesmo antes de mergulhar a cabeça para beber do cálice. O da esquerda seguiu o exemplo do companheiro.

Um som atrás dela arrancou sua atenção dos pássaros. A neve ao redor do corpo de Hayko havia derretido e folhas cortantes de grama despontavam da terra molhada sob os ombros dele. Ela não entendia como ela possivelmente seria capaz de ouvir as plantas crescerem, e mais, ela tinha certeza de que este era o som que ela havia distinguido.

Quando olhou novamente para o cálice, os pavões haviam desaparecido. Sem pensar duas vezes antes de agir, Moira levantou-se e ergueu o cálice da rocha, girando-o nas mãos. Nada de pedras preciosas, inscrições ou qualquer outra coisa que desse uma noção de seu conteúdo. O líquido parecia vinho branco. Quando Moira cheirou-o, o aroma parecia de mel.

De repente, ela soube o que fazer.

– Ele precisa beber isso. – Disse em voz alta. – Se ele beber, ele viverá.

Como se estivesse em um transe, ela rodopiou e caminhou de volta para perto de Hayko. Depois de colocar o cálice cuidadosamente na neve, ela ergueu Hayko para que ficasse sentado. Para um cara alto, embora magro, ele era extremamente pesado. Ele devia estar acumulando mais músculos do que ela imaginava. Claro, ela já tinha notado que ele estava em forma, quando tirou a neve do corpo dele.

Depois de arrastar o tronco dele em seu colo e apoiar a cabeça em seu ombro, ela ergueu a taça até os lábios dele.

– Beba.

Ela sussurrou bem baixinho, despejando o líquido em sua boca entreaberta. Por um segundo, parecia que tudo estava gotejando para fora, mas então ela viu o movimento inconfundível dos lábios dele. Ele estava mesmo bebendo!

– Bom. Encorajou-o. – Beba tudo. É para você.

Lentamente, os olhos dele se abriram. Cor de avelã, com manchinhas douradas nas íris, olhou para ela com gratidão. Ele bebeu mais. A cor branco-dourado do vinho parecia fluir por todo o seu corpo, aquecendo-o de dentro para fazer sua pele brilhar e seu sangue correr quente. Quando estava forte o suficiente para ficar sentado, Hayko pegou a taça dela e virou-a para beber as últimas gotas.

– Obrigada. Disse calorosamente, dando um sorriso tão radiante que os olhos de Moira se

encheram de lágrimas. Hayko se assustou.

– Você está chorando? – Se esticou para segurar a mão dela, convencendo-a chegar mais perto lentamente e arremessar os braços ao redor de tronco dele, o que aqueceu extremamente no clima frio.

– Pensei que você estivesse morto. Gaguejou.

Na verdade, ele *estava* morto. Além disso, ele estava ali, e era isso o que importava agora.

– Estou aqui. – Tranquilizou-a, enquanto a abraçava gentilmente e enxugava uma lágrima solitária do rosto dela. – Não se preocupe.

Lentamente, ela se acalmou em seu abraço.

– Sim, você está aqui. – Sussurrou.

– Onde está minha camisa? – Ele olhou para ela com uma interrogação nos olhos.

Moira mordeu o lábio.

– Não te despi, caso você esteja se perguntando. – Respondeu rapidamente. – Só te limpei. Você estava coberto de neve.

– Ah. – Riu com ar brincalhão. – Obrigado. Não me incomodaria se você a tirasse, sabe.

Ela abriu a boca cuidadosamente, sem saber que tipo de retorno o comentário dele garantia.

Hayko parecia deixá-la mais confusa por alguns instantes de propósito antes de dar de ombros como um menino, dando um sorriso torto.

– Quer dizer, por que não? Tinha um buraco e estava manchada de sangue.

Moira olhou para ele, indignada.

– Por que você está me provocando assim? Perguntou timidamente. *Por que você está flertando comigo?* Uma voz na sua cabeça repetia a pergunta de forma diferente.

Os olhos dele cintilavam.

– Porque é divertido ver você ficar toda atrapalhada. – Respondeu baixinho.

Confusa, afastou os olhos, que pousaram sobre a tatuagem no peito dele.

– Então, você tem uma tatio de pena. Comentou redundante. – O que ela simboliza?

– A Ordem do Pavão. – Hayko respondeu sem pausa.

Moira sentou-se com os olhos arregalados.

– Que rápido.

Hayko concordou, com o rosto se iluminando.

– Yeah, porque eu me lembro! Costumava ir ao templo da Ordem com muita frequência para meditar.

Moira lembrou-se repentinamente das palavras de Holly. A Ordem do Pavão era algum tipo de culto fantástico que envolvia adoração ao diabo? Olhos dela flutuaram para o peito dele para ver o símbolo estranho mais uma vez. Sua pele ainda estava radiante, a luz parecia irradiar do seu coração. Ela não conseguia parar de olhar de furtivamente para baixo, persistindo nos músculos tonificados do braço e do abdômen. Ela engoliu. Não dava para negar – para um cara morto, ele era bem sensual.

Moira arrancou os olhos do tronco dele quando ele intencionalmente limpou a garganta, olhando para ele com uma cara que dizia estou-me-rebaixando. Hayko observou o olhar dela atentamente, com um ligeiro sorriso no rosto.

– Um doce pelos seus pensamentos. Disse baixinho.

Ela sentiu as bochechas corarem.

– Ah, uhm. Estava pensando comigo que você parece fazer muito exercício, sabe. Muita ioga de alto nível e meditação e tal, aposto. – Gaguejou.

Ah, ela podia *chutar* o próprio traseiro por balbuciar assim deixando terrivelmente claro que ela estava de olho nele. Por que ela não considerava a suspeita de que ele pertencia a algum culto satânico, em vez disso? Pelo menos seus papéis teriam se invertido e seria *ele* quem estaria dando explicações agora.

– Yeah, é que ioga faz muito bem para o corpo, innit? Madonna estava divulgando isso há anos como uma cura milagrosa para qualquer coisa. –Murmurou.

Hayko deu um sorriso mais largo.

– Você está me comparando a essa periquita cantante da Kaballah? – Disse, fingindo espanto. – Não sou tão excêntrico, sou? Só porque tenho alguns piercings no rosto. Francamente.

Moira deu uma risadinha.

– Pare comisso. Riu, nervosa.

– Ou o quê? – Hayko sentou-se um pouco mais reto, estufando o peito. – Posso ter sido esfaqueado até a morte recentemente, mas supostamente ainda pareço malhar muito, só para avisar.

O coração dela disparou. Se ela estivesse sendo sincera, estaria sentada um pouco mais perto dele para ter uma conversa casual. Além disso, ainda estava meio-embalada em seus braços. E ele estava olhando nos olhos dela bem de perto, como se ele estivesse prestes a fazer algo que ela queria muito, muito mesmo.

Hayko respirava lentamente, seu olhar se derramava nos lábios entreabertos dela.

No silêncio sugestivo que se seguiu após o comentário dele, ela se sentiu envergonhada por querer deixar acontecer. Era errado e impossível... Ele estava morto e ela foi tomada. Às pressas, Moira ficou de pé e limpou a neve imaginária da saia.

– Então, uhm, você se lembra daquele anjo matando você? – Continuou, com a voz nervosa engasgando. – Alguma ideia do por quê?

– Bem, Semnael é o anjo da morte e tudo. Hayko disse inexpressivo, levantando-se com as pernas instáveis. – Então não posso dizer que estou surpreso, sério.

– Mas por quê... Moira nunca teve a chance de terminar a pergunta.

De repente, ela sentiu o trem parando, e acordou com os solavancos.

8.

– Acorda, chegamos. – Tabby murmurou perto da orelha dela. – Pegou sua bolsa?

Os olhos de Moira abriram instantaneamente. O trem havia entrado na Estação Penmaenmawr. Dai já estava de pé, arrumando suas coisas e estendendo a mão para ela.

– Vamos. Você pode tirar mais uma soneca depois que chegarmos em casa. – Sorriu.

Ainda meio sonolenta, Moira cambaleou para fora do trem, seguindo os irmãos.

Ela havia sonhado de novo. E desta vez, Tabby e Dai não assistiram. O que era uma coisa boa nesse caso.

Com um leve rubor nas bochechas, lembrou a súbita tensão entre ela e Hayko. Por que estava fazendo isso consigo mesma? Definitivamente, ela sentia-se presa em sua vida cotidiana e o relacionamento dela estava longe da perfeição ultimamente, mas não havia nenhuma razão para escapar da realidade – flertar com um cara que só existia nos sonhos não resolveria nada.

Mas *ele* que começou.

Nervosa, começou a rir. Era verdade... ela não era a única sofrendo de escapismo. Hayko tinha que fazer a passagem, e ainda estava agarrado à terra dos vivos fazendo isso com ela. Confundindo-a assim. O que exatamente ele queria realizar ficando por ali?

– Dai! – Ela gritou, se apressando para alcançar o irmão. – Você já tentou terminar aquele desenho?

Dai ergueu uma sobrancelha.

– Desculpe, de que desenho você está falando?

– O desenho da mulher assustadora.

– Ah, aquele! – Sacudiu a cabeça. – Tentei colocar o lápis no papel, mas não presto, juro por Deus. Por que está perguntando?

Moira hesitou. Pela primeira vez, ela havia sonhado com Hayko sem os irmãos como espectadores, e de certa forma ela sentia a necessidade de manter esse sonho em segredo. Era particular demais para compartilhar. Dai, claro, nem imaginava por que ela queria saber como era o espírito do mal, afinal ele achava que estava tudo acabado.

– Por nada. Só curiosidade. – Murmurou.

Naquela noite, Dai foi para a casa de Holly e Tabby saiu para a piscina para dar suas braçadas semanais. Moira tinha o segundo andar só para ela e aproveitou a ocasião para tocar sua fita cassete cheia de músicas de Guns N' Roses, Europe e Van Halen no volume máximo enquanto trabalhava com os rascunhos que ela precisava para mostrar para o professor na sexta-feira. Quando teve certeza de que havia feito o suficiente, ela imediatamente passou a escrever a introdução de sua dissertação. Depois de terminá-la, ela desligou a música, abriu um pouco a janela e acendeu um cigarro do velho pacote da gaveta que ela mantinha para “emergências”. Suspirando satisfeita, sentou-se no parapeito da janela.

Era uma noite sem nuvens, o céu escuro estava salpicado de estrelas. Moira olhou para o horizonte onde uma estrela solitária, brilhante cintilava sobre o mar. Era Vênus ou só uma estrela?

Ela não sabia. Com um suspiro, ela virou-se e lançou um olhar quase acusatório para a pintura inacabada no cavalete. No círculo de luz, Hayko ainda estava esperando que ela terminasse, com a estrela da manhã brilhando sobre a cabeça dele.

Talvez fosse isto que estava mantendo-o aqui. A pintura o havia chamado para ela prendendo-o. Ou talvez o espírito mal que queria pegá-lo ainda tinha poder sobre ele.

Ela tinha tantas perguntas, mas não sabia para quem perguntá-las.

Depois de terminar o cigarro, Moira caminhou até a cama onde havia descarregado a mochila mais cedo. Ela abriu o bolso da frente e tirou a corrente que prendia o relógio antigo. Depois, saiu do quarto e bateu na porta de Tabitha.

– Ei, Tabs, está aí? Gritou.

Nenhuma resposta. Tabby não havia voltado da piscina ainda. Moira empurrou a porta e entrou. O quarto da irmã dela sempre estava tão acolhedor, cheiroso e cheio de incense forte e flores sempre que ela colocava os pés ali. No canto, Tabby havia feito um pequeno altar com velas, flores secas e uma estatueta de Gaia. As paredes eram enfeitadas com pôsteres de golfinhos e cachoeiras.

Os olhos de Moira apontaram para a gaveta da escrivaninha de Tabby. Era onde ela teria que deixar o relógio de bolso agora. Em vez disso, sentou-se na cama, olhando para as duas citações emolduradas sobre a porta de Tabby. Sua avó amava costurar e costumava fazer bordados com dizeres bíblicos que ela emoldurava para dar de presente para a família e os amigos. Dai ainda mantinha um na parede sobre a escrivaninha dele... “Sob ti estende os Braços Eternos”.

Quando Tabitha anunciou aos quatorze anos que ela tinha encontrado uma nova religião, Nain Anwell deu-lhe dois desenhos bordados de aniversário alguns meses depois

“Minha Paz Está No Centro De Todas As Coisas” à esquerda. O outro quadro tinha uma imagem bordada da Mãe Terra e a frase “Entoe Meus Louvores, Caminhe Por Minhas Terras, Para Sempre Ligado A Mim”.

Moira sorriu. Sua família sempre tivera a mente bem aberta. Ninguém jamais tentou mudar ou criticar um ao outro a menos que fosse realmente necessário, porque a honestidade também era muito importante para todos. Ela sentiu muito em casa ali. E aquele sentimento a fez ficar dolorosamente ciente do fato de que não poderia mais ser ela mesma realmente em seu relacionamento, mesmo que ela precisasse tanto dele. Afinal, Patrick seria seu futuro lar, então por que não ela sentia isso?

Ela estava abalada pelos pensamentos quando a porta se abriu e o pai entrou no quarto.

– Oi querida. – Disse com um sorriso caloroso. – Está recuperando o fôlego?

– Por que estaria? – Moira perguntou confusa.

– Você deve estar cansada de ouvir todas aquelas guitarras escandalosas. – Marc Llewellyn riu. – Acho que acabei de ouvir minha fita cassete dos anos oitenta? – Ele havia gravado a fita para ela há muito tempo, e mesmo que ela já pudesse ter transferido para CD ou iPod, sempre mantinha a fita cassete por uma questão de nostalgia.

Ele se sentou ao lado dela e colocou o braço em volta dos ombros dela.

– Você não parece estar bem. – Continuou. – Você está mais agitada que o normal. Você está dormindo o suficiente?

Graças a Deus pelo menos *ele* não a importunou por causa dos comprimidos.

– Você está certo, Tad. – Moira se amontoou nele. – Estou um pouco cansada.

– Muito trabalho? – Acariciou a cabeça dela. – Muitas preocupações?

Ela deu de ombros.

– Eu tenho que descobrir isso sozinha. – Disse. – É que ainda não estou fazendo um bom trabalho.

– Bem, caso precise de ajuda...

– Eu te aviso.

Ficaram sentados ali por alguns minutos, um ao lado do outro na cama em silêncio, antes do pai se levantar novamente e desceu as escadas. Quando ele tirou o braço dos ombros dela, parecia que ele tinha pegado parte do fardo para ele também.

Moira levantou-se, olhou para a gaveta da escrivaninha de Tabby mais uma vez, então decidiu voltar para o quarto dela, com relógio da avó ainda entre os dedos.

Quando entrou em seu quarto, o celular estava piscando na escrivaninha. Patrick havia enviado uma mensagem de texto. “oi amor<3, t vejo amanhã a noite?”

Ela sorriu. As noites de quinta-feira sempre eram terrivelmente agitadas na garagem porque eles trabalhavam mais horas e ficaram abertos até as oito. Foi gentileza dele arrumar tempo para ela, apesar de trabalhar até tarde.

– Sim, por fvr! Volta pra minha ksa? – Enviou de volta.

Logo que ela se enfiou debaixo das cobertas, Tabby colocou a cabeça no canto.

– Boa noite. Disse. – Você vai trabalhar amanhã?

– Ainda não sei. Vou ver como estarei me sentindo pela manhã.

– Parece uma boa ideia. Bons sonhos, viu.

Yeah. Talvez um pouco bom *demais*. Moira rapidamente apagou a luz antes que Tabby notasse suas bochechas corando e o relógio da avó no pescoço dela.

– Para você também. Respondeu.

Não demorou muito para ela cair em um sono profundo e sonoro.

Para sua surpresa, ela não sonhou com Hayko nem um pouco aquela noite. Considerando o fato de que ela tinha deixado ele no meio de uma conversa, ele aparentemente não teve qualquer influência para aparecer nos sonhos dela, ou ele teria aparecido. Principalmente depois que ela deu um salto de sete léguas para longe dele quando o clima entre eles de repente ficou quente demais para segurar.

Moira sentou-se com um gemido lamentoso. Sentia-se imensamente destruída. Melhor cancelar trabalho antes que ela mudasse de ideia... o que ela faria se ela pensou nisso por muito tempo. Ela era obediente assim.

Patrick havia respondido a mensagem depois que ela adormeceu. “Com certeza! T vejo amanhã. Bj”

Ela ligou para o The Gladstone. Felizmente, não foi John quem atendeu ao telefone. Ela um de seus colegas. Depois de um papo rápido, ela arrastou-se para o banheiro para tomar um banho quente. Logo que ela se afundou na água e derramou um pouco de óleo de lavanda na banheira, sua mãe bateu na porta e, curiosa, colocou a cabeça no canto.

– Ei, filhona. Você não teria que sair para trabalhar daqui a pouco?

– Liguei para avisar que estou doente. Estou me sentindo meio mole.

Sian Llewellyn olhou preocupado.

– Para ser franca você parece mais cansada ultimamente. Não queria dizer nada. Pela minha experiência, as pessoas geralmente não ficam melhores quando dizemos que parecem completamente exaustas.

– Não? – Moira riu. – Enfim, não se preocupe. Só preciso de um dia para mim. Talvez Holly passe por aqui à tarde para tomar um chá com bolinhos, então não ficarei entediada.

– Que tal algumas torradas com chá no café da manhã? – A mãe perguntou. – Começo um pouco mais tarde hoje. Vou sair às nove e meia, então esta é sua chance de ser mimada.

– Adoraria. – Moira se deixou afundar até a água chegar ao queixo. – Você é fantástica, Mãe.

Como ouviu a mãe descer as escadas, Moira pegou o telefone com cuidado na borda da banheira enviou uma mensagem para Holly. “hiya iiidiota. quero saber mais daqueles anjos. passe aqui + tarde hj innit? bj moi”.

A história de Holly sobre os adoradores do diabo não sairia da cabeça. Ela não podia imaginar que Hayko seria ajudado pelos anjos caídos nos sonhos... eles não eram todos egocêntricos e arrogantes, por isso haviam sido expulsos do céu no início? Uma explicação seria que Hayko havia conseguido, de alguma forma, fazer com que os anjos das trevas trabalhassem para ele, mas isso não parecia provável. Se ele fosse poderoso o suficiente para forçar essas criaturas a ajudá-lo, então certamente ele não ter sido preso naquele círculo luminoso quando ela o conheceu. E ele certamente não precisaria da ajuda *dela*. Afinal, quem era ela?

Ela recebeu uma mensagem só quando a mãe dela entrou com uma bandeja de café da manhã cheia. “Estarei ai. T vejo no chá”, Holly leu a mensagem.

– Agora é só relaxar e descansar tudo o que for necessário hoje. – A senhora Llewellyn disse. – Voltarei dos correios por volta das cinco e meia. Tad vai trabalhar em casa e prometeu que vai cozinhar para você. Acho que ele falou em curry. – Deu uma piscadinha.

– Acho que Holly vai ficar para o jantar, então. – Moira sorriu. – Bom trabalho!

Depois de seu elaborado banho de lavanda, Moira voltou a trabalhar em sua dissertação. Ela decidiu ficar na sala de estar e trabalhar no laptop, para poder socializar com o pai. Na próxima semana ele estaria em Londres novamente. Ambos se sentaram à mesa de jantar e ocasionalmente discutiam sobre quem tinha direito a mais espaço para pilhas de papeia e cadernos sobre a mesa.

– Como está Pat? O senhor Llewellyn perguntou quando voltou da cozinha com café para os dois.

– Ele está bem. – Moira respondeu distraída, olhando para a tela do laptop.

– Ainda morando com a mãe?

– Yeah. Não há lugar como o lar, especialmente quando se chama Hotel Mam, sabe.

– Ele não quer sair e ter seu próprio canto?

“Não, não particularmente. – Moira pegou um biscoito digestivo da lata que estava na frente dela e o enfiou na boca Mastigando, continuou:

– Além disso, a mãe dele não ficaria sozinha se ele saísse. E outra... – Olhou para o biscoito na mão. – Ele quer arranjar um lugar junto comigo, quando ele se mudar. – Concluiu.

O pai dela lançou-lhe um olhar perspicaz.

– Mas você não acha que é cedo demais?

– Sim. Concordou veementemente. – Muito cedo mesmo.

E você?

Moira ergueu a sobrancelha.

– O que você quer dizer com isso?

– Você não quer seu próprio canto?

Ela riu.

– Está tentando me dizer alguma coisa, Tad?

Ele sorriu.

– Não, claro que não estou te expulsando. Só pensei. Tabby falou que provavelmente iria querer procurar alojamento estudantil em Bangor, no ano que vem. Ela parecia muito entusiasmada com a ideia.

Naquele instante, ouviram a porta da frente e Dai entrou na sala de estar.

– Bem, você chegou cedo. – Marc Llewellyn piscou para seu filho e para o relógio, confuso.

Dai jogou a mochila no sofá.

– Sim, dois dos professores estavam doentes, então as aulas foram canceladas. Achei que seria mais divertido estudar para as próximas prévias aqui do que na biblioteca. – Bagunçou o cabelo de Moira. – Que bom ver que você tirou o dia de folga.

– Holly vai passar aqui mais tarde. – Disse ela.

Moira e Marc voltaram para seus laptops quando Dai contornou o piano no canto da sala

de estar. Ele arranhou alguns acordes e pegou um bloco de notas com papéis em branco.

– Não estou incomodando vocês, estou? – Perguntou.

– Ah, Já estou bastante incomodado. – O pai disse com um sorriso. – Então não se preocupe. Você vai compor uma música nova?

– É, estou trabalhando em alguma coisa. – Dai fisgou um lápis de sua mochila e anotava com uma mão enquanto arriscava progressões de acordes com a outra.

Moira estava perdida em pensamentos, olhando para a dissertação e cantarolando a composição de Dai ao mesmo tempo. Parecia maravilhoso.

– Posso te ajudar? – Propôs de repente, levantando-se da cadeira. – Você já tem letra para essa música?

Dai levantou a cabeça, surpreso.

Não. Ainda não. Claro que você pode ajudar! Seria fantástico.

Eles se sentaram no banco do piano lado a lado. Moira observava os dedos do irmão dançando pelo teclado. A composição seria uma balada de piano, mas também poderia ser retrabalhada para tornar-se um rock para a banda The Grotto, ela pensou. Novamente, ela começou a cantarolar, mudando a melodia quando Dai acrescentava alguns acordes novos.

– Esse será o refrão. Ele explicou.

– Tad? – Moira virou-se no banco. – Você poderia me dar um papel e um lápis?

Freneticamente, ela começou a rabiscar as palavras. Era como um fluxo ininterrupto. Uau, como era bom se sentir inspirada outra vez.

– O que você conseguiu? – Dai disse, olhando de lado para a folha dela.

– Palavras para alguns dos primeiros versos e o refrão. Por que não começa do início e eu canto junto?

Dai tocou a introdução, dando mais alguns segundos para Moira escrever algumas das últimas palavras para a letra.

*“I am running
running away from myself
hoping the storm in my head
will subside
I am looking
out for traps to avoid
keeping safe like they want me to
but it’s hard.”*

Dai estava entusiasmado.

– Demais! Parece muito bom. Você disse que terminou o refrão também?

Moira acenou que sim. Quando Dai começou a tocar novamente, ela cantou com a voz um pouco mais hesitante:

*“When I fall asleep
you wake me from my dream
in this go-between world
where nothing is real
When I close my eyes
I wake up to find you*

*in this world between worlds
you show me what is real.*”

– E isso nos levará de volta para a ponte. – Dai murmurou, movendo suas mãos para tocar a melodia uma oitava acima. Ele não olhava para ela. Na verdade, ele não dizia nada nem comentava sobre as palavras, Mas ela podia adivinhar o que ele estava pensando. Corando, ela enfiou o pedaço de papel no bolso. Ela não tinha mais letras de músicas, por enquanto, e isso provavelmente era uma coisa boa. Já estava bem claro sobre quem era essa música sem que ela tornasse ainda mais óbvio.

Moira limpou a garganta, levantou-se do banco e pegou sua caneca de café frio na mesa para terminar de beber.

– Algo assim. – Ela disse, vermelha como um tomate.

Dai continuou tocando tranquilamente. Só quando o pai saiu da sala para pegar mais alguns papeis para estudar, ele virou-se para olhar a irmã.

– Se não estou enganado, ele te inspira muito. – Disse.

Moira deu de ombros excentricamente.

– De quem você está falando? Resmungou.

– Do Coelhoinho da Páscoa. – Dai virou os olhos. – Estou falando de Hayko, sua pentelha. Essa letra é incrível.

Moira cutucava a cadeira do pai, frustrada.

– Bem, gostaria de ter escolhido outra pessoa para me inspirar a criar a primeira letra que escrevo há séculos.

– Por quê? É claro que esse cara provoca alguma coisa em você. Posso sentir, mesmo sendo apenas um espectador.

Moira sacudiu a cabeça, piscando para soltar as lágrimas indesejadas que enchiam seus olhos.

– Dai, o que eu devo fazer, caramba? Não quero que ele provoque nada em mim. Ele está morto da silva, innit? – Limpou os olhos violentamente.

Dai pôs uma mão consoladora em seu ombro.

– Ei. Não precisa ficar tão brava consigo mesma.

– Mas estou. Estou com raiva. – Moira choramingou.

– Tabby disse que eu só precisava ajudar Hayko a encontrar a luz. E pronto. Holly acha que ele é algum tipo de satanista... – Ela ignorava o olhar curioso do irmão. – E claro, tem aquele fantasma colocando um feitiço estranho em mim durante meu sono por causa de Hayko. Mas apesar de tudo, não consigo tirá-lo da minha cabeça. Eu... *sinto falta* dele quando não sonho com ele. Quão estranho e doentio isso é?

Então, Marc Llewellyn abriu a porta da sala de estar.

– Acho que acabei de ver Holly subindo nossa rua. Anunciou. Se ele viu os olhos marejados de Moira, absteve-se de comentar.

– Acho que ela vai jantar conosco esta noite?

Moira riu, apesar de sua angústia.

– Quer apostar?

Ela se levantou para abrir a porta para a amiga, Dai foi atrás.

Depois que Holly entrou no corredor, com um fichário rechonchudo nos braços e um olhar

agitado no rosto, ela inclinou a cabeça na escada.

– Vem, vamos subir. Tenho notícias para você.

O coração de Moira começou a bater mais rápido.

– O que você encontrou? Mais informações sobre os anjos caídos?

Holly sacudiu a cabeça.

– Não. Esqueça toda a saga dos Satanistas. – Ela baixou a voz. – Acho que sei de onde Hayko é.

9.

Moira sentou-se no chão perto de Dai, com as pernas cruzadas balançando os joelhos para cima e para baixo. Ela observava Holly ansiosamente enquanto a amiga espalhava a pilha de papeis da pasta. Ela deve ter imprimido tudo na biblioteca da Facul.

– Estas informações são sobre os sete arcanjos do culto Yazidi. – Ela empurrou uma folha A4 pelo chão em direção a Moira. – Os Yazidis são devotos de uma antiga religião do Oriente Médio que combina elementos da antiga religião da Pérsia, agora Irã, com os novos princípios do islamismo, cristianismo e mazdeísmo. Eles são adoradores do sol que acreditam que esta terra foi criada por um anjo, não pelo Próprio Deus.

Os olhos de Moira absorviam as palavras do papel. Havia uma lista de nomes de anjos lá. O sétimo e último anjo era Nurael – O Anjo da Liberdade. Mais acima dele na classificação estava Semnael – o Anjo da Morte. Tudo começava a fazer um pouco mais de sentido agora.

– Por que exatamente você pensou que eles eram satanistas? – Dai perguntou, curioso.

– Por que... – Holly vasculhou o fichário para tirar outra pilha de papeis, folheando-a até encontrar a página que estava procurando em algum lugar no meio. – Veja, o anjo mais reverenciado deles é Azazil. Eu outras palavras, Satanás. Os Yazidis acreditam que Deus é uma força universal que apenas é. Que não faz coisas, que não cria, porque Deus não é inerentemente autoconsciente. E quando em algum momento uma parte Dele se tornou consciente... algumas religiões chamam de “sem fundamento” – Isso fez com que essa parte de Deus se separasse da fonte, para poder criar o mundo e interagir com as partes de Si mesmo. Em outras palavras, Satanás não é um servo de Deus desobediente na religião deles, mas a força autoconsciente de Deus que soprou vida em nosso mundo. O que fez com que as outras religiões em torno deles desconfiassem muito deles, para dizer o mínimo. Os cristãos e muçulmanos realmente acham que essas pessoas são adoradoras do diabo.

– Onde os Yazidis vivem? – Moira quis saber.

– No norte do Iraque, mas eles são de ascendência curda. – Holly segurou um mapa da Europa e indicou alguns pontos vermelhos. – Eles também têm pequenas comunidades na Síria, Armênia e Turquia.

– Espera. – Moira murmurou. Ela pegou o telefone da escrivaninha e abriu a página do Google. Como Hayko disse que chamava os pais? Hayr e Mayr. Ela digitou as duas palavras, adicionou Turquia e clicou em Pesquisar. Não apresentou nenhum resultado. A segunda tentativa... Armênia... sim. O primeiro lance foi a oração do Pai Nosso em armênio. Hayr Mer.

– Ele é da Armênia. – Disse, completamente desconcertado, olhando para Dai. – Lembra daquelas palavras estrangeiras que ele costumava usar para se dirigir aos pais? São armênias. Essa é a língua que ele fala com eles.

– Por que cargas d’água um sujeito armênio está espiritualmente ligado a você? – Holly franziu a testa se dirigindo a Moira.

– Não faço a menor ideia. Talvez não haja razão nenhuma. Talvez ele estivesse morto há tanto tempo que se agarrou à primeira alma caridosa disponível que pudesse ajudá-lo. – Moira levantou-se e acendeu a luz da escrivaninha. – Vou ler tudo que está nesse fichário seu. Se eu ainda preciso ajudar Hayko, é melhor eu estudar para saber para o que tenho que me preparar.

Dai levantou a sobancelha.

– Mas você o ajudou, não foi? Ou você acha que ele voltará?

Ela lançou um olhar de culpa para o irmão.

– Tenho que confessar uma coisa. Quando adormeci ontem no trem... – Deixou a voz sair significativamente.

– Você está dizendo que sonhou com ele outra vez? – Dai sacudiu a cabeça. – Sua clandestina.

– Não aconteceu mais nada. – Moira apressadamente se defendeu. Enfim, nada que ela gostava de compartilhar com o irmão. – Mas quando o trem parou e eu acordei, ele tinha sido trazido de volta à vida no mundo dos sonhos. Eu tive que dar-lhe uma bebida de um cálice dourado que apareceu do nada.

– Espera. Um cálice dourado, você diz? – Holly voltou para a pilha de informações e puxou outra folha de papel. – Por acaso havia dois pavões de pé dos dois lados da taça quando você a encontrou?

O coração de Moira disparou.

– Sim! Como você sabia?

– Porque um cálice dourado com dois pavões bebendo dele é um símbolo poderoso de renascimento no Yazidismo. – Holly respondeu. – Na verdade, o anjo mais alto na hierarquia é também conhecido como Ta'us Melek – o Anjo Pavão. Os olhos em suas penas representam o Criador onipresente e onisciente do universo.

– Então é por isso que Hayko tinha uma tatuagem de pena de pavão no peito. E isso explica o porquê ele visitava um templo com o nome de a Ordem do Pavão. Mas isso ainda não explica por que ele estava preso entre a vida e a morte.

– Alguns Yazidis são bem adeptos da projeção astral. – Holly disse naquele instante. – Nesse aspecto, eles são muito parecidos com os Sufis. Meditação e transcendência são muito importantes para eles. Tem tudo a ver com a experiência pessoal, não com dogmas religiosos. Porém, eles têm um livro sagrado, mas nunca foi seguido ao pé da letra.

– Certo. – Moira levantou-se decidida. – Por que vocês dois não vão lá embaixo e tomam uma boa xícara de chá enquanto eu leio estas informações? Tabby vai estar em casa logo, então podemos discutir isso tudo juntos daqui a pouco. Quem sabe, talvez ela saiba qual deverá ser nosso próximo passo.

Holly sorriu para Dai.

– Acho que estamos sendo expulsos. – Pegou na mão dele e puxou-o para o corredor sem fazer comentários, deixando Moira com a tarefa que tinha pela frente.

– Viva, Holly.

Moira chamou a amiga. Juntando a gigantesca coletânea de informações, ela se amontoou na namoradeira e puxou a lâmpada da escrivaninha para ela ter um pouco mais de luz. Logo, ela estava submersa nos costumes e crenças do culto que Holly havia descoberto. Quanto mais lia, mais tinha certeza... Hayko era um Yazidi armênio. As cores sagradas da cultura deles eram o vermelho e o dourado, que eram as mesmíssimas cores que ele sempre usava no mundo dos sonhos. Segundo a tradição, um Yazidi poderia ser preso em um círculo por magia. Um galo simbolizava o sol nascente. Uma árvore com pássaros empoleirados em seus galhos representava a vida, e uma árvore desfolhava significava morte. Ela tinha visto todas essas coisas nos sonhos.

Além disso, os anjos pareciam para guiá-los para cima, em direção a um objetivo final. O

sétimo anjo apareceu para eles primeiro. Depois de Nurael, foi Semnael, o sexto anjo a encontrá-los no mundo dos sonhos. Ela tinha certeza que iria se deparar com Azrael, o quinto anjo, na sequência... o Anjo da Morte-vida. Ele provavelmente apareceria se ela não tivesse acordado precocemente.

O que aconteceria depois que eles tivessem encontrado todos os anjos... significaria que nada mais poderia ajudar Hayko? Ou o libertaria finalmente?

Moira encostou-se com um suspiro. Distraída, ela rodopiava uma versão impressa do livro sagrado dos Yazidis nas mãos. Chamado o Livro Negro. Tabitha provavelmente acharia interessante, pois o nome fez Moira lembrar-se do Livro das Sombras da religião Wiccana. Ela provavelmente enviaria uma mensagem para Tabby sobre o sonho de ontem e as coisas que Holly havia acabado de descobrir, assim a irmã poderia vir preparada para casa.

Perdida em pensamentos, olhou para a pintura com Hayko, que ainda estava pacientemente sobre o cavalete no quarto para ser concluída.

– Armênio. – Murmurou.

Agora que ela sabia que Hayko falava aquela língua quando era vivo, talvez ela pudesse usar isso a seu favor. Cantarolando baixinho para si mesma, ela desceu as escadas, de repente percebendo que estava cantando a canção de Dai. A música dela para Hayko. Ela mordeu o lábio e entrou silenciosamente na sala de estar. No fim das contas, só o pai estava lá.

– Ei, Gengibre Ardido. – Brincou com ela usando o apelido que ela teve desde sempre. – Procurando Dai, não é?

Moira zombou.

– Olha quem está falando. Você tem visto seu cabelo no espelho ultimamente? – Retrucou a brincadeira, porque que essa era *sua* resposta desde sempre. Mesmo que o cabelo do pai agora estivesse entremeado de cinza. – E sim, é Dai que estou procurando, pai. Ele saiu?

Marc riu.

– Sim, filha. Ele disse que queria ir com Holly encontrar os outros membros da Grotto para poder tocar sua nova música para eles. E acho que ele já decidiu que você precisa ir ao ensaio da banda no domingo e cantar a letra que você inventou. Ele disse que você fez seu melhor trabalho em anos.

Moira xingava o irmão por dentro. Ah, era tudo o que ela precisava... uma sessão improvise em que ela teria que cantar uma música sobre sua paixão ridícula de sonho. Se Patrick decidisse assistir, ele provavelmente ficaria sentado lá se perguntando por que diabos ela tinha inventado uma letra estranha como aquela.

Com uma carranca, ela sentou-se e abriu o laptop para fazer a pesquisa para a qual havia descido... ela colocou “língua armênia” na caixa de pesquisa do Google. Dentro de minutos, ela baixou um curso de amostra em áudio no formato MP3, para poder colocá-lo no telefone. “Aprenda Armênio No Carro” iria ajudá-la a refrescar a memória de Hayko, e ela nem precisaria do Vauxhall para usá-lo. Se ela conversasse na língua dele, pode desencadear mais lembranças de sua vida passada, permitindo que ele faça a passagem e deixe este mundo.

E a deixe, que bom.

– Queridos! – Tabitha berrou quando entrou na sala de estar às cinco horas. – Meu Deus, como fico feliz por estar em casa. – Ela despencou no sofá, perto de Moira. Holly e Dai estavam sentados ao piano e trabalhando nos detalhes da nova música de Dai. O pai estava na cozinha açoitando um delicioso prato de curry.

– Dia longo na creche? – Holly perguntou.

– Interminável. E depois tivemos a reunião mais entediante da história do País de Gales.

– Que tipo de coisas vocês discutem lá? – Moira disse com um sorriso brincalhão. – Que novos brinquedos arranjar para a área de blocos de brinquedo? – Ela se esquivou da mão de Tabby antes que pudesse pousar em sua cabeça.

– Você tem que parar de fazer piada com meu estágio, antes que eu jogue alguns blocos de brinquedo em *você*. – Tabby disse com um sorriso vingativo. – Além disso, não abuse da sorte. Quero saber tudo o que Holly descobriu. Sabe... afinal, você mandou aquela mensagem de texto há algumas horas, mas não teve a decência de dar a menor dica de que se tratava.

Moira empurrou a pasta cheia de papeis no colo da irmã.

– Descobrimos quais elementos mitológicos ocorrem em nossos sonhos coletivos. São todos de uma religião bem obscura do Médio Oriente. E Hayko é da Armênia.

Com as mãos agitadas, Tabby folheou a pasta de informações, lendo textos aqui e ali e cantarolando com satisfação, de vez em quando.

– Alguma ideia sobre qual é a visão dos Yazidis sobre vida após a morte? – Perguntou depois de alguns minutos de leitura intensa.

– Não sei todos os detalhes, mas sei que eles acreditam na imortalidade da alma. E acho que estamos encontrando todos esses anjos porque Hayko está subindo. Para a luz, ou qualquer lugar. – Moira deu de ombros.

– E a fantasma está mantendo-o aqui. – Tabby concluiu. – Assim que Hayko derrotá-la, ele poderá deixar sua existência terrena para trás.

– Então você já ouviu sobre os espíritos do mal que impedem os mortos de fazerem a passagem? – Holly perguntou curiosa, se afastando do piano quando Dai abaixou a tampa das teclas.

Tabby sacudiu a cabeça.

– Na verdade, não. Mas perguntei pelo fórum Wiccano e Georgie me prometeu que daria uma olhada nisso.

Para a surpresa de todos, ela lentamente ficou rosada.

– Ei, qual é a desse olhar envergonhado? – Dai exclamou. – Quem é Georgie?

Tabby mordeu o lábio.

– Alguém com quem andei conversando por um tempo. – Respondeu com um sorriso tímido.

– Menino ou menina? – Holly perguntou.

– Menina.

Moira cutucou a irmã.

– E onde a adorável Georgie mora?

– Por que este interrogatório? – Tabby protestou, ainda corada.

– Porque você não esteve interessada em ninguém desde que terminou com James há três anos! – Moira retrucou. – Pensei que o desgraçado tinha te afastado de namorados e namoradas para sempre. Eu imaginava que você gostasse de sempre ser a vela durante nossos passeios com as metades da laranja de irmãos, de alguma forma distorcida, mas não. Você está ainda aberto a relacionamentos. – Deu um sorriso largo para Tabitha.

– Bem, não se no que vai dar, claro. Ela mora bem longe. – Tabby deu de ombros. – Em Londres. Mas ela pode vir ao País de Gales para o Natal porque a tia mora aqui perto. Disse que adoraria ver o círculo druida e perguntou se eu poderia ser sua guia local.

– Presumo que você possa. – Dai disse com uma piscadinha.

– Ah, não tenho certeza.

Moira virou-se para olhar Dai.

– Então, que tal terminarmos o desenho daquele fantasma assustador juntos?

– Juntos?

– Yeah. Você mostra seu desenho horrível e descreve a fantasma para mim como você puder e vou transformá-lo em uma obra-prima. Até poderíamos escaneá-lo e enviar para Georgie para ela ajudar Tabby melhor quando ela tentar juntar mais informações.

Dai se levantou e foi lá para cima buscar seu desenho epicamente fracassado, deixando as meninas na sala de estar.

Tabby olhou para Moira, curiosa.

– Então você sonhou mesmo com Hayko outra vez? No trem ontem?

– Sim. Rapidamente, sério. E parou bem no meio de uma conversa que estávamos tendo.

Tabby franziu a testa.

– Que estranho. Como nós não acabamos no mundo dos sonhos nas noites anteriores?

Moira refletiu sobre aquela pergunta por um tempo.

– Bem, Passei uma noite dessas na casa de Patrick. Disse. – Talvez por isso não sonhei?

– Yeah, Mas ontem à noite você dormiu em casa e não aconteceu nada.

Holly limpou a garganta.

– Mas Dai não dormiu aqui. Sinalizou. – Ele estava comigo. Você acha que isso fez a diferença?

Tabby sentou-se mais reta.

– É isso! – Exclamou. – Esses sonhos só ocorrem quando estamos juntos, todos os três. Porque todos nós fizemos parte do círculo quando fomos convocados para o mundo dos sonhos, naquela primeira vez.

Moira suspirou aliviada.

– Ah, é muito bom saber disso. Agora pelo menos posso escolher se estou disposta a sonhar com Hayko ou não. Meu problema é que não fico descansado de jeito nenhum depois de um sonho desses. É como se eu estivesse de pé e ligada a noite toda.

Dai voltou trazendo seu esboço em uma mão, segurando-o para Moira dar uma olhada.

Embora o desenho realmente não fosse muito bom, Moira ainda senti um arrepio correndo

pela espinha quando viu quão sombrio eram os olhos que Dai havia feito da mulher.

– Era um rosto lindo, apesar de certa aparência de fome, com bochechas afundadas. – Dai disse baixinho. – Era como se ela estivesse desesperada por energia. Os olhos dela sugavam a escuridão. Ela usa roupas brancas, mas não é a cor da inocência. No caso dela, é a cor dos mortos.

– E ela estava usando um véu? – Moira perguntou.

– Sim, uma coisa tipo teia de aranha. É possível ver o rosto dela, mas não tão bem. Como se ela não quisesse mostrar sua verdadeira natureza a ninguém.

– Parece aterrorizante. Holly murmurou, surpreendida.

– E Hayko não consegue ver esse espírito? – Tabby quis saber.

Moira sacudiu a cabeça.

– Se conseguisse, ele teria falado dela desta vez. Mas eu vou perguntar-lhe se tiver oportunidade.

Quando Sian Llewellyn chegou em casa do trabalho, Moira e Dai ainda estavam sentados à mesa, amontoados sobre o desenho do espírito do mal. Tabby e Holly levantaram-se para ajudar a pôr a mesa, pois Marc anunciou que estava pronto para trazer as entradas.

Moira sentia o estômago roncar quando o aroma de samosas e badjias de cebola flutuou pela sala. Ela não comido muita coisa hoje... só a torrada que a mãe havia trazido pela manhã e alguns biscoitos mais tarde. Aconteceu muita coisa que a tirou da sintonia. Claro, ela havia esquecido outra vez de tomar os benditos comprimidos, também.

– Está se sentindo um pouco melhor? – A mãe de Moira perguntou, carinhosamente colocando a mão na testa da filha. – Você ainda está um pouco pálida.

– Essa é mais uma das suas famosas conversas animadoras? – Moira brincou. Rapidamente, ela deslizou o desenho assustador entre os papéis impressos de Holly sobre os Yazidis. Ela não estava disposta a explicar por que ela e Dai estavam desenhando uma imagem tão medonha.

A mãe riu.

– Desculpe. Vou perguntar de novo, e desta vez garanto que não vou te desanimar. Como você está se sentindo?

– Bem. Um pouco cansada, mas menos estressada do que estava pela manhã, com certeza. Tive tempo para resolver as coisas da Facul, então fiz tudo o que precisava. Minhas mãos estão livres esta noite. Pat vai passar aqui.

– Ah, que legal. Você vai para Bangor amanhã?

– Sim. – Moira sabia que não descansaria muito, afinal, ela e os irmãos estavam todos em casa e sonhar com Hayko seria inevitável, mas ela ainda poderia faltar na aula do senhor Davies outra vez. Enfim, ela finalmente havia tido tempo para terminar aqueles benditos rascunhos. Na verdade, ela não se importava com o sono que estava prestes a perder esta noite, porque estava aflita para saber o que aconteceria depois com Hayko.

– Jantar! – O pai berrou, navegando para a sala de estar com uma bandeja cheia de pratos e tigelas.

– Iupii. – Holly gritou, distorcendo a voz para fazer parecer que tinha cinco anos de idade. Dai sorriu e foi atrás da namorada em direção à mesa, puxando-a para dar um abraço antes de se sentarem.

– Então vocês dois você terminaram aquele desenho? – Tabby perguntou com uma voz calma, indo logo atrás de Moira para se sentarem à mesa.

– Mais ou menos. Só não sei onde escanear esse negócio. O scanner de Tad não está funcionando muito bem.

Tabby sacudiu a cabeça.

– Vou tirar uma foto com meu celular para poder enviar pelo Whatsapp.

– Ah. Então você tem o telefone da Georgie?

Tabby deu um sorriso largo.

– Ainda não, mas é a oportunidade perfeita para pedir.

Depois do jantar, Moira retirou-se para o quarto com o celular e os fones de ouvido. Ela ia aprender suas primeiras palavras armênias. Depois de ouvir a primeira lição, ela se perguntava desesperadamente por que tinha inventado isso... a palavra para “obrigada” já era um trava-línguas impronunciável.

– *Shnorhakatutyun*. – Ela repetiu com a voz da gravação em MP3. Com uma careta, apertou o play para ouvir o vocabulário básico pela décima vez consecutiva. Talvez ela não devesse agradecer Hayko por nada. Para quê? Era culpa *dele* ela acabar em um mundo estranho noite após noite sem dormir para valer.

Ela pausou a lição quando o telefone tocou de repente. Pat enviou uma mensagem. “oi baby. nao posso T V essa noite, vamos comer no pub amanha? vo sentir saudade. Bj P”

Moira deu um suspiro profundo, sentindo-se um pouco aliviada na verdade. Rapidamente, ela mandou uma resposta, dizendo que poderiam se encontrar no pub e ela podia passar a noite na casa dele, também. Ela provavelmente estaria afoita por um bom sono, até lá. E se eles fossem para o pub ela poderia ficar descontraída. Ela não estava preparada para começar nenhuma conversa difícil com ele. Ela preferiria adiar a conversa sobre o que estava na cabeça dela só mais um pouquinho.

Só por um segundo, ela foi tomada pelos sentimentos de culpa e dúvida. Se ela se sentia presa no relacionamento, ela deveria dizer a Pat. Dai a havia estimulado a começar a respirar novamente, e para que isso funcionasse, ela sabia que precisava finalmente falar sobre seus sentimentos a Patrick. Pensar sozinha a fez perder toda a coragem, pois não conseguia se imaginar chegando de forma agradável para dizer ao namorado que precisava de mais espaço para levar a vida de um jeito diferente. Ele já pensava que eles se viam muito pouco, do jeito que estava.

Moira abruptamente puxou os fones de ouvido que jorravam o jargão armênio. Então o que ela *queria* que fosse sua vida?

Ela queria ter uma vida com mais independência.

Mais liberdade para ser ela mesma.

Por que ela não poderia simplesmente ser feliz com o que tinha? Sacudindo a cabeça, arrancou os sapatos e decidiu colocar o pijama antes de subir na namoradeira com o Livro Negro Yazidi. Ou o *Mishefa Resh*, como eles o chamavam.

– Ele é o Primeiro que é, que sabe que Ele é, por isso é O que não consegue entender isso. – Murmurava baixinho, com os olhos absorvendo as palavras da primeira página. Isso devia se referir a Ta’us Melek... o anjo autoconsciente superior na hierarquia angelical Yezidi. O anjo com asas de penas de pavão, coberto com mil olhos que tudo veem.

O olho dela deslizou sobre o desenho que ela fez com a ajuda de Dai. A imagem a fez tremer desconfortavelmente. Às pressas, colocou o desenho virado para baixo na escrivaninha. Tabby iria tirar uma foto daquela coisa amanhã de manhã, mas até lá, ela não queria ver nem

pensar no fantasma de jeito nenhum.

Distraída, ela lia, folhear o livro sagrado que descrevia a criação do mundo, terminando com uma foto colorida do primeiro arcanjo... Azazil ou Ta'us Melek. Ele tinha pele azul escuro e asas de penas de pavão que refletiam a cor de seu corpo, e ele estava segurando uma vara ardente nas mãos. Ele estava sentado de pernas cruzadas como se ele estivesse meditando. Sobre a cabeça, era possível ver a estrela da manhã. Poder emanava da velha imagem.

– Eu lidero o homem sem a ajuda da escritura sagrada. – ela leu em voz alta na página final. – Dirijo aqueles que são meus amigos e têm no coração meu conselho, que nunca é doloroso e sempre reflete os costumes e maneiras de sua época e idade. – Parecia que os Yazidis não eram presos a uma rotina religiosa... embora na realidade as coisas possam ser diferentes, claro.

Quando as pálpebras começaram a se fechar, Moira guardou as páginas impressas e desenterrou o relógio da avó da gaveta da escrivaninha. Ela o usaria novamente, só para lembrá-la de que o mundo dos sonhos onde ela estava prestes a se meter nunca faria parte do mundo real.

Ele estava lá, mas não era real.

Olhe para mim e conheça minha dor

Moira piscou diante da luz do sol. Toda a neve havia desaparecido da paisagem que ela conhecia tão bem de suas caminhadas de domingo com a família. O círculo de pedras agora estava cercado por urzes desabrochando. Um vento de suave verão acariciava as planícies desoladas.

Hayko estava em pé no meio do círculo, de costas para ela. Para surpresa dela, ele estava de frente a um cavalete e um jogo de lápis saindo do bolso de trás. Quando ela caminhou até ele, viu que ele estava desenhando algo na folha de papel de desenho presa ao quadro. A outra mão segurava um cigarro. Era quase como se ele pudesse puxar certas coisas da memória... objetos do cotidiano que usava quando ainda era vivo. Pelo que parecia, ele havia sido um estudante de arte fumante. Talvez fosse por isso que ele havia chutado o balde. Foi provavelmente a razão pela qual ela havia sido escolhida para ajudá-lo... assim ela perceberia o quão horrível é o câncer de pulmão e deixaria de fumar. Patrick ficaria extasiado.

Ela riu sozinha. Um pouco alto demais, aparentemente, porque Hayko se virou. Um sorriso se abriu no rosto dele quando seu olhar pousou nela.

– Ei, você. Disse.

– *Parev* – Ela arriscou um cumprimento que havia aprendido, ficando um pouco tímida de repente.

Ele ficou em silêncio, depois levantou a sobrancelha e começou a rir.

– Me desculpe? – Disse com uma voz claramente engraçada.

– Uhm... – Moira ficou vermelha como beterraba. Ela havia cometido algum erro? Pronunciou de um jeito errado? Talvez tivesse dito “adeus” em vez de “olá”.

Ele soltou o lápis. Dando uma tragada no cigarro, ele chegou mais perto, parando bem diante dela.

– Isso era armênio? – Perguntou com mais calma, com um tom de provocação na voz.

Ela olhou para ele espantada.

– Bem, sim. – Gaguejou. – Estava tentando dizer oi.

– Estou ferrado. Não sabia que você falava armênio.

Ela bufou com certo desdém.

– Não, não falo. É que pensei... – Com o olhar perdido no chão. – Descobri que você é da Armênia e pensei que poderia ajudá-lo a lembrar das coisas se eu conversasse em sua língua nativa com você. Só algumas palavras, você entende? – Ela se sentia uma idiota tagarela. Por que ela não conseguia ser ela mesma, em harmonia perto dele?

Hayko sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente.

– Você tentou aprender armênio por mim? – Disse incrédulo. – Isso é muito fofo. – Ele não brincou mais, estava realmente impressionado, e de alguma forma isso a fez ficar ainda mais nervosa.

– Bem, parece que me virei do avesso à toa. Reclamou. – Você sabe que língua é, então você sabia mais do que estava aparentando. Pentelho.

Hayko levantou as mãos se defendendo.

– Não tão rápido. Juro que só me lembrei disso depois que você me acordou com um beijo naquele sonho anterior.

Moira ficou ainda mais vermelha.

– O que você disse, beijo? – Chiou.

Ele franziu a testa.

– Você quer dizer que não me beijou?

Fervorosamente, ela sacudiu a cabeça.

– Não. Segurei aquele cálice dourado de vinho produtor de vida em seus lábios. E te limpei. Não houve beijos. Balbuciou.

– Ah. – Seus olhos cor de avelã se arregalaram surpresos. – Não sei. Parecia que você tinha.

Ela deu de ombros.

– Ah.

Hayko recuou, sacudindo o cigarro casualmente. De repente, ele quase pareceu desapontado.

– Enfim. Yeah, eu me lembrei. Sou armênio.

– Ou seja, tive todo esse trabalho para nada.

Ele deu um sorriso fraco.

– Parece.

– Uau. Valeu. Moira resmungou. – Ou devo dizer *shnorka*-qualquer coisa.

Hayko riu.

– *Shnorhokalutyun*. – Ele a corrigiu com um brilho nos olhos.

– Sim. É isso.

Ele colocou a mão no ombro dela e deu-lhe um sorriso caloroso.

– Não acredito que você realmente quis aprender armênio por mim. Disse outra vez, claramente impressionado. – Você realmente é uma garota incrível, sabia?

Moira engoliu o caroço inesperado que veio à garganta dela quando ouviu o elogio de Hayko. Por que ele tinha que ser tão doce e fazê-la sentir-se especial? Não ia dar em nada. Eles estavam presos no beco sem saída mais morto de todos.

– O que você está desenhando? – Mudou de assunto, perambulando para dar uma olhada no cavalete e tirando a mão dele da história.

Só depois que ela realmente se concentrou no desenho, percebeu que ele tinha desenhado *ela*. Sua estatura mediana, o cabelo vermelho flutuava ao vento e os pés no tênis estavam parcialmente escondidos pela neve. Nas mãos, ela segurava o cálice dourado do renascimento. E no chão diante dela estava Hayko, mas ele realmente não havia tentado se desenhar detalhadamente. O foco estava claramente nela. Ela estava usando o velho colete com capuz, que estava bem mais apertado no corpo dela naquele desenho do que na vida real. A saia que ela usou no trem, quando adormeceu era a que ela estava usando naquela figura também, mas estava um pouco mais curta. Rubores rosados enfeitavam as bochechas e um sorriso quase sedutor brincava nos lábios. Ela parecia inexpressivamente deslumbrante... e mais sexy do que ela se sentia na vida real. Era *assim* que ele a enxergava?

– Viu? Não te beijei. – Ela fez uma tentativa de rir para espantar a timidez. – Veja, estou segurando a taça de ouro que era para você. – Moira apontou para o desenho, deliberadamente não olhando para ele. A mão dela alcançou inadvertidamente o relógio de bolso que estava no pescoço. Ela precisava para manter o controle sobre a realidade. Isso não era real.

Hayko veio ficar ao lado dela.

– Você bebeu também? – Perguntou curioso.

– Não. Era para você. – Olhos de Moira ainda estavam fixos no desenho.

Ela deu um suspiro quando de repente notou algo no fundo. Hayko havia desenhado uma figura cintilante, quase translúcida, ao lado de uma das antigas pedras do círculo. E a entidade estava claramente observando-os.

Seu corpo inteiro gelou.

– Quem é aquela? – Perguntou, com a voz trêmula. Só então ela arriscou-se a olhar para ele novamente.

Ele olhou para ela, com um vago temor nos olhos.

– Na verdade, eu não sei. – Respondeu. – Só percebi que havia desenhado alguém no fundo quando soltei meu lápis para acender um cigarro. Nem estava ciente de ter desenhado.

Moira estremeceu.

– Meu irmão a viu em todos os sonhos. – Ela cochichou. – Ela está sempre lá. E quer me manter longe de você.

Hayko ficou pálido.

– Então realmente existe alguém. – Murmurou.

– O que você quer dizer?

– Bem, senti como se estivesse sendo observado desde que você me libertou daquele círculo. Mas não sinto isso o tempo todo... só quando você está por perto.

– Quem poderia ser ela? – Moira perguntou ansiosa.

– Pode me bater. Mas precisamos nos livrar dela. Ela é pura maldade. Ela... irradia a escuridão.

– Mas você nunca a viu de verdade?

– Não que eu saiba.

Moira pegou o bloco de desenho do cavalete e passou para a próxima página.

– Posso? – Disse, decididamente alcançando o lápis de Hayko.

Em silêncio, ele entregou também os outros lápis do bolso. Moira sentou-se sobre uma pedra e tentou copiar da cabeça o desenho que ela e Dai haviam feito, o melhor que ela pode. Sob seus dedos ágeis, a imagem da mulher assustadoramente linda com olhos mortos se tornou real. Ela só parou de desenhar quando Hayko sentou-se ao lado dela e cobriu sua mão com a palma da mão dele. Seu rosto ficou sem cor.

– Pare. Ele disse. – Eu lembro.

Sem fôlego, ela olhou para ele.

– Você a conhece?

– Não sei quem ela é. – Hayko parecia sombrio. – Mas eu sei que foi ela quem me prendeu naquele círculo. Ela me colocou sob algum tipo de feitiço. E lentamente, e sem dúvida, ela estava sugando minha força de vida. Até que você veio e me soltou.

– Mas ela ainda está por perto.

– Yeah. – Hayko olhava para ela pensativo. – Você acha que é ela quem me mantém aqui?

Moira concordou cautelosamente.

Ele afastou o olhar, a mão dele de repente pesou sobre a dela.

– Você acha que estou morto? – Continuou, bem baixinho.

Lágrimas brotavam nos olhos dele.

– Minha irmã acha que você está.

– Era isso o que eu temia. – Hayko suspirou. – O estranho é que não parece que estou morto.

Quando a mão dele aqueceu os dedos dela, com o calor do corpo infiltrando em todo o organismo dela, Moira corou. Ela não poderia estar mais de acordo.

– Isso pode ser confuso. – Ela gaguejou. – Quando você está... perdido. Quando você não consegue encontrar o caminho para o céu.

– Então você acha que está aqui para me ajudar a encontrar o meu caminho?

Moira lentamente soltou a respiração.

– Sim. Disse.

Ele permaneceu quieto por um instante, digerindo as palavras dela. Em torno deles, insetos cantarolavam e flores perfumavam o ar, suas fragrâncias se intensificavam com o sol do verão. A brisa vinda do mar tocava macia e suave na pele de Moira. Seu relógio de bolso avisava que era onze e meia.

– Isso é muito ruim. – Hayko finalmente rompeu o silêncio.

Ela enxugou uma lágrima solitária de sua bochecha direita.

– O que? Você estar morto?

Ele deu uma breve risada, sacudindo a cabeça.

– Bem, tem isso também. Mas acima de tudo, acho que é uma pena você só estar aqui para se livrar de mim, de certa forma. Que conheci você no pior momento imaginável.

– O quê... por quê? – Ela lentamente virou o rosto para olhá-lo.

Ele inclinou-se e deu um lento beijo na testa dela antes de olhá-la com olhos sinceros.

– Porque gosto de você. Disse. – Você é a garota mais legal que já conheci, e não posso fazer nada a respeito.

Moira piscou para ele, confusa e insegura.

– Mas... como você poderia saber? – Ela deixou escapar, com um tremor tímido na voz. – Você tem amnésia.

Ele começou a rir, o que fez com que ela também soltasse risadas tímidas.

– Tenho uma sensação. – Ele disse por fim, acariciando a bochecha dela por brevíssimos segundos.

Quando o silêncio entre eles ficou mais pesado, Moira entrou em pânico. Ela sentia o olhar do Hayko ardendo em seu rosto. Que diabos ela faria? Tabby e Dai estavam assistindo isso? O que pensariam dela se...

Como seria beijá-lo?

Uma súbita rajada de vento por trás deles interrompeu seu autoquestionamento. Sem olhar, Moira sabia o que tinha acontecido. Ela sentiu a presença de um anjo... o Anjo do Sincronismo Perfeito, Se ela tivesse alguma influência na determinação de títulos celestiais.

– Azrael. – Murmurou.

A mão de Hayko soltou a dela quando ambos se viraram. Lá estava ele... o terceiro anjo da hierarquia que Moira havia chamado pelo nome. Azrael, o Anjo da Morte na tradição islâmica, mas o Arcanjo da Morte-vida na cultura Yazidi.

A aparição tinha cabelos dourados e asas incrivelmente brancas, mas uma capa marrom tão escuro que parecia sugar toda a luz da paisagem ao redor. Moira ficou boquiaberta quando o

anjo foi na direção deles, com uma taça de ouro fosco na mão estendida. Ela não conseguia olhá-lo nos olhos... ele era muito bonito e sobrenatural para isso.

– Beba isso. – Azrael dirigiu-se à mente dela.

Hayko a cutucou.

– Acho que seu nome está nela. – Disse inexpressivo. – Afasta de mim este cálice.

Moira olhou para ele, mas não se queixou quando Azrael entregou-lhe o cálice. Dentro dele havia um líquido escuro, com consistência de xarope, tipo melado... muito diferente do vinho tipo hidromel que ela havia dado a Hayko.

Relutante, ela deu um pequeno gole na bebida. Pareceu inesperadamente agradável na boca dela, e, além disso, saboroso.

– Você vai deixar um pouco para mim, por um acaso? – Hayko disse com um sorriso torto quando ela virou o cálice e bebeu avidamente. Moira concordou em silêncio e entregou a ele. Depois de beber, ela sentiu-se estranhamente leve e flutuante. Quase invencível.

– Você está conectada a ele. – Azrael disse a ela enquanto Hayko estava bebendo da taça.

– Por quê? – Moira perguntou silenciosamente. – Por favor, me diz o que fazer.

– Não é minha tarefa. – O anjo mostrou-a algo que quase parecia um sorriso. – Tudo será revelado no seu devido tempo.

– Você não pode me dar nenhuma dica? – Contestou.

Suas palavras tiveram o efeito contrário... a aparição de repente iluminou-se com tal brilho celestial e terrível que quase a cegou. Aparentemente, esta era a forma angelical de repreender uma mortal chorona.

– Desculpe. Desculpou-se rapidamente.

Hayko olhou para ela.

– Desculpe, o quê?

Moira, distraída, fez um gesto em direção a Azrael.

– Ele não quis me dizer como devo ajudar você. – Disse de um modo quase malcriado.

– Bem, quem se importa? Acho que você está fazendo um ótimo trabalho. – Hayko argumentou. – Me sinto muito melhor com você no meu mundo.

Ele devolveu a taça a Azrael, que recuou alguns passos e então subiu inesperadamente para o céu, decolando como um foguete reluzente. Uma estrela cadente, voltando aos reinos celestiais. Boquiabertos, Moira e Hayko olhavam o anjo ascendente.

– Uau. – Hayko respirou. – Deixou o Cabo Canaveral no chinelo.

Moira concordou, apertando os olhos para acompanhar a subida de Azrael para o céu azul até ele se reduzir a um mero ponto branco. Só então ela olhou para o lado para ver o rosto de Hayko.

Ele ainda estava em pé ao lado dela, mas não estava mais olhando para cima. Em vez disso, Ele estava olhando para frente, com a boca formando uma linha sinistra. Moira seguiu o olhar dele e seu coração disparou quando descobriu o que ele estava olhando.

– É ela. Ele cochichou.

Na beira do círculo de pedras, a aparição de uma figura feminina esperava por eles, vestida de branco e usando um véu fino.

Os olhos dela eram escuros como carvão e venenosos como a morte.

– Ai meu Deus. – Moira cochichou. Será que o espírito estava ali para matar Hayko de

vez... ela deveria deixá-lo? Mas não podia ser. Ela não estava preparada para isso.

Ela ainda não estava preparada para dizer adeus.

Desesperada, segurou a mão de Hayko e a apertou tão forte que ouviu o suspiro dele.

– Me tira desse lugar. Ela disse.

E então ela foi arrancada dele.

Ela acordou.

Agora que Moira descobriu que deveria ajudar Hayko a fazer a passagem, Ela não tem tanta certeza de que quer se despedir dele. Mas não há mais nada a fazer... ele não é dela para ficar.

Ou é?

Junto com os irmãos e a melhor amiga, Moira tenta chegar na raiz das coisas observando as origens do espírito maligno que mantém Hayko preso no espaço entre os mundos. É nesse momento que ela descobre de onde Hayko é na verdade, e que nem tudo pode estar perdido.

Ela e Hayko estão conectados, e só o anjo mais alto da hierarquia poderá determinar se essa conexão é temporária ... ou se deve durar para sempre.



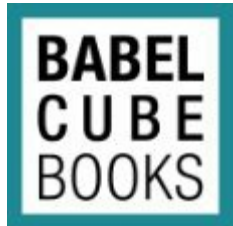
Leia a conclusão desta duologia agora! Disponível em todos os grandes varejistas.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação , mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

